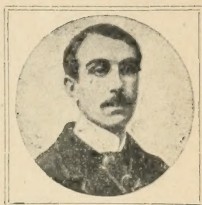
A AFRONTA A ANTÓNIO NOBRE

E' prazer irresistivel do constructor, derruir para fazer melhor.

O Editor

CÉSAR DE FRIAS

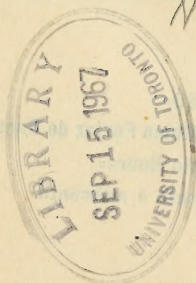
A AFRONTA A ANTÓNIO NOBRE

Saibam quantos...

I — O Poeta do «SÓ»

II — Quem é o sr. Albino Forjaz de Sampáio

III — O seu «António Nobre», obra irreverente e mercantil

LIVRARIA CENTRAL, EDITORA
14-A, Avenida Almirante Reis, 14-C
LISBOA

[1920.]

Saibam quantos...

Saibam quantos estas láudas virem que eu não quís fazer com elas uma obra de estrondo, que me pusesse repentinamente em fóco,—dado que o sr. Albino Forjaz de Sampáio já alcançou fóros de consagrado e o autor é praça recente na milícia das letras. Demais, é óbvio que, nestas circunstâncias, o que eu teria a fazer, no interesse do meu futuro literário, em vez de hostilizar aquele sr., que pontifica para aí em coisas de pseudo-crítica e anda na roda dos imortais num *tu cá, tu lá* familiar, era dirigir-lhe vários e curvadíssimos salamaleques, no intento de lhe captar as simpatias, para quando saisse a lume ter sempre sua eminência a benzer-me magnânimamente com o seu hissope. Digo-o

de começo para murchar bastardas insinuações dos plumitivos vêsgos, seus acólitos e panegiristas.

Não amo a literatura-petardo. Não. Pelo contrário. Tendo as faculdades gostativas, não sei se por excessivo requinte ou por embotamento mórbido, nada afeitas ao sabor de iguarias condimentadas de escândalo, peza-me bastante sentir que, de facto e contra a minha vontade, algum cheiro a escândalo daquí tresanda, roçando e açulando o olfacto e o apetite do público ledor gulosamente ávido de escritos em que tal excêntrico tempêro seja certo e bravo.

E muito hesitei mesmo antes de acometer esta fáina, cuja índole, pela sua tonalidade crítica, fica destoando no plano de trabalhos, que, obedecendo a um forte e actual pendor do meu espírito, eu estabelecera para o decurso do ciclo inicial da minha vida escritural, plano quási de todo em todo entretecido apenas de obras

de ficção artística. A emergência, pois, que me atirou para a tarefa presente constituiu para mim, primeiro do que para ninguêm, a maior das surprezas. Tarefa agradável e consoladora? Ou, antes, sáfara de gôzo e mortificante? Uma e outra coisa, simultâneamente, com a dupla face, risonha e carrancuda, que todos os aspectos do mundo apresentam a olhos mortais. Se agradabilidade e consôlo me ungiram a alma enquanto nela, esquecido do seu motivo nodal — o da réplica ao desageitado comentador do Poeta — falei de António Nobre, esse alto e fulgentíssimo astro do lirismo português dos últimos tempos, a que devoto a mais enraìzada e velha admiração, velha da vélhice capaz de caber nuns vinte e tantos anos,—tédio e mágua me toldaram breve as doces emoções hauridas naquela primeira parte da minha fáina, ao lembrar-me de que a executava sómente como alicerce duma outra mais áspera e para a qual, já o disse,

não só me escasseia propensão, como até se levanta dentro de mim invencível repulsa: a de impugnar quem cometeu o desacato contra a memória do infeliz Poeta, não pela pessoa atacada — que isso nada me importa — mas apenas porque um ataque não se leva a cabo sem ferimentos e sem estridor, nem se compadece do melindre dos espíritos contemplativos e tolerantes, que só a custo consentem em amarrotar a túnica branca da serenidade que os veste sob a chispante e pesada cóta de armas, forçosa de envergar para entrar em combate, sempre febril e sem tréguas, bastas vezes injusto e sem nobreza.

Mas o sr. Albino Forjaz de Sampáio assim o quís, publicando o seu último inferior e revoltante livro, e assim o quiseram também os meus irmãos mais velhos nas letras, que egoistamente se quedaram, silenciosos e neutrais, perante a afronta que ele comporta, não vindo,

arrancar a carcassa infantil e delicada do Poeta àquelas mãos profanadoras, já reincidentes e velhuscas no crime de violar túmulos de mortos ilustres. E ficar-me-ha sempre a mágua de que outras penas, mais autorisadas, mais idosas e mais hábeis do que a minha, humilde entre as humildes, — outras penas, dizia, como, por exemplo, as de Justino de Montalvão, António Patrício, Antero de Figueiredo e Alberto de Oliveira, quatro Mestres da prosa portuguesa contemporânea e, para mais, quatro ferventes admiradores do Poeta do *Só*, ou por anquilosante desdem pelo seu detractor ou por simples desconhecimento do desacato, não tivessem tido o arranco de indignação esperado, para morderem, sulcarem, vertiginarem no papel, no cometimento da empreza justiceira a que eu me arrojei, mas só quando vi que um silêncio demasiadamente longo, e possivelmente suspeito de cumplici-

dade, envolvia o delito, como se nada houvesse a objectar ao ignominioso *veridictum* e só depois de ter averiguado que ninguêm mais trazia entre mãos obra similar, que, a publicar-se, me libertaria do encargo que penosamente ia tomar sobre os ombros.

Não alimento a ingenuidade de supôr que em todos os espíritos esta defeza de António Nobre vá suscitar unânime e intenso entusiasmo e trazer-me a fôrça da sua solidariedade. Demais sei que bastantes miopemente o consideram um Poeta de órdem menor, olhando mais para o continente pequeno da sua curta obra, curta como a sua vida, do que para o ámago rico de potência lírica do seu conteudo. Eles terão sorrido, quem sabe se com prazer?, da heresia do sr. Forjaz, como sorrirão àmanhan da minha réplica, achando que exagéro e que o assunto não merece tanta importância e tanto alarme. Pois até para esses eu julgo que êste

caso não deve ser alvo de tão gelada apatia: O que o sr. Forjaz fez hoje com Anto, fá-lo ha àmanhan, como já prometeu claramente, e usando decerto de igual, se não maior, violência iconoclasta, com outras individualidades, que mais alto e florido altar disfrutem no culto da gente desdenhadora do génio de Nobre. Sôbre a pedra de alicerce desta defeza restrita e actual poderá ser erguido o arcaboiço largo do edifício da generalidade, em que tenham asilo outros casos que a todos importam.

Bem sabem: ôntem, mal tinham entrado na Morte os cadáveres, ainda quentes, de Silva Pinto, Ramalho, Bulhão Pato, correu logo, numa fúria irreverente, a cuspir-lhe sem cima. Agora, em nova sortida, sacou do sepulcrosito de António Nobre e revolveu-lhe as cinzas brancas com os estos raivosos que a mediocridade costuma ranger à vista da grandeza. E, enquanto bolsa insultos contra o Poeta do *Só*, que

não pode ter culpa de que o Destino lhe tivesse dado, e para seu mal, o que recusou ao desageitado crítico, declara não ficar por ali. Voltará àmanhan a quebrar as lousas das campas de Camilo, de Fialho, de Eça, de Cesário Verde, de José Duro, e de muitos mais, no propósito evidente de apenumbrar, enferrujar, amachucar a auréola duns, e a outros na intenção esconsa e hipócrita, manhosa e ridícula, de lhes pôr os méritos em melhor destaque, de os sacudir do pó do esquecimento, em que a sua alma, boa e piedosa da última hora, não consente que vão cair. Como se os talentos raiados de génio de Camilo, do Fialho ou do Eça, necessitassem para circular no nosso entusiasmo admirativo da apresentação gaguejada dum sr. Albino Forjaz de Sampáio!... Armou o homem em porteiro-cicerone do Panteon: salte a nomeação no «Diário do Govêrno» e dêem-lhe a farda agaloada!

IX

Mas voltemos ao sério, que o caso serio é. Demais tem sido a complacência de todos nós, ledores e escritores, velhos e novos, ante as suas arremetidas habilidosas de *jongleur* literário, complacência que já vai tomando visos de cobardia. Urge entravar-lhe o passo, pois mal irá a um povo que alarvemente se ri ou, pelo menos, não se indigna ao ver um funâmbulo no meio da praça esfarripar, caricaturar, cobrir de lama as memórias dos momentos mais altos da sua história e dos vultos tutelares e eleitos da sua estirpe! Urge despertar a consciência pública, por estas claras coisas ainda interessada, de modo a iniciar, a pôr em marcha, a intensificar um movimento de reprovação contra os processos literários do sr. Forjaz, que, obstinadamente, quási sem um eclipse, desde a sua estreia, se caracterizam pela falta de escrúpulo na escolha dos assuntos, pela carência de higiene moral, pela ostentação de cinismos e torpezas, pela ausên-

cia de superiores motivos de beleza, pelo ar artificiosamente *frondeur* das suas asserções) perseverando no êrro, tão abusado nas gerações últimas, de imbuir de pèssimismo e descrença a mentalidade hodierna, condenável catequese que nele tem ainda a agravante de não ser espontânea, sincera, mas sim filha dum cálculo menos honroso. Livro após livro, numa produção diluvial e toda numa seqùência de estampidos de morteiros, verruma-o o delírio de fugir ao esquecimento, essa suprema tortura dos artistas, mas para ele apenas o fantasma da ruina, o estancamento duma fonte de manantes proventos. O que mais teme é que os milhares, verdadeiros ou fictícios, das suas edições encontrem um dia no indiferentismo público a eclusa que imobilise e estagne a massa limosa e pútrida da sua torrente: por isso, aos pinchos, aos urros, mantendo sempre viva ao redor de si a atmosfera vermelha do rèclamo,

tem conseguido, com provas medíocres de talento, galgar vertiginosamente os póstos da gerarquia literária, onde hoje ostenta largos e doirados galões.

Pois bem: erga-se de toda a parte um brado de indignação e de reprovação contra aquele autor, que vá arrancar as cataratas aos olhos dos que, por ausência de bom gôsto e de ordenada cultura, vivem fanáticamente boquiabertos diante do seu malabarismo, e que, paralelamente, o force a parar e a arripiar caminho, sob pena de ser exautorado, de se lhe arrancarem os galões que pavoneia: ou aproveita as suas medianas qualidades de escritor em trabalho sério e dalgum modo belo, ou o público se desinteressará dele e das suas malas-artes, relegando-o para o charco em que chafurdam os líteras sem mérito e sem vergonha.

Compreende-se, quási mesmo se desculpa, o exotismo das suas *Palavras Cínicas*. Re-

presentam um *golpe de estado* literário para se apossar dum lugar a dentro do *cercle* da notoriedade, barrado herméticamente pelos consagrados. Quási todos os *novos* sentem necessidade de dá-lo, em vista do já tradicional egoismo daqueles, incapaz de se descerrar para acolher os recem-vindos. O sr. Forjaz deu o seu com um êxito pleno: as censuras e os aplausos silvaram à sua roda, foi discutido barulhentamente, decoraram-lhe o nome, compraram-lhe o livro. Assim, forçada a porta do destaque, impunha-se-lhe despir imediatamente a vestimenta vistosa e jogralesca do assalto e, compenetrado da linha fidalga da sua missão, deitar-se ao trabalho progressivo, a um trabalho pautado por normas do bom senso e inteligência equilibrada, seleccionando o pendor que lhe fôsse próprio e construindo nesse terreno a sua catedral de beleza, com voadura de arcaria conforme ao sôpro íntimo de sua insplração. Não

o fez, porêm. E não o fez até hoje, como toda a sua obra o demonstra à sobreposse, porque descobriu naquela ruim espécie de literatura de escândalo um inexgotável filão de oiro.

Ora, o seu último livro *António Nobre* não só é disso mais um documento, como até ameaça de enveredar decidido por caminho que se lhe deve desde já tornar defêzo, e onde decerto fará a mais estouvada destruição num património que é de todos nós: a lembrança venerada daqueles que, de entre a mole escura e razoirada da Raça se alçaram a atestar-lhe valores mais altos e iluminados de luz eterna, magníficas possibilidades de aquilares destinos, direitos incontestáveis à ressurreição do seu antigo e viril imperialismo, já nas energias da sensibilidade, já nas da acção.

Se o deixarmos sem freio, irá não sei a que vandálicas emprezas. Exgotado o património nacional, correndo do campo literário para o

scientífico e dêste para o guerreiro, irá depois por todo o universo, talando, rasgando, ensangùentando, destruindo. Nâo ficará pedra sôbre pedra. Estou em crer que já premeditou arrancar as barbas honradas de D. João de Castro, e consta-me que Aristóteles, assustado, lá do fundo da antiguidade, todos os dias implora de Jèová um ráio que reduza a torresmos o Átila-anão.

E' com o escopo de suscitar uma corrente de reacção contra tais processos que êste livro se publica. Tem o significado dum protesto. E' esse o seu fulcro, atravessando o pretexto de desafrontar a memória de Anto duma diatribe incoerente e especuladora. Assim ,dividi o meu trabalho em tres partes: na primeira, digo da minha impressão ante a individualidade artística do Poeta do *Só;* na segunda, fóco em conjunto a vida literária (a única ao meu justo alcance e ao do publico) do sr. Albino Forjaz de Sampáio; e, finalmente, na terceira, faço a au-

tópsia ao livro *Antônio Nobre,* a que êste meu constitúi réplica. Tanto numa como noutra destas duas últimas partes não vou com o bisturi esgrimindo à láia de navalha, acêso na vesânia de só encontrar defeitos, manchas, falências, com a cegueira que dá a paixão da hostilidade. Mas, também não quebro o gume do instrumento, para suavisar o córte, para rombamente deixar indene muita fibra avariada, numa quebreira de piedade de que o atacado não tem necessidade, nem merece, nem me agradeceria, estou certo. Não tomo senho de carrasco nem sorriso untuoso de asperzidor de água-benta. E a sinceridade que me intumece as veias do pulso na hora em que manejo a pena neste pleito é, pelo menos para mim, o bastante fiador da justiça que preside a estas páginas.

Poderiam elaster vindo a lume mais cedo, visto o livro do sr. Forjaz circular no mercado

ha já meses. Poderiam, mas não deveriam, acho eu, se bem que a maior parte dêsse atrazo se deva apenas à circunstância de só tardiamente eu ter tido conhecimento da essência da obra do sr. Forjaz, pois preocupado com outras fáinas instantes no momento em que ela surgiu, mal tive tempo de lhe ler o título, ficando-me na presunção de que se tratava duma rememoração simpática, duma análise inteligente, duma homenagem enternecida a um dos mais originais e delicados Poetas da nossa Terra. Isto, apesar do pouco, mas bastante para formar tal juizo, que conhecia da bagagem escritural daquele autor não me autorizar robustas esperanças nas suas aptidões para trabalhos dum tal jaez, requerentes, acima de tudo, de identidade poética e delicada ao serviço duma especial acuìdade crítica. Semanas depois, o acaso da leitura dum jornal atirou-me para debaixo dos olhos com o registo do aparecimento do opúsculo, registo

de aberta censura, e desvendou-me, então, o seu criminoso miôlo. Dando razão à anemia daquelas esperanças e arruinando a presunção que o seu título traiçoeiramente me impusera, o livro em debate, em vez de simpatia, compreensão, admiração, vinha só polvilhado de inveja, de insensibilidade e do desejo escuro de diminuir o renome de António Nobre. Renegando subitamente a instância das fáinas em decurso, procurei-o e li-o dum fôlego. E, ao cabo, compenetrado de que no seu autor se acentuava cada vez mais uma aguda crise de mercantilismo literário, cujos alarmantes sintomas já vinham de longe, e necessário era, portanto, opôr-lhe um imediato e enérgico antídoto, lancei-me a prepará-lo. Folhiei livros e jornais e revistas, investiguei e até me impus o pesado sacrifício de ler toda a obra do sr. Forjaz de Sampáio, evitando precipitações, sempre temíveis em casos tais, e recrutando e coordenando com segurança todos os seus

elementos. E, a êste respeito, julgo que me será lícito o orgulho de supôr que não realisei obra leviana, pêca e falha de documentação. Fica assim justificado o atrazo, e a quem praticamente conheça as canseiras e o fatal consumo largo de tempo a que tarefas desta natureza obrigam, decerto até ele parecerá exíguo.

Sairá daquí mal-ferido o sr. Forjaz? Não me regosijo com isso, creiam, nem o procurei, pois, àparte o meu desaprêço pela sua obra, não me galvaniza qualquer particular sentimento de animosidade contra ele. Respondem estas palavras aos que, entre o gentio que lhe estrondeia batuques cultuais, queiram insinuar que vim aqui saldar rancores antigos. Pessoalmente, creio que nunca vi o sr. Albino Forjaz de Sampáio. Literáriamente, estou até na convicção de que lhe devo uma fineza: a dumas referências, curtas mas elogiosas sem parcimónia, que, a propósito dum trabalhosito meu em

verso, publicado ha uns três anos, *A Luta* inseriu então, e que, embora não assinadas, me deixaram convencido, pelo toque, de que eram do seu punho. Já vêem...

Quero ainda fazer notar a esses mesmos que padecem de fanatismo pelo sr. Forjaz que não abrigo a ingenuìdade de esperar que ele, acossado por esta condenação, se vá pôr em fuga do campo das letras. Não, não é a vez primeira que esse gentio vê, com alma apertada, o seu manipanso fortemente zurzido. E ele, ora côxo, ora zarolho, ora manco, honra seja feita à sua indefectível valentia, jámais se arredou uma polegada da senda trilhada. Desconfio mesmo que já calejou e que as pancadas— metafóricamente falando, claro está—que lhe caem no lombo já lhe não fazem móssega alguma nem arrancam um pio sequer. De quatro tundas formidáveis me recordo agora. Uma, quando da morte de Silva Pinto, de que adian-

te, por oportuna, farei larga menção. Outra, a que o sr. Avelino de Sousa, sem dó nem piedade, lhe aplicou a propósito do fado («O Fado e os seus censores»—Lxª, 1912,—edição do autor—pag.s 13 a 38). Ministra-nos ali conhecimentos interessantes sôbre a nativa pecha do sr. Forjaz de não ter uma opinião sua e fixa sôbre os assuntos-temas dos seus escritos, sempre acomodatícios ao momento que passa, na busca torturada de efeitos mirabolantes, numa lógica de pé-coxinho, que, de contínuo brigando consigo própria, já não consegue crédito em espíritos rectos. Depois, temos a tunda mestra que o ilustre jornalista sr. Adelino Mendes lhe infligiu por ocasião da sua famosa negociata da ida a França à custa do pródigo papá-Estado, para escrever um livro de impressões sôbre o *front* português, e a que também mais de espaço me refiro na segunda parte dêste trabalho. Finalmente, a quarta das

que me lembram é a do *Veneno*—resposta às *Palavras Cínicas*, do sr. João Coelho, *soi-disant* escritor brazileiro, e que foi a mais infeliz de todas, pois, quer em concepção, quer em execução, as *Palavras Cínicas*, com todos os seus defeitos, valem bem mais do que esse livro de refutação, género literatura *gá-gá* de que se ria Fialho, trôpego na fórma e, para mais, com tão desgraçada revisão tipográfica, que deixa o leitor na dúvida de que o seu autor tivesse jàmais pegado numa gramática. Em pontuação, é horrível! Em resumo, faz-nos ficar com mais piedade do espancador do que do espancado. Desculpou-oo editor, * em conversa comigo, di-

(*)— Compreende-se: desculpando-o, desculpava-se, pois aqui muito à puridade lhes digo que o autor do *Veneno* é simplesmento o sr. Ventura Abrantes. o próprio livreiro-editor do livro. Seu título de escritor brazileiro é fictício e a lista de obras anteriormente publicadas. no ante-rosto do volume, fictícia é: constituem artifícios de *mise-en-scène* para melhor impôrem como nome verdadeiro o que não passa dum pseudónimo.

zendo que o *Veneno*, fôra escrito no veloz espaço de oito dias. Seria. E para que, se não havia nenhuma urgência a aguilhoá-lo, visto as *Palavras Cínicas* serem já velhas de catorze anos? Seis meses ou um ano mais para essa resposta, se não lha dariam, também não lhe tirariam a qualidade de oportuna, que, em qualquer caso, já não alcançava, e tinham permitido ao sr. João Coelho realisar obra mais capaz de merecer elogios. Como veiu a público, resultou mais do que inâne: contraproducente.

Desta feita, repito, já vêem os senhores que o sr. Albino Forjaz de Sampáio, como de costume, receberá, firme e cínico, êste meu ataque e nenhuma melhoria para ele e para nós daquí advirá, se não me secundarem todos, gritando-lhe a plena voz que se regenere e mude de processos, se quere continuar a viver literáriamente, ou que, pelo menos, não alveje para assunto das suas cabriolices escriturais mo-

tivos que quási todos nós temos como sagrados.

E, então, aos de alma delicada, aos que têem sentido, como eu, o espírito deliciosamente estrelado de emoções dulcíssimas sempre que evocam a figura estranha de Anto, o Poeta singular e infeliz do

... livro mais triste que ha em Portugal.

a esses não preciso de pedir que estejam comigo nesta cruzada. Tenho até de mim para mim que, se tomei da pena para traçar estas páginas, não fiz mais do que obedecer, por um fenómeno de telepatia, à sua dispersa mas poderosa sugestão, vibrando forte em todo o peito português, de homem ou de mulher, ainda não dessorado do *leite da humana ternura*, de que falava Shakespeare, e ainda ungido de amor por estas claras e divinas coisas da Poesia e da Beleza...

C. de F.

I-O Poeta do SO'

Nascido no Porto, aos 16 de Agosto de 1867, António Nobre incrusta os seus dezasseis anos, idade genéricamente desabrochante das energias pensantes e sensoriais do homem, e, no caso particular do Poeta, idade que se ajusta à data de publicação dos seus primeiros versos, num ambiente heterogéneo, tumultuoso, cortado de múltiplas e desencontradas exegeses filosóficas e estéticas.

Ia então por todo o mundo culto, irradiando dos empórios mentais e artísticos, um babélico *bru-á-á* de mil ritos diferentes, que atordoava os cérebros, arrepelava os nervos, elevava as sensibilidades às mais altas e esgotantes tensões. Tantos eram os Rabís, e tão aparentemente sábias e inspiradas as suas cate-

queses, e tão vistosos e louçãos os seus paramentos verbais, — que a uma consciência moça e débil, ainda em formação, e, portanto, fácil prêsa de enganadoras sugestões, não se podia deparar como tarefa branda e leve o pronunciamento por esta ou por aquela seita, arrebanhando-se empós um ou outro pastor, batendo com os joelhos nas lages dum mais próximo ou mais longínquo templo. E, assim, com mil veredas sulcando em sua frente os horizontes, quem resolvesse encetar os passos numa, ao acaso, decerto bem pálida e escassa luz de fé levaria a alumiar-lhos, visto as sébes de rosas das certezas e as paliçadas de espinhos das dúvidas, que ladeavam todas essas veredas filosóficas e estéticas, em nenhuma se apresentarem mais olorosas e polícromas ou mais acutilantes e hirsutas do que noutra, afirmando ou desmentindo ser a escolhida a que levava direitinho à Terra da Promissão da Arte.

Para mais, conspirando a favor dum lôgro, era esta a promessa ridente que à entrada de todos os caminhos, pelas mesmas palavras e em letras de palmo e meio pintadas nas mesmas alacres côres pelas taboletas, acenava ao viandante recem-vindo. Fôsse lá alguem saber qual dizia a verdade!...

Estavam, pois, convertidos em campos de feira os rincões do Pensamento e da Arte. As gentes, aos enxames, erravam de tenda para

tenda, provando, mercando, incaracterísticas, sem paladar certo. De quando em quando, os tendeiros, na exaltação ciumenta de seus elixires e panaceas, urravam entre si um dialecto bem pouco literário e digno das suas linhagens olímpicas. Chegaram por vezes a vias de facto, e como o barulho e a desordem atraíram em todo o sempre melhor do que falas e gestos mansos, a nuvem forasteira era cada vez mais espessa em redor dos gritantes mercadores. Estava ali, talvez, o gérmen do que hoje se chama—o rèclamo à americana...

Simbolismo, parnasianismo, reacções clássica e romântica, positivismo, satanismo, pessimismo, néo-idealismo, novos ímpetos da escola realista e outros fenómenos não menos de espantar, — ia por ali uma confusão doida, poeirenta, cegante. E, claro está, que no horto da poesia, habitualmente remansoso, a barafunda não era menor. Nada escapara ao flagelo.

Menino e moço, abandonado por seu destino nesta encruzilhada, como nos velhos contos de fadas, e sentindo a sua alma palpitar e abrir as asas na ânsia irrepremível de atingir as mansões do Sonho, onde encontrasse doçura e perfeição a compensarem-no das misérias da vida terrena e vulgar que os seus olhos largos e reveladores iam já descortinando em volta, que resolução tomou António

Nobre? Que vereda das mil que se lhe ofereciam o cativou mais? E em qual, por fim, decidido ou vacilante, abriu a marcha?

Em nenhuma. O seu orgulho enorme,

> Orgulho
> insupportavel tal o meu,...

peça saliente, peça-mestra do seu organismo moral, não lhe permitia seguir na esteira de alguêm por qualquer dêsses caminhos, alguêm que não visse de certeza ser maior do que ele próprio, alguêm que o não soubesse enfeitiçar pela mágica fôrça dum prestígio sôbre-humano. Não havendo ali pastor algum com os excelsos predicados, não se arrebanhou. Deixou partir nas várias direcções, para ali, para àlêm, as longas caravanas dos outros poetas, e ficou-se, no meio da encruzilhada—triste, orgulhoso e *só*.

Então, palpando, adivinhando um drama dentro de si, concentrou-se, volveu os largos olhos da sua inteligência e da sua sensibilidade para o próprio interior. Nesse ensimesmamento, não mais descansou enquanto, de entre os meandros nebulosos do mundo da sua alma, ainda na confusão dos dias do génesis, não conseguiu aperceber bem e arrancar esse drama, inteiro, ingente e convulso, para o pôr sob a bátega forte e alumiadora do seu génio poético.

Embora sotálirio, êrmo de viventes companhias, alguêm, contudo, o ia às noites, horas

mortas, acarinhar. Era uma ronda de sombras, de sombras que a sua simpatia iluminava santificadoramente, e que, à sua voz de devoto e místico chamamento, acorriam a inspirá-lo, tutelando sua obtinada pesquiza:

> Sou médio, evoco-os, noite em meio,
> Vós não acreditaes, eu sei-o...
> Deixal-o não acreditar.

Mas, que sombras seriam essas que o visitavam, noite velha? De que fantasmas a sua bruxa evocação fazia desenhar no ar caliginoso os vultos diáfanos? A' frente, vindo de muito longe, no tempo e no espaço, Shakespeare, o rival dos deuses, o portentoso criador de almas, cujas referências são bastas na obra de Anto, como

> O' Bancuos do remorso! O' rainhas Machebetts
> Da ambição! O' Reis Leais da loucura! O' Hamlets
> Da minha vingança! O' Ophelias do perdão...

nos *Males de Anto* e ainda no final da mesma poesia

> Mas uma coiza que lhe faz ainda peior,
> Que o faz saltar e lhe enche a testa de suor,
> E' um grande livro que elle traz sempre comsigo
> E nunca o larga: diz que é o seu melhor amigo,
> E lê, lê, chama-me «Carlota, anda ouvir!»
> Mas... nada oiço. Diz que é o Sr. Shakespeare.

A seguir, Camões, o grande épico da Raça,

Camões! ó lua do mar bravo!
Vem-me ajudar...

Depois, Garret, o delicado heleno que andou de joelhos a beijar a terra portuguesa,

O' Garrett adorado das mulheres,
. . . .
Que falta fazes á Lisboa amena!
Anda vêr Portugal! parece louco...
Que patria grande! Como está pequena!

Ombro com êste, Antero, o Santo, a caminho do ceu e duvidando da sua existência, com o cilício da dúvida a sangrar-lhe o espírito sem um momento de descanso.

Quero
Mas é ir, á Ilha, orar sobre a cova do Anthero

aspirava religiosamente. E pedia ao sol de Junho assim:

Sol de Junho queima as minhas estantes
Poupa-me a Biblia, Anthero... e pouco mais!

Finalmente, de tropel, com os seus mortos, seus pais, sua ama, seus amigos, todos os familiares da sua infância e da sua juventude, levados no tufão que tudo leva, Job e as demais figuras da Bíblia, dolorosas, arrepeladas, cheias de ira e de sublimidade, e, de mistura com elas, a raça lusa, a grei de outrora, a que andara no mar largo em meio de tempestades,

a descobrir novos mundos e a atrigueirar a pele no incêndio de mil batalhas, o povo de santos e de herois, a alta marinhagem da nau da Pátria, de quando ela singrara em horas divinas, sôbre as ondas altas, de alto capitaneando as outras raças e jugulando os ímpetos hostis da Natureza.

Num ambiente político nacional sórdido e desnorteado, com o seu quê de desmanchar de feira, contrastando violentamente com esse passado de prestígio e de elevação; num momento social espiralado de interrogações, em que já começavam de fermentar as lutas temerosas que nos angustiam hoje; numa época de demolição das velhas crenças e dos velhos ideais e de ensáio de novos sistemas filosóficos, mal nascidos, logo moribundos; num período de assalto feroz a tudo que a tradição fortemente enraìzada na alma humana ungira de fé, sonho e espiritualidade; enfim, num ambiente tenebroso, num momento rugidor e revolucionário, numa época irrequieta, num período de transição dum estado de coisas, que se dizia mau, para um outro, que, envolto ainda na poeirada do que ruia, não se descortinava melhor nem mais belo; — qual a saude imperturbável e mansa que poderiam gosar os espíritos que medravam nessa convulsa e decadente era de ha trinta e tantos anos, em que António Nobre desabrochou o seu espírito fino

e melindroso? A mesma que nós, os de hoje, com esses trinta e tantos anos passados, podemos gosar, uma saude precária, débil, cortada de dolorosidades e desânimos suìcidantes, pois cada ano que sôbre esse tão próximo ôntem tem corrido não tem feito mais do que trazer novos e terríveis problemas aos nossos cérebros, novos e sangrentos dramas aos nossos corações. Teem-se acogulado nos horizontes mais nuvens negras de tragédia, e o ar, cheio das emanações pútridas do cadáver da velha ética, que dia a dia mais se pulveriza, aos ponta-pés da turba truculenta, já fede, asfixia, intoxica. Vejam-se os costumes, o congestionamento das cidades, o êxodo dos campos, o referver das ambições, a sêde do ganho, o luxo sem freio, o alastramento dos hospitais e das cadeias, uma torrencial literatura feita quási só com taras e anomalias. E, no meio disto, quem ousará, pois, escancarar a boca num riso aberto, vibrante e triunfal, num canto argênteo e apoteótico? Quem, àlêm das crianças, cuja ignorância da vida as imuniza do desgosto pelo mundo actual? Quem, de entre os adultos, senão os ébrios e os loucos?

Assim: com um meio tão crispado e incerto a envolvê-lo; com aqueles elementos dc cultura, a Bíblia, Shakespeare, Camões, Garret, Antero, como alimentos predilectos do seu espírito; com o seu enorme poder de evocação,

exercendo-se, ora sôbre a ridente e despreocupada quadra da infância, ora sôbre a virilidade esplendente da sua raça; e, para mais, com o seu organismo fraco de doente do peito, juntando a tortura física à tortura psíquica originada nos males do mundo: a poesia de António Nobre não poderia resultar diferente da que ele nos deu — triste, elegíaca, febril, ladaìnhante, supersticiosa, sombria, desesperada, macabra, mas, acima de tudo e como melhor importa, radicalmente portuguesa, profundamente sincera, magnìficamente lírica e bela.

Se exagêro parece haver por vezes nos seus lamentos, saidos duma concepção unilateral e pessimista da vida, é que o dom da profecia, peculiar aos grandes Artistas, vibrava vigorosamente nele: sendo desolante o aspecto do mundo do seu tempo, o Poeta não via sinal de mutação à sua roda, não via que um movimento de reacção operasse a alelúia daquela sexta-feira de paixão. Pelo contrário. A directriz acentuada dos espíritos era exactamente para o pioramento dessa decadência das sociedades. E mentiu-lhe o seu sentir profético? Dê corajosamente a resposta algum de nós, que, vivendo neste pandemónio actual, não seja por completo cego de entendimento...

Filho legítimo do consórcio dum temperamento doente com uma época de decadência,

o *Só* tem, portanto, na sua parte restrita, individual, subjectiva, a maior, o valor duma minuciosa auto-biografia, e na sua parte objectiva, geral, humana, o dum símbolo, cristalizando nas suas estrofes as queixas do mal-estar não só da nacionalidade, como do universo, ou, pelo menos, dos povos gastos da civilização europea mediterrânea, cujas energias exaustivamente se aplicaram durante séculos, em esforços talvez superiores às suas faculdades.

A Morte tornou-se, portanto, o motivo central da sua inspiração. Viu que para ela a gente caminha a cada passo dado na vida. No torvelinho de incertezas em que a consciência do homem se debate, só ela se divisa como certa, como inegável, como isenta dos desequilíbrios que em tudo o mais se constatam. Cogita a sciência em desarmá-la, estala os crâneos no interior dos laboratórios no intento de lhe opôr uma defeza indestrutível, e, nessa cogitação profunda, nada resolvendo, mais dela se aproxima, definhando ou caindo nas fáuces da loucura, sua filha. Procuram-se alegrias, prazeres, horas brandas, e tudo isso apenas com o fito de nos esquecermos dela, de nos iludirmos, julgando que ela nos perdeu a pista. O artifício é vão. A máscara que lhe pomos mal a cobre, e os nossos olhos pávidos não cessam de vê-la, ora longe, a seguir-nos, silenciosa,

ora perto, deitada na nossa cama, sentada à mesa na nossa frente, rindo escarninhamente no olhar e nas gargalhadas da mulher amada. O seu hálito transe-nos. Pelos crepúsculos, aninha-se nos recantos da nossa saleta, coalhados de sombra, e, de quando em quando, numa lúgubre carícia, avança para nós o seu enorme vulto de carne tecida da própria sombra, lança-nos os braços em volta do pescoço e beija-nos num beijo gélido, que nos sacode o corpo num arrepio de passamento. E' a mais constante enfermeira de todos os enfermos. Solícita, não despega do seu leito dia e noite. Ninguêm, por mais só que se julgue, sofre do seu abandono. Ronda, ronda sempre em redor de nós, em passos furtivos, iguais, imperturbáveis. Insensível às nossas lisonjas, na intenção de desarmá-la, sorri-se com bonomia do nosso infantil estratagema e não se suborna por coisa alguma do mundo. Se a insultamos, raivosos de nos sabermos impotentes para fugir ao seu jugo, sorri-se ainda, ainda e sempre, certa da sua prêsa, zombando da nossa ráiva inútil, ocultando-se um pouco às vezes, para logo de novo e mais perto nos surgir, rondando, rondando, solene, enorme, feiticeira, hipnótica, dominadora, imperial, divina, cheia do encanto do seu mistério, o maior de todos os mistérios, que tanto nos aterra, para melhor nos seduzir.

Foi assim que Anto vislumbrou a Morte. Elegeu-a para sua noiva. Vestiu-lhe o colo das jóias mais preciosas do seu lirismo opulento. Prostou-se-lhe aos pés na mais incondicional das venerações. Rezou-lhe as jaculatórias mais rendidas. Teceu-lhe os epitalâmios mais ardentes e nupciais. E ninguêm, de certo, nenhum poeta dos modernos ou dos antigos tempos, soube dirigir-lhe as frases de possessiva ternura que Anto entoou à sua beira. E, por isso, comovida, enternecida, quiçá pela vez primeira na sua existência de desapiedada e álgida, a Morte escutou-o sem sobranceria, sorriu-lhe com doçura, chamou-o a si amorosamente, abriu-lhe de par em par as portas do seu palácio de mistério e sonho, deitou-o aconchegadamente no seu tálamo negro de mil vezes possuida e, contudo, sempre virgem e sempre casta.

Ficou-nos dêsse amor desvairado, dessa paixão sem freio, a mais formosa e sentida colectânea de epístolas passionais que a nossa literatura possúi: o *Só*. Ao enformá-la, dela irradiou o Poeta as poesias mais brandas, realisadas nos armistícios das suas dores, doces confissões enamoradas perante uma mulher, suaves desabafos de pequenos afectos, que de modo algum chegaram a constituir traições àquele absorvente cuidado pela sua Maior-Desejada, a Morte. Ali, no *Só*, procurando

imprimir-lhe um tom de unidade, enfeixou, pois, os mais altos gritos do seu desespêro, do tédio que o torturou enquanto teve de esperar no mundo o dia das suas voluptuosas bôdas, da sua ansiedade sôfrega por ir descansar a cabeça no regaço misterioso da sua estranha Bem-Amada. Lê a gente o *Só* e tem a ilusão de que passeia num fúnebre jardim da florações gigantescas e exóticas, em que um sôpro ignoto e músico, de dedos subtis, desfere as liras das folhas e das pétalas e faz esvoaçar no espaço o sussurro harmonioso, mas grave e acabrunhante, dum *De profundis.*

* * *

Depois de longa peregrinação pelo mundo, parte dela buscando a saude que lhe desertava velozmente do peito, peregrinação de que ficaram muitos marcos nas datas dos seus versos, a 18 de Março de 1900, em Carreiros (Foz do Douro), com trinta e tres anos incompletos, levou-o a tísica, — disse a medicina. Só ela? não acredito. Assim como não acredito que, sem essa circunstância da sua doença, António Nobre viesse a realisar uma obra totalmente diferente da que deixou ao nosso culto, isto é, uma obra mais optimista, mais consolada e consoladora, mais ciosa e amante da vida. Embalde me citarão certos trechos das ***Despedidas***, seu livro póstumo, e dêsse volume inédito dos ***Primeiros versos***,

assim como o seu plano de obras, razoavelmente longo, encontrado entre os seus papeis particulares, e que atinge meia dúzia de títulos, ou ainda passagens da sua correspondência para amigos, tendo fé na cura e em dias melhores, — embalde me citarão tudo isso a abonar a presunção da sua existência literária poder ter tomado outro rumo mais claro e desassombrado de amargura, se viesse a prolongar a vida. Não foi apenas a doença que o matou — repito. Ela foi sómente o detalhe, a fórma, o instrumento. Mais do que ela, matou-o o meio, matou-o o ambiente da época em que nasceu e dentro da qual o destino, só por engano, o pusera. A síntese das suas queixas podia bem ser igual à dum outro inconsolável, Musset, cujo grito maior foi: *Je suis venu trop tard dans un monde trop vieux!* Matou-o a sua sensibilidade de grande Artista, de extraordinário Poeta. Não podia acomodar a grandeza do seu espírito na estreiteza do mundo. Sentia-se asfixiado, encarcerado. Como todas as inteligências do tempo, rudemente açoitadas por um vento de negativismo, e a êste embate abrindo brecha nos alicerces, a sua tambêm sofreu o choque, e disso só resultou amargura, abatimento moral, asténia da vontade. Não repudiou por inteiro as suas crenças, mas não conseguiu manter o espírito impermeável à endosmose tóxica e destruìdora.

A sciência trazia então como escopo despir a vida de todos os altos atributos que a poesia e a religião lhe haviam emprestado. Ficava um êrmo a existência. O homem reduzia-se à proporção do bípede vulgar, descendente do símio. Murchavam ao seu hálito os hortos do sonho. Secavam-se as fontes e mirravam-se os pomos da idealidade, e não mais, portanto, as almas insatisfeitas teriam onde mitigar suas fomes e sêdes.

E, então, a de Anto, que pela sua condição de *excepcional*, mais sôfregas e ardentes sentia essa fome e essa sêde de ideal, como poderia subsistir dòravante? Se os seus pulmões se não tivessem tão cedo, ou mesmo nunca, desfeito em sangue, é possível, lógico mesmo, que a sua *maneira* tivesse evoluido, afastando-se dos extremismos subjectivistas, fatais no primeiro ciclo de todos os Artistas, ascendendo a uma objectividade mais serena e desentranhando, assim, do seu estro potente e magnífico mais dois ou três volumes de belos poemetos. Teria dêste modo deixado completo o seu lindo poema *O Desejado*, tão imbuido de sentido pátrio. Mas isso não bastaria para o acorrentar, resignadamente, à vida coeva, chan e baça. A imperfeição das coisas e dos seres postos à sua beira, num contacto forçado e quotidiano, imperfeição inconvertível ao influxo da sua vontade, imperfeição tornada orgânica e

fixa, e que, para mais, não só lhe afrontava a sensibilidade delicada, como até lhe penetrava o espírito, contagiando-o da sua fealdade, manchando-o, apoucando-o, — havia sem dúvida de lhe desenrolar o cruel dilema: ou se integrava na vida mesquinha, amesquinhando-se, é bem de ver, ou seria impiedosamente triturado na sua bárbara engrenagem. E não será de presumir antes a sua intransigência de que a sua rendição? Acrescente-se a estes motivos de desgôsto pela existência ainda uma outra condição, tambem fatal na maioria dos verdadeiros Artistas. O aparecimento de antimonias, umas vezes entre a sua saude e a sua ânsia de correr aventuras, esta forte, aquela débil, outras vezes, as mais, entre o espírito suave e cheio de requintes que lhes abaüla o peito e a sociedade em que o seu destino os põe a viver. E começa então, feroz, despedaçadoramente, o pleito entre os contendores, pleito que finda sempre pela derrota sangrenta dos Artistas, que na sua especial natureza de ser encontram, não um auxiliar, mas sim um inimigo mais a corroer-lhes o aço das suas cotas de armas, pouco a pouco rendendo-os inermes e exaustos à truculência do inimigo externo. Esteve António Nobre sujeito a esta condição, todos o sabem. Paradoxalmente, mesmo os da sua roda, literatos como ele, que se sentiam atrair irresistívelmente pela originalidade do seu talento, não deixavam de

acidular com despeito e inveja a sua admiração.
Em Coimbra, os lentes reprovaram-no dois anos e os condiscípulos regosijaram-se sem rebuço com estes seus desastres nos estudos oficiais. Teve de desertar e ir fazer o curso a Paris. E foi sempre assim, enquanto em vida, por toda a parte onde passou. Queriam ajustá-lo à craveira vulgar. Excedia-a? Apedrejavam--no. Faziam-lhe pagar caro o prestígio do seu estro, o encanto que de si emanava, o poder pessoal de que impregnava todos à volta. Por isso, ainda os que mais ou menos com ele tinham afinidades, não hesitaram em bandear-se com o vulgo, para a vingativa conjura. Sabendo-o ávido de companhias reverentes, afastaram-se dele, fizeram-lhe em tôrno o vácuo e o silêncio, no intento criminoso de o matarem à míngua dêsse sagrado pão que era indispensável à sua alma — a simpatia. E conseguiram-no. Couraçava-o férreamente o orgulho, mas a violência dos ataques excedia a fortaleza da couraça. Num dado momento sentiu-se perdido, derrotado, sem um arrimo sequer, louco D. Sebastião batalhando entre a chusma de infieis, apenas seguido do seu agoirento áio, o tédio. Nem uma das suas quimeras soubera persistir em acompanhá-lo até a morte, denodadamente. Transidas de cobardia, deixaram-no, a distância bastante da linha de batalha. E quási o viram cair, trespassado, exangue, sem soltarem pie-

dosamente um grito, um ái, um soluço. Até o Amor, o condestável dos Poetas, se rendeu bem cedo. Culpa de Anto? Talvez. Quís demais. Debruçou sempre a sua alma nos olhos das mulheres com a mira de ver o ceu, quando não é essa a paisagem, mas sim a da volúpia, para onde essas janelas encantadas olham .A *Purinha*, essa miragem maravilhosamente linda, exprime bem o seu sonho romântico e errado de buscar anjos na terra, seres sobrenaturais com belezas célicas e virtudes de milagre. Por isso, o Amor, não lhe podendo ofertar o impossível, como a amisade, e como tudo o mais, o abandonou também. No ardor do combate, animou-o apenas o ritmo forte do coração dos símples, os pegureiros e pescadores da sua terra, em que, tal como no coração dos búzios, vago e distante, ressôa o marulhar das ondas largas, ele escutava a grita audaz e épica da raça lusíada de outróra.

Caiu por fim. O seu Alcácer-Kibir foi num leito de doença. A lançada que lhe trespassou o flanco, arremessou-lha a tísica. Reatando e repetindo: esta foi méra comparsa na tragédia. Coube-lhe, por acaso, dizer a frase final. Desconsolado, traido, *só*, mesmo que a doença se lhe não tivesse enamorado dos pulmões, não morreria de velho. Mais dia, menos dia, roída a sua alma pela nevrose do talento, por essa outra incurável e galopante

Tysica de alma...

chegaria a hora turva em que o seu braço se ergueria à altura do peito ou da fronte, empunhando o revólver libertador, quebrando os grilhões que o jungiam ao mundo de misérias, descerrando-lhe em frente a Jerusalem eterna, onde habitava a sua feiticeira noiva, de sorriso imutável e de misterioso encanto. A 11 de Setembro de 1891, quási nove anos antes, vira ele partir dêsse modo violento para a Cidade Santa um dos seus fantasmas tutelares. Se não fôsse, pois, o episódio da tísica, iríamos hoje encontrar António Nobre incorporado na teoria dos nossos grandes suicidas, como irmão de Antero, Camilo, Soares dos Reis, Trindade Coelho, Manuel Laranjeira, todos esses, que, sentindo suas almas de eleição com as largas asas prisioneiras na estreita gaiola da vida, só viram uma solução — quebrarem-lhe as barreiras e arremessarem-se para o Infinito.

* * *

> Uma criação de Deus, mas incompleta:
> Aguia, encerrando um coração de pomba,
> Cedro que dava folhas de violeta!

Nestes trez versos da poesia *Ca(ro) Da(ta) Ver(mibus)* parece Anto definir-se, com uma assombrosa clarividência.

Mas êste e outros conceitos que no *Só* abundam, cheios de altivez e de convicção no próprio valor, e até coerentes com as doutrinas

que, a despeito das tendências democráticamente niveladoras já então eclodindo com vigor, prenhavam a atmosfera mental da época, doutrinas de forte crença na acção dos super-homens, tendo Carlyle, Emerson e Nietzsche por apóstolos-pontífices, — êste e outros conceitos, dizia, serviram de certo modo aos detractores de Nobre para o apodarem de vaidoso, exibitivo e ávido de notoriedade rápida.

A incompreensão dos Artistas pelo comum das gentes, às vezes, como neste caso, reforçada pela inveja dos que já pertencem a uma esfera superior, é reincidente no velho êrro de julgar aqueles à sua imagem. Não busca elevar-se, nivelar-se com eles nos seus momentos de genial intuìção, meter-se na zona da áurea claridade que lhes dimana da alma e do cérebro. Em vez disso, e embora aproveite e muito da sua acção, urde-lhes de rastos e ferozmente as maiores armadilhas, pretende aluir pela base o Sinái onde eles se erguem na inspiração que topeta o ceu, fórça por inquinar-lhes a fonte de Juvência onde se alimentam de ideal, na ânsia bastarda de os ver, quando derrubados, iguais a si, pigmeus e míseros, integrados na massa amorfa. Quando menos, comete o desacato de traduzí-los para figuras banais e isentas de prestígio.

Ora, porque se ha-de julgar um produto artificial e rebuscado a excentridade de António

Nobre, e não um fruto espontâneo da sua especial estrutura íntima, impossível de arrancar da árvore humana donde brotara, sem a mutilar? Para mim, a chamada naturalidade, feita de simpleza charra, das maiorias, é que seria nos marcados na fronte pelo fatídico sinal dos raros um preciosismo monstruoso, um abôrto condenável e falso, por estranho aos seus organismos de excepção. Devemos tomar o mundo tal como é: vário, desigual, matizado de contrastes, não apedrejando os que fogem ao figurino previsto e à fórmula corriqueira.

Aliás, toda a mocidade talentosa é atreita a ímpetos exibicionistas, perdidos mais tarde por completo, e mais acentuados nuns ou mais ténues noutros, conforme os temperamentos. Nem Antero, cujas ambições literárias foram sempre tíbias, não publicando as obras senão a vivas instâncias dos amigos, e, para mais, se tornou no vulto de íntegra e magestosa beleza moral que todos admiramos, — nem ele foi escapo a esses ímpetos moços. Dizem os seus biógrafos que em Coimbra bastante cultivou a excentridade.

Mas, focando sob êste prisma António Nobre, e àparte a porção fugitiva que dessa pecha geral à mocidade lhe caberia, que outros motivos se deparam para à sua singularidade ser atribuida a índole dum arranjo, duma intenção, dum postiço? Pois não o contradiz com elo-

quência o facto do seu isolamento em Paris, isolamento de monge, e, sobretudo, o caracter nacional que se obstinou em vincar no *Só*, apesar da sua elaboração ter decorrido quási toda longe de Portugal e entre o tumulto de civilizações intensas e absorventes, em promiscuidade com novas e arrevezadas estesias? Enquanto ele, num ambiente estrangeiro, não se estrangeirava e ficava fiel ao espírito da sua grei, outros, e tantos, escritores portugueses, sem pôrem sequer um pé fóra da ráia, apenas por snobismo, cuidavam de entornar nos seus livros ideias estranhas, na avidez dum sucesso retumbante, em cabotinas estilisações da paisagem e da fáuna humana alheias, deixando as próprias em afrontoso repudio.

Em refôrço dêste argumento, cólho em os *Serões* de Março de 1909, dum pequeno artigo intitulado «Antonio Nobre» e assinado pelo pseudónimo «Lia», os seguintes dizeres testemunhais:

«Ha dias estive a lêr, ao acaso, versos de Antonio Nobre, nas ***Despedidas***, livro melancolico, publicado já depois da morte do auctor. Isto fez-me recordar algumas horas da vida d'esse poeta, que passou pelo mundo rápidamente, deixando em muitos espiritos a inolvidavel suggestão do seu doloroso talento. Essas horas, insignificantes para elle, e de que, certamente nenhuma lembrança lhe ficou, fixaram-

se-me na memoria, pois foram as únicas em que tive occasião de vêl-o, de ouvil-o conversar, de apreciar o seu espirito suavemente sombrio.

«Eu não, conhecia Antonio Nobre. Uma noite, ao entrar em casa da familia d'um amigo seu, disseram-me:

« — Sabe? — Vem hoje cá o Antonio Nobre.

«A noticia não me alvoroçou. Interessava-me pouco o poeta, cujos versos não comprehendia.

«Antonio Nobre appareceu e entao comecei a perceber o dominio que exercia em todos que se approximavam da sua estranha personalidade. E exprimo-me d'esta fórma absoluta, por que vi, n'aquella noite, o encanto invadir, sem excepção, as pessoas que o rodeavam.

«Antonio Nobre era n'esta época, 1898, um homem de figura delicada, rosto pallido, expressivo, completamente rapado, o que mais deixava admirar a finura extrema das suas feições, especialmente a bocca, tão correcta, de linhas tão suáves, que ficaria bem em rosto de mulher. A fronte ampla, começava a tornar-se ainda maior pelo rarear do cabello, e n'aquella physionomia um pouco fatigada e doentia, os olhos abriam-se enormes, escurissimos, profundos, admiravelmente bellos.

«O poeta estava vestido negligentemente, calçava umas botas deselegantes e solidas. Achei-o despretencioso, como indifferente ao effeito que a sua presença produzia. Eu tinha

ouvido algumas vezes accusal-o de vaidoso, mas não me deu essa impressão a sua attitude. Pareceu-me que n'elle a idéa do proprio valor, era uma convicção e não uma vaidade.

«Acceitava o facto simplesmente, conscenciosamente, e referia-se a isso com toda a naturalidade, como a coisa que não merecesse admiração. Pelo menos foi isto que julguei vêr.

. . . .

«A sua maneira de conversar prendia, impressionava, penetrava. A voz lenta, grave, um pouco velada, com umas leves intonoções de ironia, deixava cair as palavras serenamente, e poucas vezes as suas mãos pallidas acompanhavam com um gesto o que dizia».

E, ainda melhor do que êste testemunho, encontro no 1.º volume das *Memorias* de Raul Brandão, o grande prosador hodierno, um irmão gémeo de Dostoiewski, nascido sob o ceu português, estas páginas de evocação do Poeta, formidáveis de sinceridade, num bater de peito, contrito e comovente, que espanta:

«18 de Março-1900.

«Faz hoje annos que morreu Antonio Nobre. Em pequeno ia com Eduardo Caminha * en-

---

(*) Eduardo *Caminha?* Deve ser antes Eduardo *Coímbra*, o malogrado poeta dos *Dispersos*, morto aos 18 anos, e a cuja memória António Nobre escreveu as seis quadras da poesia *Sepulchrosito*, publicadas no n.º 6 da 2.ª série de *A Aguia*, com uma nota do autor

terrar os seus versos no jardim solitario do Palacio, e pedia, com os olhos límpidos e sofregos, uma Biblia para repousar a cabeça quando o levassem no caixão... António Nobre usava uma abotoadura de cabeças de pregos e sorria com um modo e um ar de ternura e desdem. Fugiam d'elle antes de publicar o *Só*; os poetas do seu tempo odiaram-no depois de publicar o *Só*. Ser diferente dos outros é já uma desgraça; ser superior aos outros é uma desgraça muito maior. Viveu sempre isolado... Entrou na morte como tinha vivido — só.....

«Digamo-lo, digamo-lo... No fundo detestaram-no, detestaram-no todos. Não lhe puderam perdoar a impertinencia, o desdem, o genio. Era um sêr diferente. Não agradava a ninguem. Só as mulheres o amaram. Era um Poeta. Desconheceu a vida pratica. Tinha a consciencia do seu valor, e uma superioridade que se não podia aturar. Estavamos todos mortos por nos desfazermos d'esse ser aparte, d'esse eterno consul sem consulado, d'esse estudante de Coimbra que os lentes reprovavam e que nos fazia sombra. Mas debalde o arredámos: houve

---

indicando, bem explicitamente, qual a sua intenção—comemorativa do enterro feito em 1883 de versos de ambos na gruta de Luís de Camões, no Palácio. Também a poesia do *Só, Ca(ro) Da(ta) Ver(mibus)* diz: «Memoria a J. d'Oliveira Macedo, Eduardo Coimbra, Antonio Fogaça».
C. de F.

uma coisa nova que passou no mundo e que ficou no mundo—que nos ficou na alma ..

«Agora estamos todos apaziguados, todos podemos esquecer a superioridade, a afectação e o desdem infantil de Antonio Nobre.

«Foi para a cova completar trinta e tres anos n'um dia de chuva como este, frio e sujo, o poeta insolente como um principe e adoravel como uma creança. Quantos estavam alli á beira do tumulo? Meia duzia escassa, o Frei, o Justino, o Eduardo de Sousa, eu — e quem mais? quantos mais? Os jornaes deram a sua morte em duas rapidas linhas. Respirou-se.

«Hoje é um dos poetas portuguezes com mais admiradores. E' um poeta de simpathia. Nunca teve sorte senão depois de morto. Porquê? Porque não misturou, como nós todos, o sonho com a vida pratica. Ao contrario, raros homens terão posto tão de acordo a vida com o sonho. Fez mais: suprimiu a vida. Correu o globo e só a si proprio se encontrou. Viu o mundo e nunca assistiu a outro drama que não fosse o da sua alma. E poentes, arvores, estrellas ou pedras, entraram-lhe no coração como espadas. Nenhum outro exprimiu d'uma forma tão sua o universo. Que universo, dirás? O meu? o teu? .. Não, o que elle descobriu, scismando como um navegador, á proa do seu barco... Por isso nunca hão-de faltar sonhadores que evoquem essa singular figura de

poeta, que uma vez atravessou a terra, soluçou, monologou como Hamlet e sumiu-se logo no sepulchro».

Êste corajoso «mea culpa» chancela de verdadeiro o que afirmei, pois. Acompanha-o uma impressionante gravura «Antonio Nobre no caixão», nunca reproduzida, creio, em qualquer dos trabalhos até hoje publicados sôbre o Poeta. Apresenta um aspecto muito diferente daquele que todas as outras suas conhecidas fotografias nos dão. Mais velho, o cabelo mais escasso, o bigode crescido e farto caindo ao abandono sôbre a boca, a barba tambêm envolvendo-lhe cerradamente o queixo, tais como ele não usou, — estas divergências fisionómicas, em relação aos retratos vulgares, tornam-no irreconhecível à primeira vista. Mas, se lhe fixarmos os olhos — apesar de cerrados, ó caso estranho! — logo o reconhecemos e identificamos. São os seus olhos, não ha dúvida! Ás suas pupilas magas, largas e expressivas, cobrem-nas ciosamente as pálpebras, mas a gente, não sei porquê, adivinha-as, *vê-as*, negras, brilhantes, profundas, misteriosas, carregadas de sonho, voltadas decerto para o oceano da eternidade, como «navegador, á proa do seu barco», que foi, no dizer de Raul Brandão.

Destacando-se na alvura da camisa, do colarinho e da gravata e emergindo de entre tufos de hervagem e flores, parece até que a sua

cabeça de dolorido ostenta já na barba e no bigode bastos fios de prata, a mascararem com uma velhice prematura os seus trinta e dois anos de plena vida. Fôra a Morte, talvez, que, sentindo-se mais velha do que ele, — oh! muito mais velha! — para dalgum modo atenuar a diferença entre a idade própria e a do seu noivo, assim procurou aproximá-lo mais de si, envelhecendo-o, num assômo violento de ciume . .

* * *

De António Nobre, poucos ou nenhuns inéditos, no sentido rigoroso do termo, existirão hoje, visto *A Águia*, da Renascença Portuguesa, do Porto, num carinhoso preito de admiração, se ter dado já por diversas vezes à louvável tarefa de publicá-los, chegando mesmo, àlêm de editar o *Só*, a fazer do n.º 10 da 1.ª série, de Julho de 1911, como que um opúsculo especial em sua memória. Trouxe aí a lume muitas poesias nunca anteriormente dadas à estampa umas, outras que o tinham sido mas não no *Só* nem nas *Despedidas* e, por isso, quási intangíveis para o prazer espiritual de muitos dos devotos do Poeta, soterradas como eram em páginas de jornais e revistas efémeras, e outras ainda que a mão de Anto, súbitamente enfadada, numa dessas rajadas de tédio que tantas vezes enegreciam o firmamento claro do seu estro, afastara de si, a meio da realisação, e para

sempre ficaram incompletas, mutiladas na sua beleza. Capitaneou essas poesias um desenho de António Carneiro, soberbo pela interpretação psicológica dos seus traços, em que o lápis bruxo do artista-pintor nos deixa adivinhar o mundo complexo de pensamentos e sensações que tumultuava no íntimo do Poeta. Seguiram também esse retrato tres curiosas reproduções fotográficas e o *fac-simile* dum autógrafo de Nobre. É êste número da excelente revista portuense, sem dúvida, um valioso e imprescindível subsídio para o estudo completo do Poeta que se faça algum dia. Mais tarde, ainda ela voltou, em vários números da 2.ª série, a inserir novas poesias de António Nobre, também exiladas dos seus dois únicos livros, e que, futuramente, como é de justiça, se encontrarem vontade piedosa e amiga a coligí-las num volume, — reavivando o antigo propósito, logo tomado quando da impressão das *Despedidas*, e primitivamente cometido a Justino de Montalvão, creio, — com outras se arregimentarão de modo a formar o texto dos *Primeiros versos*, livro anunciado mas nunca vindo a lume, atirados de prestes os versos que o compunham para a penumbra empoeirada dos papeis íntimos e avulsos, não sei eu e não sabe ninguêm ainda hoje ao pêso de que rasoáveis motivos.

Assim, se me não é concedida a honra de va-

lorizar estas páginas com quaisquer produções de Nobre absolutamente inéditas, quís, contudo, um benéfico lance do acaso que me viessem cair entre as mãos uns recortes de jornais antigos com versos da sua primeira fase, já documentando exuberantemente a riqueza do seu temperamento lírico e, sobretudo, interessantes pela naturalidade, pela frescura da *maneira*, então ainda bafejada por um espírito que trazia o sol doirado da mocidade alegre a bater-lhe em cheio, scentelhando-o de excelsa graça, de fina bonomia, e mal deixando pressentir a aproximação sombria do pessimismo, que pouco mais tarde havia de começar a perseguí-lo pela vida fóra, braço dado com a doença, em conúbio trágico, para um apadrinhamento sinistro e mortal.

Como nenhuma das poesias que seguem faça parte dos livros do Poeta ou das exumações de *A Águia* realisadas até o presente, nem mesmo as tenha eu visto citadas por algum dos muitos escritores que, episódicamente ou longamente, teem versado a individualidade de António Nobre, concluí estarem elas em absoluto esquecidas, e, dêste modo, já que um feliz acaso mas desvendava e punha sob os olhos, me competia divulgá-las aqui.

É esta a contribuìção que posso deixar ao coleccionador que àmanhan surja a enfeixar as composições poéticas do ciclo inicial do

Poeta, a sua primeira colheita de frutos de Beleza, de Graça e de Sonho, doirados e saborosos para quem os vê e lhes saboreia apenas o inebriante sumo da pôlpa, nem sequer adivinhando quanta dor dilacerou, triturou, rasgou primeiro as entranhas maternais do espírito criador que atirou para a luz solar, e em fórma tão generosamente comunicativa, essa colheita magnífica.

Pequena contribuìção, sim. Mas, reconhecendo a sua modéstia, não a considero, todavia, importuna.

Faço transcrição fiel, respeitando rúbricas e ortografia:

O ECLIPSE

(24 de setembro de 1884)

N'aquella tarde eu contemplava, ancioso,
A lua das marés:
Ia ver um phenomeno curioso,
Pela primeira vez.

Desde as sete horas que eu me achava prompto,
Pois vinha no jornal
Que se daria, ás sete e meia em ponto,
O eclypse total.

Na praia, Miss! áquella hora havia
Enorme sensação:
Enthusiasmada, a gente discutia
Com o oculo na mão

E como, é certo, com a vista núa,
Tam fraca e tam subtil,
Tu não podias observar a lua,
Astronomo gentil,

Um moço poeta, rouxinol das praias,
Um oculo offereceu
A ti, meu doce Ptolomeu de saias,
Geometra do céu!

Assestaste-o, mas nada: uma imprevista
Mancha aos teus olhos sáe,
Pois que estava graduado pela vista
Do teu velhinho pae..

Da praia, entanto, na deserta areia,
Caia o luar a flux,
E nos céus fulgurava a lua cheia,
Cheia de tanta luz,

Que tu, imaginando ver da aurora,
O lucido arrebol,
Disseste: «Estou capaz de abrir, agora,
O meu chapéu de sol . »

Unica phrase que tombou, creança,
Do roseo labio teu,
Porque depois, — que súbita mudança!
Tornou-se escuro o ceu ..

E a lua, a pouco e pouco desmaiando,
Sumia-se no ar,
Como se um monstro a fosse devorando,
Na sombra... devagar...

Á luz da lua succedeu a treva,
Treva de horror sem fim,
Côr dos teus olhos, deliciosa Eva!
Meu pallido jasmim!

E ao ver-me só nas trevas, de repente,
Clamei por ti, clamei...
E interrogando a multidão, a gente,
Em vão! Não te encontrei!

Ah, bem dizem as lendas, os adagios,
E as bruxas do Sabbat,
Que os eclypses da lua são presagios,
Sinaes de coiza má!

Por isso o Mal com sua garra adunca
Me separou de ti,
Pois que tu nunca mais me viste, nunca!
E eu nunca mais te vi...

E, hoje, nas trevas sepulchraes e calmas,
Eu vivo, por meu mal:
É que tambem se deu de nossas almas
O eclypse total!

Do livro, no prélo: «Alicerces».

Antonio Nobre.

Tem esta poesia a nota interessante, por nova, de denunciar o título dum livro *Alicerces*, que não consta do «Plano das obras de Antonio Nobre», publicado pelo sr. Visconde de Villa-Moura no seu notável livro *Antonio*

Nobre (seu genio e sua obra) o único trabalho de vulto inteligentemente urdido, que até a data alguêm deu a lume sôbre a figura do Poeta, porque não se detêm nele a catalogar poesias, na ânsia comezinha e burocrática de lhe abrir assento de baptismo nesta ou naquela escola literária, mas sim, armada a sua observação com a melhor e a mais subtil das lupas, que o seu próprio temperamento de Artista lhe forneceu — na quási plena identidade de duas maneiras de ser psíquicas, a de si mesmo e a de Anto,— desceu ao íntimo dêste, a sondar-lhe fibra por fibra a alma enorme e ondeada de crises supra-terrenas e infernais. Com exactidão, obstinou-se em descobrir primeiro o génio do Poeta e em demonstrar depois que a sua obra ali embebe profundamente as raízes, seguindo assim processo contrário ao usado pelo vulgo dos tratadores de coisas literárias, com óculos críticos encavalitados no nariz, fôscos de erudição, a atestar-lhes à légua a miopia, isto é, a impotência para lobrigarem algo àlêm do papel e dos caracteres nele exarados.

A poesia que segue não a datou o Poeta, nem sei ao certo a data do periódico que a inseriu, pois o fragmento que possuo abrange apenas os versos. Contudo, à margem, alguêm escreveu a lápis *1888*, que julgo indicar o ano em que saiu o impresso.

AO VIOLÃO

Manhã de junho. O céu é rubro. A lua, tonta
De somno, vae tombando . . O sol no azul desponta
Apagam-se de todo os astros: pyrilampos
Que scintillam do céu nos azulados campos.
Dos olivaes do monte o rouxinol diz missa
Á natureza que o ouve, extactica e submissa.
Os passaros gentis, vindos á luz este anno,
Andam em bando, aos mil, n'um labutar insano,
A alluir, a desfazer com o biquito e as azas,
Os ninhos virginaes, as suas aereas casas
Á luz do sol, desperta a aldeia socegada:
Os carros da lavoira alongam-se, na estrada.
D'um misero casal, á soleira da porta,
Uma velhinha magra e doente, quasi morta,
Fia na sua roca o linho das estrigas.
Muito ao longe no monte, algumas raparigas
Andam á lenha. Sim: já canta a cotovia:
É preciso cuidar da refeição do dia. . .
Vêm-se ao collo das mães, pequenos, a gritar,
Despenteados, sem graça, immundos, por lavar.
E vê-se, além, passando, a multidão christã
Que vae para a capella ouvir a missa aldeã.

E eu, mal caiu no oceano a derradeira estrella,
Abri a larga, antiga, hieratica janella,
Deixei que o ar lavasse os meus pulmões e vim
Postar-me, dôce amada! ao pé do teu jardim.
Dormes ainda, eu sei: a tua alma habita,
Nesse Paiz, além da abobada infinita. . .
Mas sei que tu, de mãos cruzadas sobre o peito,
Estás, alli, n'um branco e pequenino leito.
Assim não ouves, não, uma canção secreta
Que eu vibro, baixo e baixo, em meu violão de poeta.

Acorda, meu Amor! Levanta-te, creança!
Desprende ao vento a longa e emmaranhada trança.
Ajudo-te a fazer, (por que isso me compete),
A tua delicada e simplice toilette.
Só te verá o mar, esse discreto velho...
O lago do jardim será o teu espelho.
E,—escuta! —banhar-te-has, n'um calice de rosa:
Para o teu corpo, flôr! é uma tina espaçosa!...
Hei-de enxugar-te o corpo, á luz dos meus desejos,
E cobrir te-hei, depois, com um lençol de beijos!
Vamos! acorda, amor! Levanta-te do ninho!
Descerra o meigo olhar; veste o roupão de arminho,
E vem comigo, vem, por esses campos fóra:
Espera-nos o almoço a que preside a Aurora!
Ah, quanto é bello vêr a natureza em festa!
Que harmonias sem fim, nos ramos da floresta!
Como é viril e grande a voz que sae da Terra,
E vae de praia em praia, e vae de serra em serra!
As rolas passam, longe... e não sei que ave canta:
Que muzica divina e explendida garganta!
Mais uma vez: acorda! As doces cotovias
Clamam por ti do ceu e mandam-te os «Bons Dias».

Levanta-te e verás como é formoso isto:
O céu é de rubins, como o lençol de Cristo!
A Terra nada em luz; tem uma côr de festa,
Parece, até, meu Deus! que em cima da floresta
Caiu o sangue hostil de tragicas batalhas.
Os montes vêem-se além a arder, como fornalhas
Onde se incinerasse o corpo d'um gigante!
Os cravos do jardim parecem, n'este instante,
Os cravos com os quaes pregaram, n'uma cruz,
Os frios pés e as mãos tão brancas de Jesus!
Os morangos sensuaes parecem corações
Esfaqueados, vertendo o sangue, aos borbotões,
E lagrimas de fogo as cerejas vermelhas!

Nas amplidões do valle as fulgidas abelhas
Andam chupando o mel e a virgindade ás rozas.
Sente-se palpitar o coração das Cousas ..
E o vinho da alvorada, em crispações doiradas,
Escorre pelo mundo às ondas, ás golfadas!

Mas tu não ouves, não, e mais feliz do que eu
Que não possuo a Graça e a protecção do ceu,
Poisou agora mesmo, á beira do telhado
Da tua casa esguia, um Don Juan alado:
Safou-se do beiral para um carvalho, em frente,
E d'esse modo altivo, ignobil, insolente,
Sem o menor respeito e minimo decoro,
Fica-se a olhar-te,—assim,—fazendo-te namoro,
Vá! Abre-lhe a janella e deixa-o entrar. Coitado!
Beija-lhe as pennas, beija e affaga-o com cuidado,
Que eu não me zango, não. Seja feita a vontade
Ao brejeiro pardal, filho da Immensidade!
Por mim, deixo-te em paz, digo-te adeus, Aurora!
E, se não canto mais e, se me vou embora,
Não é por odio, crê; não é por ciumes, não:

—Partiram-se-me, filha! as cordas do violão ..

Antonio Nobre.

* * *

O *Só* já hoje se inscreve no número das obras clássicas da literatura portuguesa e a notoriedade que disfruta, justa e calorosa, garante bem que será lido e amado enquanto se falar a nossa língua. Já no presente as Antologias arquivam trechos seus, criteriosamente escolhidos como paradigmas de beleza poética, na

suavidade e equilíbrio do rítmo e no surto alto da inspiração, que o desprende da chateza dos versificadores vulgares e o arremessa para as regiões da violenta emoção, a única, ao certo, em que se aprovisionam de ar suficiente e vital os pulmões dos grandes Poetas e Artistas, e longe da qual eles asfixiam e abrem cavernas.

Fóra disto, muito acima dêste culto semí-oficial, o que se apresenta como mais importante, como mais impressionante, pelo seu significado de espontaneidade, é a corrente de leitores, livres da menor coacção, cada vez engrossando mais e mais e erguendo em unísono côro as suas vibrantes confi[illegible] encantamento sentido, num contágio [illegible]ação que não abranda de vitalidade por [illegible]nos que passem e outros livros também [illegible] valor surjam a provocar a atracção simpática do publico.

Tres edições conta já o *Só*, todas excedendo, pelas suas tiragens avultadas, a magreza clássica das edições do nosso estreito mercado literário, que então em livros de versos (e isto é num país de poetas! .) é duma debilidade irrisória. Pelo contraste ressaltante dêste facto mais avulta ainda o sucesso da obra de António Nobre, ao presente por completo esgotada e sem grandes esperanças de ser em breve reeditada de novo, por incompreensível recusa da familia do Poeta às instâncias que nesse sentido de várias partes lhe téem sido

feitas. Segundo depoïmento de *A Águia*, só do Brasil chegam freqùentemente encomendas de 100, 500 e 1.000 exemplares, que, está claro, pela infeliz circunstância apontada, nao podem ser satisfeitas. Assim, sôbre os raros exemplares que aparecem à venda, em liquidações de bibliotecas particulares e fundos de livraria, a especulação galopa infrene, cabriola, delira. Por exemplares das 2.as e 3.as edições surgem ofertas gradas, de cincoenta escudos e mais. Quanto aos da edição *princeps*, os poucos felizes que hoje os possuem, aferrolham-nos ciosamente, em ímpetos de bibliófilos avaros e loucos.

Contudo, e em inexpugnável oposição aos entraves levantados injustamente à sua expansão, e às pedradas, não muitas, valha a verdade, dum ou outro zoilo, que, de quando em longe, zunem desarmoniosamente na ambiência carinhosa que o circunda, o interesse pelo livro mantêm-se sempre forte, palpitante e cálido, como se constata.

E porquê? Qual a causa desta violenta e estranha atracção pelo *Só*? Que procura nele essa corrente de leitores, dia a dia maior e mais ávida? Decerto aspirar o mágico hálito, ora acre, ora doce, do mistério e da tristeza, que dos seus versos dimana, como se no facetado maravilhoso daquelas estrofes se encontrasse espelhado, retratado com espantosa nitidez e similhança o fundo revolvido e chagado das

suas almas, ainda teimosas, apesar do quotidiano e brutal embate da realidade que as rodeia e de contínuo as rasga com as garras aduncas, em vestirem-se da clâmide branca e lhamada de oiro do Sonho. E' como se aquelas perturbadas almas, que se aglutinam na multidão caudalosa dos seus leitores, pressentissem e adivinhassem quási, ao lerem essa autobiografia sombria e convulsa, serem elas mesmas pobres irmans da alma de Anto, tristes como ela, irmans pelo sangue negro e tóxico da dolorosidade que as intumece, pela complexidade, cheia de antagonismos, das ambições que lá dentro redemoinham, pela submissão, quási aprazível, quási voluptuosa, ao cilício da dúvida que as flagela, pelo pêso da descrença que as abate e roja no pó cinzento e frio do tédio. Irmans, por um lado, incomparávelmente mais felizes, pois, desprovidas do sentir mago, da intuìção feiticeira dos Artistas, sentem e sofrem, ao invez deles, apenas a agrura dos seus destinos, num pequeno quinhão, restrito às suas personalidades vulgares, embora, por outro lado, se devam achar um tanto mais desgraçadas, porque, sentindo e sofrendo, elas, almas rasas, sem o condão excelso de, na voz divina, de oiro e cristal, do génio, dizerem alto, uivarem, rezarem, cantarem as sensações do seu martírio e os sofrimentos da sua tragédia ingente,—rudes, mudas, emparedadas, não po-

dem alcançar a compensação que aos *excepcionais*, pela magestosa beleza que impregna os seus desabafos postos em Arte, acode a aliviar-lhes o fadário de viverem num mundo inferior e contrário à sua natureza melindrosa.

Se o culto pelo *Só*, expresso numa permanente e intensa leitura e desdobrando o seu fogo de Vésta em espíritos mais ou menos artistas, embora apenas receptivos, assimiladores — pois, quanto a mim, para admirar sinceramente qualquer obra de arte é de absoluta e primacial necessidade ser-se de algum modo também um pouco artista, no que me ponho de inteiro acôrdo com uma opinião, ainda mais concreta sôbre o assunto, de Faguet, o mestre-crítico, *le lecteur de poètes est un initié*.. , —é tão considerável, que em breve espaço de tempo lhe rarefaz no mercado as edições sucessivas e grossas e origina um jogo diabólico de cifras sôbre os poucos exemplares que ainda aparecem, como acabo de dizer, não deve igualmente deixar de ser apontada, como não menor nem menos robusta, antes pelo contrário, a sugestão que ele exerceu, já sôbre os poetas contemporâneos do autor, já, e maiórmente, sôbre os das nova e novíssima gerações. Acusam, bem acentuado, o seu ascendente, todos os que após ele vieram ao mundo, neste retalho da terra ocidental, com a dolorosa e estra-

nha sina de vibrarem suas almas acima das almas do vulgo, como monges e levitas mais ou menos inspirados dessa religião de sempre, ou, de quando menos, de enquanto os Homens permanecerem *humanos*—a Poesia.

Exerceu sugestão — disse. Direi melhor — exerce, pois o facto dessa sugestão ainda hoje se constata dia a dia nos livros que vão aparecendo. Sem grande arrôjo poderia dizer mesmo — exercerá, atendendo a que no *Só* ha um manancial inexgotável de poesia, de *pensamento poético*, a que, não só é lícito alguêm recorrer como fonte inspiradora, mas até é de recomendar que assim seja, pelo caracter nacional, *português*, que da maior parte daquelas estrofes transpira. Assim se terá sempre um elemento poderoso de salutar reacção contra as influências estrangeiras, que a moda versátil nos sopra, e ao pêso das quais as virtudes rácicas se derrancam e estiolam na literatura que fazemos.

Investigada com vagar, livro por livro, a produção literária portuguesa desde 1892, ano em que o *Só* surgiu, até o presente, obras em prosa e em verso, tudo, e apartadas em ruma as páginas que a António Nobre e ao seu génio poético se referem, atingiria essa ruma de papel, sem exagêro, um vulto montanhoso. No curso da minha longa leitura, quantos comentários, estirados ou curtos, quantas rememora-

ções, quantas citações de versos, a vigorisarem, a imprimirem o prestígio da graça e do sentimento a impressões próprias, eu tenho encontrado, e isto ao acaso, sem me nortear a intenção de encontrá-las?! E como eu, com certeza, toda a gente que lê. Ha até citações dos seus versos já consideradas clássicas, tão usuais são. Por exemplo, aqueles dois versos evocados,

> Qu'é dos pintores do meu paiz extranho,
> Onde estão elles que não vêm pintar?

sempre que se quere verberar o descúido, o desaprêço dos nossos artistas da tela pelos encantos, tão fartos, louçãos e pitorescos, do nosso torrão serrano e da beira-mar, em que o azul que o alpendra esconde a velha e acêsa pugna do Deus-cristão e de Pan, ambos ciosos da primazia de derramarem sôbre ele as suas bênçãos fecundas.

Os poetas, principalmente, como é natural, trazem uma abada de homenagens espantosa, cristalisando-as desde as símples quadras, já inúmeros sonetos, até composições longas, sempre imbuidas fortemente de veneração pela sua delicada e gentil lembrança. Quem fizesse disto colectânea, quantos volumes de *In Memoriam* obteria?

E sabe-se bem que tais juizos encomiásticos, rendidos de respeito, não sobem apenas da massa semi-anónima dos *novos*, dos neófitos das letras, muitos dos quais de *novos* não pas-

sam, a não ser para falidos, mortos e malogrados, uns pela débil compleição do seu estro, outros pela tão vulgar e estúpida incompreensão do meio. Não. Bem fundos e luminosos rastros de beleza deixaram e deixarão, os ainda vivos, após si muitos dos que tèem turibulado junto do túmulo de Anto. Foi e é gente de jupitereana estirpe a das romagens piedosas ao seu leito de morte. Foram e são das mais ilustres e mais fidalgas da nossa grei, mãos galhardamente familiarisadas com um instrumento de trabalho, donde irradie a astral scentelha do talento, seja um cinzel, um lápis ou uma pena, essas mãos postas em geito de oração à beira da sua campa e cobrindo-lhe a lousa branca de rosas e de louros.

Se António Nobre não fôsse, pois, o alto Poeta que foi, se a sua obra não merecesse, apesar de pequena em vulto externo, ficar entre as mais perduráveis obras poéticas da língua lusitana, contra o que arriscam os raros zoilos que o apedrejam, como compreender, como justificar, esta sinergia laudatória, tão vibrante e partindo precisamente dos núcleos da multidão mais esclarecidos de luz mental e, por isso, mais aptos a formarem um juizo crítico, severo e isento de falhas? Que estranho daltonismo o seu, se se tivessem prestado a colaborar num tal engano?!

Esta ininterrupta queima de incenso. feita

àquêm e àlêm-mar, pois no Brasil esse culto não é menor, em escritos, em trabalhos plásticos, enfim, nas múltiplas facetas da Arte, demonstrando à sobreposse a larga esfera da influência do Poeta e o profundo conhecimento que ha dos seus versos, tem ainda outra manifestação de cunho notável, que, em certos casos, chega a ser antipática ou mesmo criminosa, diga-se o termo violento mas exacto. Ao lado de imitações numa ou noutra passagem, ténues, pálidas, e, por isso, toleráveis, e mesmo bastas vezes confessadas, sem rebuço hipócrita a amordaçá-los, pelos próprios autores, quási sempre novatos e, assim, necessitados de moldarem a sua emoção na dos poetas consagrados,—depara a gente, em não menos vezes, com flagrantes desonestidades de imitação, com inegáveis decalcos da *maneira* e dos processos de Nobre, e até da seiva emocional dos seus versos, imitação tão fóra das fronteiras da crítica mais generosa, que perde qualquer jús a intitular-se honesta, e, sendo cópia servil, incorre na classificação condenatória de plagiato, de roubo literário. Muitas já foram denunciadas e espiaram o crime com o merecido repudio público, suscitado por essas denúncias. Das que medram ainda, encapotadas, não me sorri ser o delactor.

Não se dão estes decalcos apenas no interior do *Só*, isto é, no seu miolo poético. Como

as suas edições, principalmente as 2.ª e 3.ª, se revestiram dum aspecto exótico, original, na disposição das páginas, na beleza das vinhetas, no formato, em resumo, em toda a sua figura material,—logo outros autores se deram a copiar-lhes o córte e os ornatos da vestimenta, desde o tipo aos desenhos. Ainda ha poucos dias me mostraram um livro brasileiro, *Setembro*, de Manuel do Carmo, que, já sendo parte do seu conteudo um inferioríssimo *pastiche* do poema de Anto, procurou tambêm imprimir ao envólucro uma estreita aproximação com o semblante editorial daquele. E' um exemplo, porque estes casos são muitos.

Êste exagêro de simpatia por António Nobre, tomando caracter de aberração, resolvendo-se em corrupto espírito imitativo, deu-se ainda com respeito à sua singularidade como *homem*. O snobismo, que de tudo se apossa, tomou-o à sua conta. Mordidos por essa tarântula, muitos de entre a róda literária e artística da sua época se atiraram a copiar-lhe os gestos e o nó da gravata, o modo de andar e as atitudes scismadoras, o erguer da cabeça altiva e os menores *tics* pessoais, embora insignificantes, tudo, numa palavra, que puderam da sua excentricidade instintiva, bem ou mal, mas mais vezes mal do que bem. Nem mesmo a sua doença escapou—santo Deus! Estúpidamente, filiaram nela o seu poderoso e rútilo talento: e lo-

go surgiram bandos de tísicos, de artificial palidez, de tosse rebuscada, falando voluptuosamente em hemoptises, em pulmões desfeitos, em noivados com a morte. E, se um arsinho de geito versificador lhes bafejava o íntimo, prestes escorria a água-chilra dos seus versos pretensiosos, côxos, urdidos sôbre os motivos mórbidos do cánon, mas sempre, pela falta de sinceridade bem reconhecível, soando a ôco e enfastiando o público, que pretendiam *épater*. Como o arremêdo das circunstâncias físicas era impotente para o milagre da eclosão dum engenho onde nativamente ele não brotara, esta espectaculosa *mise-en-scène* patológica e ultra-romântica, breve abriu falência. Mas isto não impediu que talentos verdadeiros e recem-nados se asfixiassem dentro dela, podendo, a terem enveredado por caminho mais conforme à sua natureza, vingar, desabrochar, desenvolver-se até robusta estatura. Foi longa a teoria dêstes arlequins de hospital. E o mais célebre é que ainda hoje, vinte e tantos anos idos, aparecem...

Ha quem debite a António Nobre as culpas dêste desvio, desta contrafacção baixa e grotesca. E' óbvia a iniquidade do débito. Se alguêm toma dum gomil de Falerno e o bebe até a embriaguês, se uma criança, brincando à beira dum lago, se descúida e afoga nele, se um insensato expõi longamente a cabeça ao

sol de Agosto e se adoenta,—de quem a culpa? Do vinho, do lago, e do sol?

E' precisamente um caso similar ao de Maurice Rollinat imitando *à outrance* Baudelaire, forçando por viver-lhe os sentimentos, repudiando a própria personalidade em homenagem à musa satânica e delirante que o vate das *Fleurs du Mal* pusera em moda, conseguindo apenas uma cópia má à custa penosa do estrangulamento da sua índole poética, rústica, equilibrada e san, de que parece ter saudades quando escreve:

> Heureux l'homme qui se guérit
> De la vénéneuse lecture,
> Du projet du songe et nourrit
> Sa pensée avec la nature.
> . . . .

Será, assim, justo que Baudelaire sofra condenação pelo voluntário descaminho de Rollinat ?

Para remate desta ligeira impressão sôbre o feiticeiro Poeta do *Só*, que, sincero perante o seu próprio temperamento, e deixando, para mais, tauxiada magníficamente a sua bela obra com as duas mais altas virtudes exigidas em Arte – a originalidade e a irradiação emocional —teve ainda o valor de ser o vidente intérprete da sentimentalidade convulsa e decadente da grei da sua era, e quiçá da nossa, – seja-me lícito transcrever uma pequena parte dum ar-

tigo que o ilustre escritor sr. Júlio Dantas publicou em 1915 a respeito da comemoração feita em Coimbra a António Nobre. Transcrevo essas frases do eminente e festejado autor da *Ceia dos Cardeaes*, porque vejo nelas uma formosa e eloquente síntese da medida lata daquele valor: «Nobre não foi apenas o autor d'um dos mais belos poemas que tem produzido a alma lírica moderna: é a figura que mais profundamente incarnou a grande tristeza nacional, expressão resignada e dolorosa de todas as fadigas da raça. Nenhum livro foi tão fortemente sentido pela mocidade portuguesa, como o *Só*. Nenhum livro foi, por conseguinte, tão comovidamente amado. E porque? Porque nos seus desalentos profundos, nas suas renuncias doentias, nas suas agonias formidaveis, estamos todos nós. São os nossos estigmas. E' o nosso retrato. A minha geração reconheceu se, inteira, nas paginas confrangedoras d'esses *Luziadas* da decadencia. A geração novissima parece—ái d'ela e de nós!—reconhecer-se tambem.»

II - Quem é o sr. Albino Forjaz de Sampaio

Findo o ligeiro estudo impressionista que sôbre António Nobre, o notável Poeta do *Só*, atraz ficou, e antes de examinar detidamente as peças do processo contra ele organizado, surde agora o ensejo, ou melhor, o dever, de averiguar quem é a personalidade que, ao convertê-lo em pretenso réu de imaginárias culpas, ousou saltear a jazida, pequena como um berço, onde, entre olorantes lembranças, repousava a sua ossada infantil e branca, revolvendo-a, arrancando-a ao merecido repouso, desornando-a das grinaldas em que tantas mãos devotas a haviam aconchegado.

Se bem que já esta empreza de quebrar lousas tumulares seja, por sinistra e arrepiadora, inca-

paz de suscitar simpatia e angariar louvores de gente piedosa e boa, não quero ater-me nesta questão a um aspecto de méro sentimentalismo e, antes, buscarei imprimir-lhe a feição mais prática aplicável ao caso: mensurar a estatura espiritual do juiz, comparando-a com a do réu, observar a imaculidade da toga que envergou para o julgamento, inquerir da gravidade que transpira do seu *curriculum vitæ*, fazer, enfim, um balanço, ainda que rápido, dos altos atributos que, assistindo-lhe, lhe outorgaram o direito de lavrar uma sentença condenatória contra o Poeta, com punho firme e de carranca féra e ríspida.

Como prometo no *Saibam quantos*... de prefácio a êste despretensioso trabalho, procurarei caldear de calma imparcialidade a tinta que me vai servir para traçar, tanto êste capítulo de comentário ao passado literário do sr. Albino Forjaz de Sampáio, como o seguinte e último, de decomposição do seu *António Nobre* que suscitou o presente opúsculo. Poderá a minha pena aqui deixar exarada uma visão errónea, mas, se o fizer, de novo o garanto, não será no intento de estrondear efeitos de briga de arraial: se erros cometer, serão erros sinceros, reçumantes de convicção. Assim, em nada querendo exceder o limite que demarquei para os meus assertos, fujo a tratar duma questão que a outro, que tivesse em mira o escân-

dalo, sorriria: a legitimidade ou ilegitimidade com que o sr. Albino Forjaz de Sampáio faz uso dêste apelido em vez do de «Cunca» plebeu e chato, que lhe é atribuido por quem em tempos na imprensa com fragor debateu o caso. E' a sua personalidade escritural que me importa: nela me confinarei.

Por não sei que misteriosa razão, desde as *Palavras Cínicas* que o sr. Albino Forjaz de Sampáio vem cuidadosamente apagando da lista das suas obras publicadas os seus primeiros trabalhos literários dados a lume. Modéstia mal compreendida? Não o creio, porque a ser assim, faria ele, por coerência, igual táboa rasa dos demais livros. Fórmo a êste respeito uma presunção, que mais adiante, em lugar próprio, como corolário do que fôr explanando, virá mais compreensível.

Tres obrasinhas em verso antecedem o primeiro volume de prosa, tão reclamado, do sr. Forjaz, que, é evidente, não conseguiu furtar-se à trivial, clássica e lusitana costumeira duma estreiasinha poética.

São elas: *Violáceas*, em 1901; *O Sol do Jordão*, em 1902; e *Ao cair da folha*, em 1904.

Violáceas, é uma plaqueta com duas páginas impressas apenas e uma capa. A impressão a azul sôbre papel *couché*, e êste cortado num formato acentuadamente oblongo, recordam logo a 2.ª edição do *Só* de António Nobre, de

1898, de Guillard, Aillaud & C.ª, Lisboa, se, para mais, lhe observármos a disposição das estrofes. Mas vai ainda àlêm a similhança. Para prova, transcrevo grande parte dos versos:

Cachopas do Norte, ás Noites de Eira,
A rir desgarradas, gemer violões.
O' Noites de Neve! roda da lareira!
Contos a contar! Velhas noites de Eira!
Vida de Saudade, nossos Corações.

O' Noites de Estriga, Noites de Luar,
Com loiras Marias, alegres a cantar,
Lindas, encostadas, hombro co'os Maneis,
Que aspiram, sorrindo, a coifa d'anneis
E a Lua Cheia ronda, a empoçar
Em noites de Estriga, na eira o Luar.

... .

Louco Coração! não me evoques Sonhos
Nesgas d'illusão, Triste Mocidade.
Não tornes mais agros teus dias tristonhos;
Dá cabo de ti o Sonho e a Saudade.

Ao Sol-Poente, grenha de cabeças loiras,
Que lá longe esmaece como uma queimada,
Morrendo, mui distante, na terra de moiras,
A escura Noite veste, a opa estrellada
E embrulha na treva, suas repas loiras.

Porque a Noite é, o manto de Nossa Senhora,
Ceu cheeinho de estrellas, dos astros rosario
Padres Nossos, lá tremem e luzem agora
São astros, são estrellas, flux'straordinario
Como luzes, que tremam, no cimo de mastros...

Depois duma quintilha no mesmo tom, que, por sem especial interesse, omito, continua:

Tristes casas da Estrada, frias, ao recato
Teem luzes, que brilham á Noite, ao serão,
As Estrellas da terra, que o são lá do matto:
Na Estrada o Luar, assemelha um regato
Ou mesmo a Via Lactea, em ceu de escuridão...

E ao cimo lá passa, sombrio, um enterro
Com cirios accesos, dubios, mui distantes
Luzinhas tremulantes á bruma do cerro...
Lá passa! Lá passa sombrio um enterro
De cirios trementes aos Ventos andantes.

E a Vida dos Mortos, é Noite sem fim,
Que dormem socegados, talvez a sonhar
E a nós, que sonhamos labios de carmim,
Revela-nos a Noite, Visão singular
O Enterro dos Sonhos, na Noite sem fim.

Dormem os Mortos, calladinhos,
Devem ter frio, coitadinhos:
Na Solidão lá d'uma aldeia;
Passam na Estrada, raparigas,
Moças tão lindas, e cantigas
Que ellas cantam, em sereia,
Á sirandar,
E, no Ceu, passa a Lua-Cheia.
Os Mortos dormem, sem fadigas
Sem accordar.

Partes coração p'ra terra Estrangeira,
P'ra Longe, p'rá Morte, p'rá Vida d'Alem,
Lá ficas, quieto, dormindo á soalheira,
Na Paz do Senhor, não vae lá ninguem!

Alegre, na Rua, passa a tua Amada,
Que linda que é, sanzinha, córada,
Parece uma Santa, tão bonita vae
E, um dia, vae-te lá visitar,
Livida Santinha e já descorada,
Comtigo já Verme, ha-de então Noivar!

O' vós que ficaes, por mim rezae!
O Vento nas Cruzes, prepassa a lufar
Os Mortos lá dormem, ao frio ao Luar.

Albino Forjaz de Sampayo.

(Da *Via Dolorosa*)
em preparação

Descortina-se fácilmente e inegávelmente o figurino. Na fórma, veja-se a poesia «Antonio» do *Só*, com versos da mesma medida e formando dois temas, desenvolvendo-se paralelamente, ou melhor, um cortando o outro, como um comentário, como um falar baixinho. E na essência, — àparte, é bem de ver, a titubeação dos versos do sr. Forjaz, a estupenda orgia de maiúsculas, a nebulosidade espessa das ideias, a desordem da pontuação, a falta de *vida poética* de tudo aquilo, — que se constata? Quais os motivos que enchumaçam o tema dos versos do sr. Forjaz? O necrofilismo, a tristeza, a desilusão: o verme, o enterro, o compungimento pelos mortos, o luar batendo nas cruzes, círios, noivados na campa, todo aquele ar de epicédio, não acusam bem o molde, ainda mais do que a configuração gráfica e a qualidade do papel? E as reminiscências, ligeiras embora, de scenas aldeans, com noites de eira e laradas entretidas em velhos contos, reminiscências envoltas no luar lindo e branco da saudade, e, de mistura, uma terminologia cristan, «Manto

de Nossa Senhora», «dos astros rosario», «Padres-Nossos», «na paz do Senhor», terminologia que não mais se repete na obra do sr. Forjaz e até bem colide com o ateismo *à outrance* que depois vem ostentando? Não se impõi tudo isso como postiço, como decalcado, como estranho à sua estrutura espiritual?

Razão, pois, tinha eu quando, no capítulo antecedente, afirmava vastíssima a influência da obra de Nobre. E, pela situação especial que o sr. Forjaz com o seu livro sôbre o Poeta se criou agora em relação a êste, é sobremodo notável, e cheio de picaresco, o facto de se vir a reconhecer que nem ele próprio conseguiu eximir-se a essa sugestão, e que até, no contágio dela, não pode dizer que fôsse dos mais sóbrios...

Esta *Via Dolorosa*, de título romântico, pessimista, dita em preparação, e de que a plaqueta *Violáceas* constituiu guarda avançada, não chegou, afinal, a aparecer. Costumam ser férteis... em títulos de obras os primeiros anos literários de todos nós, pelo que tal não admira.

Em vez dela, no ano seguinte, foi publicado *O Sol do Jordão*, editado em Lisboa pelo livreiro Gomes de Carvalho. E' um trabalho já mais de vulto, embora modesto. Denuncia uma reviravolta completa no espírito do autor, em relação à obrinha anterior. Isto mais confirma a qualidade de postiços e alheios à sua enverga-

dura que atribuí aos versos dela. No *Sol do Jordão* o tom é outro. Não ha já delicadezas de sentir, ternas e piedosas, quási crentes. Aproveitou, sim, motivos do cristianismo, mas na intenção desvirtuadora, herética. Era a feição da poesia em moda mais recente, e mais capaz de produzir barulho. Baudelaire tornara-se o orago do novo culto. Armou-lhe um altar, rezou-lhe as *Fleurs du Mal*, desatou a compôr poemetos imbuidos de satanismo, de blasfémia, de amorosa apologia das mulheres prostituidas. Neste volumesinho de vinte e tantas páginas ha mesmo duas composições que o resumem, assim baptisadas — «Blasphemia» e «Mulheres Perdidas», esta dedicada à memória de Baudelaire. A originalidade aqui, como àlêm, é escassa. A técnica do verso é melhor, tem algum pálido clarão de beleza lírica num ou noutro verso, (e quando assim, faz lembrar a *História de Jesus* de Gomes Lial) mas, em conjunto, ainda êste seu trabalho, a que presidiu uma musa destrambelhada e exótica, cabotina e forçada, não é de molde a conseguir-lhe renome de poeta.

Seguiu-se em 1904, em edição da casa Viuva Tavares Cardoso, a plaqueta *Ao cair da folha*, soneto destacado do *Sol do Jordão* e acompanhado de traduções em várias línguas.

Verdadeiramente, pasma o alarde feito com um soneto que nada tem de célebre e bem

medíocre se pode considerar. Tecido em volta dum tema românticamente piegas, até contêm versos errados, como os 3.º, 4.º, 5.º e 10.º:

Ao cair da folha

Quando cair a folha e tu te fôres
A ter com minha mãe que já morreu,
Se não lhe posso dar mais que flores,
Leva-lhe beijos, abraços, — Que sei eu!

Diz-lhe que eu ainda sou como era d'antes
Assim sem esperanças, sempre sem amores.
— Meus pobres olhos, sempre agonisantes
Vão-se mirrando mais, só pisam dores. —

Diz que os meus versos são atormentados,
Como só sabem rimar os desgraçados,
Diz-lhe que em breve... Não, mas deixa lá,

Podia a santa affligir-se! E agora,
— Sempre são mães! — quando te fôres embora
Nunca lhe contes o que vae por cá.

Lisboa, 1902

Pois, qual se fôsse o imortal soneto de Arvers.

Ma vie a son secret, mon âme a son mystère,

ou o maior poema de amor em catorze versos de todos os tempos

Alma minha gentil, que te partiste,

de Camões, ambos merecidamente repetidos pelo mundo fóra, em todas as línguas, — o soneto do sr. Forjaz, imperfeito de fórma, charro de ideia poética, ostenta nessa *separata* nada

menos de que oito traduções, uma francesa, duas alemans, uma inglesa, uma italiana, duas em espanhol e outra em sueco, subscritas pelos nomes, a muitos respeitos ilustres, de Henri Faure, Louise Ey, Wilhelm Stork, Edgard Prestage, Bobbio Porzia, D. Carmen de Burgos y Segui, D. Manuel Lorenzo D'Ayot e Dr. Göran Björkman. Como? Porquê? Que momentâneo e infeliz ataque de cegueira acometeu estes lúcidos espíritos, levando-os a curvarem-se com interesse para o que nada de interessante continha, desperdiçando aí seus talentos subidos e seus zêlos perseverados de lusófilos distintos? Com que nuvem de lisonja os teria a todos incensado o sr. Forjaz, para assim os inebriar e lhes embotar a acuìdade do gôsto artístico e da visão crítica? Penalisa, na verdade, observar que um medíocre soneto alcançou uma homenagem que verdadeiras obras-primas da nossa poesia jàmais lograram ou lograrão.

Dêste modo, as traduções resultaram superiores ao original, pelo menos mais correctas estilísticamente, senão adquirindo alguma beleza, como, por exemplo, a de D. Carmen de Burgos.

A respeito dos versos errados do sr. Forjaz, é curiosa a anedocta contada pelo sr. Avelino de Sousa no seu *O fado e os seus censores*, Lisboa, 1912, a páginas 19:

«Ha uns doze annos, se não estou em erro, um amigo

meu — actualmente residente fóra da metropole — pediu-me para fazer-lhe um soneto dedicado a uma festa de *sport.* Alinhavei os mal amanhados *versos* como pude; receoso, todavia, de que estivessem mal metrificados, mostrei-os ao sr. Forjaz, que então frequentava a livraria Guimarães & C.ª, onde eu era caixeiro. S. ex.ª levou o pobre soneto para *concertar*, e eu, no dia seguinte, fui buscal-o, já *correcto*, a uma companhia de seguros da Baixa, onde o sr. Forjaz estava collocado, e, muito grato pela sua solicitude em servir-me, vim todo inchado com a minha *obra* e conscio de que a sua correcção era inexcedivel. Mais tarde o sr. Albino Forjaz fez publicar um soneto seu, dedicado á memoria de sua ex.ma mãe, e tendo na mesma *plaquette* — um mimo typographico impresso em bom papel — a traducção, creio que em quatro idiomas. Qual não é, porém, o meu espanto, quando ouço um poeta muito illustre dizer, ao lêr o trabalho do sr. Forjaz: *E fez este homem tanto réclamo a esta coisa, para afinal lançar no mercado um soneto errado!*

Fiquei com uma enormissima cara de parvo — por perceber que o sr. Forjaz, que, aliás, muito solicitamente me *concertára* os versos, percebia tanto de metrica como eu!

Vem isto a *talhe de foice,* para prevenir o caso de s. ex.ª se lembrar—e é muito capaz d'isso!—de me chamar poeta de pechisbeque, pelo facto de eu ter no mercado livros com versos errados.

O que succede commigo, succede com o sr. Forjaz; e *quem tem telhados de vidro...*

Ha, porém, uma differença: é que eu estudei a metrica o mais que pude—e estou sempre estudando—e hoje já deito *tombas* nos versos de quem menos sabe; e o sr. Albino Forjaz de Sampaio—que, certamente, como eu, daria tudo para arrancar aos livreiros os versos errados que lá tem—foi sempre um pessimo poeta, embora seja um prosador distinto.»

Como a *Via Dolorosa,* anunciada pela plaqueta *Violáceas,* tambêm as obras poéticas, *Aspasia,* e *An'atkh,* prometidas no ante-rosto do *Sol do Jordão,* ficaram apenas na promessa. E' que o sr. Forjaz viu bem, pulsando a sua constituìção literária, a anemia extrema do seu estro. Sentiu-se impotente para caminhar àlêm do que havia feito, apesar da mesquinhez dessa ida tarefa. Faltava-lhe o sôpro íntimo, o arrebatamento, a rajada da emoção. Sem eles, e teimando no trilho encetado, levaria a vida a bater na tecla dos mesmos temas, numa curta escala de abafados sons, e isto ainda com esforços desmedidos, para, no final, não merecer senão o epíteto de infeliz versificador. Não tinha propensão poética, não. Mas, admitindo que a tivesse, não se manteria a fazer versos muito tempo, pois com a febricitante ambição de sonoro renome e de farto estipêndio, que o sr. Forjaz tem vindo à larga demonstrando na sua carreira de escritor, não lhe serviria aquele campo para o desenvolvimento dessa dupla e aguda ambição. Os poetas, mesmo os bons, os grandes, têem entre nós um público pequeno, que não consome edições que dêem sustento a ninguêm. Por isso, àlêm de tudo o mais, o sr. Forjaz licenciou as musas. E não se pode dizer que andasse mal avisado em fazê-lo. Agora, no que não merece elogios é nas mostras de demasiada dureza de alma para os pri-

mogénitos da sua prole escritural. Embora aleijados, ele, menos do que ninguêm, devia votá-los ao ostracismo. Bastava apontá-los como filhos do primeiro ciclo da sua produtividade, em anos moços e incertos, para alcançar um benevolente juizo. Falido como poeta, goradas as suas tentativas para sê-lo, evita o mais possível lembrar esses frustres ensáios, que testemunham à sobreposse a sua asténia genésica de artista do verso. Não tem a coragem moral de confessar fraquezas e faltas, e por isso, e só por isso,—é esta a presunção de que atraz falei e que emerge do exame da primeira fase da produção do sr. Forjaz—ele cuidadosamente apaga das guardas dos seus livros os títulos dos seus tres primeiros trabalhos publicados, impondo-nos como obra de estreia as *Palavras Cínicas.*

Se eu os fui desenterrar de sob as pàzadas de silêncio que o autor, como pai desnaturado, lhes arremessara para cima, não tive apenas em propósito confundí-lo com tais atestados de fraqueza. Não foi o fruto dum capricho mesquinho esta exumação. Fí-la, já porque, se iniciasse êste bosquêjo de estudo nas *Palavras Cínicas*, ele ficaria incompleto, já porque, embora transitório e na maior parte alheio ao arcabouço literário do sr. Forjaz, não deixa esse ciclo primeiro da sua produção de conter em si alguns gérmens dos elementos que mais tarde,

ao longo da sua caminhada, o haviam de acompanhar, como se verá.

* * *

Por 1905, data do aparecimento das *Palavras Cínicas*, já a efervescência da escola realista mal agitava o lago das letras lusas. Tinha deixado, claro está, bastantes resíduos, mas o seu maior ímpeto passara. Entre mais feições estéticas vindas após ela, a reacção néo-idealista, principalmente, amansara-a, adormentara-a, curara-a da epilepsia aguda.

Quando surgiu, todos o sabem, vinha prenhe de promessas o seu cartaz. Por isso, a multidão se lhe acogulou à porta, na ância de entrar e de mergulhar os espíritos na agua lustral dessa corrente, que se afirmava não precisar da mentira e da ilusão para produzir Beleza. A verdade, e só ela, luminosa e pura, na nudez da sua carne pagan e rígida, pontificaria alí dentro do templo. Ficaram, pois, desertas as capelinhas fronteiras, dos velhos cultos, e aquela, vistosa e fresca, viu num ápice encher-se-lhe a nave das gentes letradas e artísticas. Fóra, só ficaram dois ou tres caturras, padres-oficiantes dos cultos velhos, de cérebro fóssil, a esvurmar o seu despeito contra a doutrina nova que lhes roubava os devotos e os réditos. Começou, pois, sob a telha realista, o desenrolar dos ritos. Variados, revolteantes, agitando as-

pectos diferentes, deleitaram logo a multidão, cujos espíritos anquilosados pela monotonia anterior, encarcerados entre quatro paredes cobertas de alto a baixo de bolorentos símbolos, alí, com um horizonte novo e mais vasto e outro ar a fustigar-lhes a sensibilidade, de súbito se sentiram agradávelmente sacudidos, alegrados, inebriados. Era a natural agitação da copiosa libação dum vinho rascante e novo. Assim, seduzidos os olhos pelo rito espectaculoso e embrumadas as mentes pelo incenso das palavras fortes com que se fazia a exegese, assistiram longamente àquele suceder de quadros, de mutação rápida, sem lógica, picantes, ermos da verdade prometida e do sentimento das proporções, como produtos duma fantasia monstruosa. Os fócos eléctricos batiam em cheio nos scenários pintalgados, e na indumentária lentejoulada dos figurantes, irisando-os, arrancando-lhes brilhos estranhos e magnéticos. Começaram então de desfilar os motivos, até alí tidos como mais sérios e veneráveis, como alvo das mais grotescas farças. Ora, era a turba, levada por um furor herético, a amachadar as portas das catedrais, onde outróra, durante séculos, tinha ajoelhado e queimado a mirra das suas preces, fazendo fugir os deuses, acossados pelo vandálico tropel, apressadamente, ridículamente, de rôtas túnicas ao vento e nimbos corroidos pela ferrugem. Em segui-

da, essas mesmas mãos profanadoras iam-se às aras e substituiam-lhes por esterco ignóbil as abadas de rosas que lhes atapetavam as pedras, enquanto, cá fóra, nos terreiros, as carnes, provectas e magras, dos filósofos que até alí haviam educado as gentes, rechinavam entre as línguas de fogo dos autos-de-fé a que essa mesma enlouquecida turba os ia condenando, um por um. Surgia depois a ética, velha matrona das relações de todos os lares e exemplo apontado às filhas das famílias, dansando estouvadamente no tablado fronteiro, semi-nua, esperneante, obscena de trovas como a cortezan mais imunda. Regimes, crenças, preconceitos, prestígios, imunidades, virtudes, tudo sofria a rasante fúria apocalítica. Era o virar do avêsso do mundo dos românticos. A scena final dava a existência como um campo chão e despido dos pomares da idealidade e do sonho. No meio do ermo, imerso em escuridão, o Homem, pávido, gritava que ia morrer à míngua. Mas, como nas apoteoses das revistas de hoje, que procuram sempre para fêcho da sua crítica irreverente uma nota optimista, ao fundo rasgava-se o pano negro do ceu, entremostrando a figura alentada e façanhuda da Razão com o corpinho enfezado da Sciência nos braços, a chupar-lhe furiosamente os úberes, quási exaustos de leite.

Bêbeda de novidade, a todo êste disparatado espectáculo assistiu, sem grandes mostras de

escândalo e até com aprazimento notável, a multidão cativada pelo cartaz do naturalismo. Durante anos a embriaguez manteve-se, não permitindo que os cérebros e as sensibilidades se reapossassem de si, para verem claramente o quanto de ilusório e de mentiroso, de excessivo e de artificial existia nessa exegese estética, vinda para combater uma outra, se não menos, também não mais, cheia de artifício e de excesso, de mentira e de ilusão.

Ao cabo, porêm, dalguns anos, com a repetição do espectáculo, que, embora variado, não podia elevar essa variedade ao infinito, a curiosidade sôfrega dos espectadores, não achando alí mais com que se alimentar, começou de cansar, de pender, de amolecer. Com esta fraqueza da curiosidade forte que as comprimia, as consciências foram voltando a pouco e pouco ao seu domínio e tiveram, então, em breve, o azo de, evocando as scenas espantosas a que haviam assistido, mostrarem a sua repulsa e o asco por elas. Revigoraram-se reacções apenas esboçadas, ergueram-se em pleno vulto, escorraçaram o naturalismo para segundo plano. Á turbulência sucedera a mansidão. Dalí à monotonia antiga ia um passo.

Fracassado poéticamente, e com o seu nome de escritor quási tão virgem de notoriedade como quatro anos antes, ao parturejar as *Violáceas* e as duas seguintes produções, coisi-

nhas miudas e pouco originais, embora gritantes como o *Sol do Jordão*, pôs-se decerto a cogitar o sr. Forjaz na maneira de agitar o mundo das letras em seu favor, num movimento de atenção que o arremessasse ao encontro do grande público. Cogitou nisso, e esperta foi sua cogitação. Em frente do bem defendido trono da celebridade, traçou o plano do seu *golpe de estado,* e logo se deu à faina de executá-lo.

Escreveu, assim, aquelas oito cartas das *Palavras Cínicas*, cujo miolo traduziu à pressa e libérrimamente, e ainda atravez do francês, duma corrente literária, nascida do pessimismo schopenhaueriano, já arrumada lá fóra, no país oriundo e nos que mais a tinham assimilado, nos baixos das estantes. Que importava a falta de originalidade, se aquelas páginas retumbavam de atrevimento, coisa em que a maior parte do nosso público ledor, já quási esquecido de todo das sensações do banho frio do realismo e de novo bastante amornado nas do período néo-romântico sucedido àquele, não deixaria de encontrar sabor exquisito e apetitoso? Um brando nevoeiro de idealismo cobria, envolvia novamente as almas? Vá de descerrar esse manto suave, rasgá-lo a golpes bruscos, sacudir as almas nele imersas. Fez, pois, incursão no *bric-à-brac* das letras, foi ao recanto onde dormiam sob pó o scenário e a indumentária do

realismo, espanejou-os, coseu-os, doirou-os, enfiou-os na sua pena, ávida de chegar depressa e de fazer barulho, e logo as oito famosas cartas sairam a lume, petulantes, com uma sonora campainha em cada frase e uma nota de batuque cafreal em cada palavra. Amor, religião, amisade, altruismo, honestidade, todo o erário virtuoso do espírito humano, sofreram o seu ataque depredador e extremista. Temeroso de fracassar ainda nesta tentativa, não usou de meio termo. Excedeu, e em muito, os processos mais violentos dos mais violentos cultores do realismo. Fez mais. No intento de melhor vitriolar os seus conceitos pessimistas, aliou à ressurreição da *maneira* desta escola a recorrência aos motivos, tão censurados, do ultra-romantismo. Pôs o seu *eu* a declamar ensandecidamente,—despótico, sádico, virulento.

Não errara na presunção que formara sôbre o estado dos espíritos ledores. Foi nisso clarividente psicólogo—talvez pela vez única na sua vida das letras.

Por uma reversão brusca e boémia do paladar, o público, ouvindo-lhe a chinfrinice aliciente, acorreu à sua beira, e provada a iguaria cosinhada por ementa já olvidada, não lhe recusou nem aplausos nem admiração. Antes lhos concedeu, de modo mesmo a resvalar pelo pasmo dos pacóvios ante as sortes de prestidigitação dos artistas de feira.

E' quási sempre assim a multidão. Oiça rufar na praça, desencadeie-se lá fóra uma descabeladora e rugente tempestade de sons, cheire-lhe a divertimento bravo, a bródio de arromba,— e logo ela se sentirá animada a seguir até o fim do mundo a marcha espaventosa.

Assim sucedeu com as *Palavras Cínicas*. Toda aquela safra-nafra de conceitos de rubra apologia do egoismo mais feroz e mais bêsta ia esbarrar nos seus modos de ser anteriores anímicos e pensantes, maguando-os, ferindo-os, ensanguentando-os? Mas era moda, julgava-se. Era civilização, era modernismo. Ser crédulo, sentimental, piedoso, amorudo, desinteressado, probo, estava já nos domínios álgidos do fossilismo. Eram qualidades, essas, que rebaixavam, entibiavam.

Eclodiu então o incrível snobismo da desvergonha e do canalhismo. A nova e clara doutrina estava ali. Aquele rapaz é que filosofava com profundeza, derrubando preconceitos, rasgando aparências ilusórias, raspando vernizes enganadores. O que corria nas veias da humanidade era um rio negro de lama. A bondade era apenas a máscara da torpeza. Os chamados *bons sentimentos* constituiam um lugar-comum da ética, e tresandavam à légua a provincianismo, a *gaucherie*. Urgia avaliar a sociedade como ela merecia: covil de ladrões, alcova de barregans, logradoiro de maus, capitólio de perversos,

antro de viciosos, hospício de tarados. E, sobretudo, não valia a pena viver, porque a vida era o mal e apenas o mal.

E o pobre burguez, até ali mecânicamente piedoso e honesto, com o livrinho em punho, na ânsia de em tudo se encontrar em perfeita identidade com os ditames do cánon, apalpava-se al na e corpo e sentia-se de súbito desconsolado de si próprio, por não se ver ainda com ganas de matar alguêm, de roubar o próximo, de atirar com a mulher ou a filha para os braços dum amigo, ou de furar os miolos com uma bala!...

Nem toda a massa do público recebeu, claro está, desta fórma acolhedora o atado das oito rubras cartas do sr. Forjaz. Em contraposição àquele núcleo que embasbacou perante a obra, deslumbrando-se com o arrôjo, e dividido em dois afluentes—dum lado, uma minoria de consciências depravadas, captadas pelo modêlo que reconheciam exacto, deliciadamente mirando-se no lisongeiro espelho que o livro lhes apresentava, como um pântano verdoengo e fétido (o que surde como péssimo sintoma para os que se preocupam com a sanidade da raça), e doutro, a maioria composta dos eternos papalvos perante tudo o que traga o sinete de novo e faça estrondo, gente inofensiva e de espírito mole como cêra, apto a receber de bom grado a dedada de todas as sugestões, boas ou más,

—em contraposição, dizia eu, surgiu uma mole de gente, mais senhora da sua mentalidade, mais equilibrada e san, que se escandalizou com a bruteza das doutrinas expedidas, repudiando-as e criticando-as na mais acerada hostilidade e levantando celeuma rude e cerrada em sua volta.

Foram êste choque de opiniões e esta divergência diametral de atitudes ante a sua obra de estreia em prosa, que salvaram o sr. Forjaz do enxurro do anonimato, erguendo-lhe o nome, fazendo-lhe a fortuna. Tinha, pois, a sua firma a circular nas duas vias mais rápidas de propaganda: o acôrdo entusiástico e a indignação esbrazeada, alimentando-se automáticamente uma à outra, transportando ambas, embora contrárias, uma reputação à áurea região do destaque. Lançara-se propíciamente no *cercle* das letras. Eram pandas de forte vento as velas que o punham, assim, ao largo da perigosa costa, eriçada de baixios, da obscuridade, onde tantos outros, e por vezes magníficamente apetrechados da pedraria sem jaça dos melhores talentos, naufragam irremediávelmente.

De passagem, e para desfazer possíveis equívocos, devo observar que os meus comentários não são em absoluto contrários ao realismo. Desta feição literária abjuro apenas dos seus excessos, da sua fôrça truculenta, tão avonde posta a uivar nos seus corifeus. E' condição fa-

tal a todos os movimentos revolucionários, quer políticos, quer estéticos, quer scientíficos, a violência, arrasando-se assim sem conta nem medida, não só o mal que ha em vista arrasar, mas de igual modo o bem que lhe fica limítrofe. Ora o realismo, na sua fase inicial e revolucionária não foi escapo a esta fatalidade. Demoliu demais, demoliu às cegas. Trouxe vantagens? Muitas, mas depois de asserenado, depois de conduzido ao leito da sua corrente. Quando fóra dela, produziu inundações, atropêlos, mutilações, monstruosidades. Quebrado o seu ímpeto feroz de conquista, passou de tufão a vento oxigenado e tónico, arejador e clarificador da atmosfera da arte, viciada pela longa permanência de estéticas senís e paralíticas de inacção. Em nada mesmo me assustam as inovações, e, assim, vejo até com sadia tolerância, senão com simpatia, o desabrochar das novas escolas de hoje, como o *cubismo*, o *futurismo de Marinetti* e outras, que, entre a sua desordem própria de assaltantes e conquistadores, alguma coisa de bom trazem, que ficará a virilizar o sangue dos temperamentos literários e artísticos, sacudindo-os, impedindo-os de cair num letargo visinho da morte. O que é preciso é que dêstes movimentos rejuvenescedores se não tomem como qualidades definitivas as transitórias, as do seu período de eclosão, e se lhes não guarde o mal, deitando ao desbarato o

bem, num daltonismo desastroso. Infelizmente, bastas vezes assim tem sucedido ..

Bastas vezes assim tem sucedido, sim. São longos os necrológios resultantes dessas desorientações, nas várias escolas inovadoras.

O sr. Forjaz, em parte, inscreve o seu nome no do realismo. E com uma agravante. E' qne, tendo começado a sua produtividade já fóra, e muito, da poeirenta e confusa atmosfera do aparecimento da escola, não se pôs a seguir-lhe os cultores mais próximos de si e, portanto, mais equilibrados e possuidos de serena beleza. Não. Recuou. Foi aos inícios caóticos do realismo e ali se aprovisionou da água torrencial e turva dos seus excessos. Foi o que trouxe para borrifar os seus escritos, ou melhor direi, para os abeberar, pois não são só borrifos de vitríolo as suas notas mais salientes. Representam um mergulho demorado no corrosivo líquido. Assim, em obediência às láudas iracundas do Alcorão, afivelou o elmo do materialismo e desatou às lançadas a tudo que na vida e nos costumes encontrou de delicado, do compassivo de consolador. Apontou o Homem como o animal egoista por excelência, a besta sem alma, que apenas os instintos maus conduzem. Isto já eu disse. Não o repito. Mas, caso curioso, tomando do realismo apenas o seu lado baixo, expresso no culto pelo vil, pelo nojento, pelo torpe, numa concepção unilateral, e, por-

tanto, falsa da vida, foi também à extrema do rincão oposto, o do romantismo, e trouxe de lá, para seu uso, a maneira subjectivista ali peculiar, alucinada de vaidade, ardida de hipertrofia do *eu*. São estes dois aspectos das duas escolas antagónicas que o sr. Forjaz conseguiu fundir nas *Palavras Cínicas*, piorando-as uma e outra o mais que poude, dando delas as fases mais retrógradas e rubras.

Porque, se delas tivesse escolhido as partes sadias e definitivas, consorciando-as, teria posto em acção a fórmula da literatura do futuro. Nem o pensamento esmagando o sentimento, nem êste amolentando aquele. O cérebro e o coração, ambos librando alto e à mesma arejada e luminosa altura. A vida dada em blóco, com as suas arestas e as suas maciezas, com as suas manchas e as suas belezas, na eterna ronda do bem e do mal.

O que o sr. Forjaz deu foi o avêsso desta fórmula. Casou a escória com a vasa.

De propósito, alonguei êste assêrto sôbre as *Palavras Cínicas*, talvez com prejuizo do espaço reservado para o seguimento da obra dêste autor. De propósito, porque no seu primeiro livro de prosa estão bem patentes os gérmens que vivificam toda a sua restante produtividade. Não mudou ainda de motivos, tem mantido sempre a mesma directriz que presidiu a êste tomo. E recordando agora o seu frustre ciclo

poético, ver-se ha que já o *Sol do Jordão*, em grande parcela, incluia os sintomas das qualidades negativas que nas *Palavras Cínicas* se desenvolveram com exuberância, e que as *Violáceas* em nada acusam a chancela da sua verdadeira constituição mental, como fiz notar.

* * *

Crónicas imorais, em 1908; *Lisboa Trágica*, em 1910; *Prosa Vil*, em 1911. Tres livros iguais, no mesmo género fragmentário, quási de todo em todo colectâneas de artigos e crónicas, vindos primeiro a público nas colunas dos jornais, onde o sr. Forjaz colabora.

Vejam-se os títulos, sempre alicientes, sempre prometedores de sensações fortes e ácidas. E o miôlo? Sem homogeneidade, sem espírito de seqùência, comentários ao acaso das impressões, sem nada de notável e roçando às vezes pela chateza.

Nas *Crónicas imorais* tropeça-se logo num prólogo de chalaça barata e mole, pueril mesmo, que póde ficar como tipo de todos os seus prólogos. E das suas páginas restantes só se salvam as sete da crónica *Artistas*, justa e piedosa, que tem por tema a morte de Augusto Santo, o malogrado escultor, irmão de Soares dos Reis, outro mísero de génio.

A *Lisboa Trágica* pouco progresso marca sôbre os volumes anteriores. Tambêm não é una

de sentido. Como diz o sub-título *Aspectos da cidade* compôi-se de pequenos quadros, carregados intencionalmente de sombras, de crispações, de vultos torturados mal-entrevistos. Vê-se que leu algum dia Gorki. Mas a emoção não lhe molha a pena, e as figuras saem a custo, como títeres de trapos vestidos e de trapos formados. Não ha ali carne viva, não ha homens sofredores, não ha tragédia convulsa. Ha apenas rabulistas num drama que o sr. Forjaz engendrou, e que o representam mal, dando a entender a avareza do emprezário-autor.

Em íntimo acôrdo com as « « » » abundantíssimas ao longo da sua obra, umas vezes indicando a paternidade da citação, mas outras, passando adiante, como a dar azo a que não se repare nas aspas e se lhe atribuam o conceito e a fórma verbal, esta em geral mais pomposa do que a sua, está, numa ampliação dêstes seus vélhos hábitos de enchumaçar de prosa alheia a prosa própria, a dedicatória desta *Lisboa Trágica*. E' uma página inteira de Fialho—a dedicatória dos *Contos* do grande escritor a Camilo. Isto uma vez, escapa; mas, vezes seguidas, como sistema e nestas proporções, é verdadeiramente abuso. E ousou ele censurar Silva Pinto a êste respeito, como já se verá!.. A *Sinfonia de abertura* dêste mesmo volume é uma romântica lenga-lenga de lamúria sôbre a aspereza e a sordidez da existência, e as remi-

niscências de leituras e de quadros vistos estadeiam-se por ali abaixo. Zola, Daudet, Dante, o Evangelho, Goëthe, Molière, Balzac, Murger, Hugo, Bartrina, Mantegazza, Gerôme e mais que me não recordam, em dezoito páginas, salvo êrro. No fim, perguntar-se ha, e com razão, o que é própriamente seu.

A 1.ª edição da *Prosa Vil* ainda melhor documenta êste defeito. No fêcho, ostensivamente, envaidecido com a sua erudição, prega-nos diante da vista com um «índice dos autores citados», que compreende uns cento e sessenta e tantos nomes, e alguns com mais duma citação. Cento e sessenta e tantos nomes!.. Sabem em quantas páginas? Em duzentas e dezanove; quási um autor para cada página!

Neste livro a melhor crónica é *A alma das cousas*. O resto é frouxo de interesse, tecido numa prosa evidentemente mal cuidada, decerto escrita sôbre o joelho, cheia de terminações estrondosas, próximas, repetidas passo a passo, quebrando o rítmo, dando-lhe sonância de ladridos: «O *Cyrano*, *l'Aiglon*, o que são senão a vibração da tecla patriotica no intuito de ganhar francos e notoriedade? E não é já um homem de talento que se compraz em fabular bellezas, um artista que sonha a sua obra longe do bulicio da multidão, mas um charlatão vulgar, *macrot* da fama que ao bezerro d'oiro prostitue a sua lyra.» Neste bocadinho de prosa, que a gente quási se

esquece tratar de Rostand e tem vontade de creditar como auto-biográfica,—Deus do ceu, tão bem lhe assenta o significado!—apresenta cinco terminações em *ão* nas sete linhas que tem no livro.

Quebrando a vulgaridade do estilo, arremete de quando em logo, ou com termos vetustos, carreados por Camilo e Fialho dos poeirentos elucidários da língua, ou com neologismos da sua lavra, bárbaros, incríveis, dispensáveis, como êste da mesma *Prosa Vil*: «Se investigarmos juliomardelescamente, até aos avós, veremos. «etc. *Juliomardelescamente!*...

Sintetisando: tres volumes medíocres, apenas interessantes aqui e àlêm, sem surto largo, episódicos, anedóticos, de efémeras impressões, escritos segundo a necessidade da sua colaboração em jornais, ao sabor das sugestões dispersivas e rápidas da vida hodierna.

* * *

A novela *Gente da Rua*, o seu trabalho de mais fôlego, com princípio, meio e fim, surge em 1914.

E' o seu trabalho de mais fôlego, sim, mas não de grande fôlego tambêm. Vê-se que representa um esfôrço desmedido para ele escrever cento e cincoenta páginas seguidas sôbre um tema, quando a sua pena está afeita apenas a traçar crónicas miudas de miudo número de páginas.

Gente da Rua póde considerar-se uma tentativa de romance. E como tentativa, padece da incerteza e do tacteamento, que caracterizam todos os trabalhos de experimentação de fôrças numa actividade nova.

O título vistoso, moderno e sugestivo, promete o que o conteudo não dá: um estudo, ainda que leve e adoçado, aformoseado por processos de arte, da questão social, tão complexa e tão vasta e tão eminente nos tempos de hoje.

Grèvistas, pátios de fábricas, scenas dos bairros pobres e de míseras casas de hóspedes, gente de fraca mentalidade, com a matilha dos instintos à sôlta, scenário sórdido e comparsaria não menos sórdida, elementos êstes bastantes para cobrir um milhar de páginas com uma tragédia viva, palpitante, cònvulsa e uivada de desgraça, — com tudo isso o sr. Forjaz esboçou apenas e mal duas ou tres figuras e amontoou descrições de coisas e de gestos, nos seus aspectos exteriores, superficiais, periféricos.

Ao lê-la, pela classe dos personagens, pelo ambiente de *bas-fonds* onde eles se movem, pelo assunto da intriga, lembrou-me essa novela tantas outras obras, que têem versado, com superior beleza e intuìção decifradora de almas, a multidão dos famintos, dos deserdados, dos sem-pão, que fazem seu covil lôbrego e infecto nos pátios velhos das grandes cidades. Tantas e tantas! Sem recorrer ao estranjeiro, leiam-se

Os Pobres, de Raul Brandão, *Os Humildes*, de Fidelino de Figueiredo, *Os Famintos*, de João Grave, e, sobretudo, mais concretamente sôbre a questão tão momentosa dos conflitos entre o patronato e o operariado, esse *Capital Bendito*, da magnifica pena de D. Virgínia de Castro e Almeida, pena feminil de vigor mais viril do que muitas que mãos de homem empunham. Todos êstes livros e muitos outros a *Gente da Rua* me faz lembrar, e lembrar com saudade.

Falta na novela do sr. Forjaz a seiva emocional, que o assunto não dispensa. O seu estilo não sobe, não soluça, não chora, não impreca, não sái da anotação fria e da indicação dos movimentos físicos das figuras. Os movimentos íntimos, os de alma, aqueles que determinam, galvanizam os externos, muito longe de os salientar, até os sufoca, os finge ignorar, ou ignora de facto, com a sua arreigada concepção materialista da existência. E' o realismo em bruto, o realismo não lapidado, que lhe embota a pena, que lha acorrenta, que lhe limita as faculdades.

A técnica é por igual falha. Não ha uma bem proporcionada dosagem dos episódios da intríga pelos capítulos em que a obra se divide. A linguagem, mesmo fóra dos diálogos que, pela natureza baixa dos personagens, se impunham simples, é chan em demasiado, linguagem im-

própria de livro, linguagem mais de jornal, de narração de repórter, em que a necessidade de ser rápido não permite o mais leve adôrno verbal, embora a pena que escreva seja hábil e amante de belezas de estilo. Nem gongorismo nem chateza. E a escrita para livro propicia, se é que a ela não obriga, por feita com mais vagar, a escôlha dum talhe mais elegante para a vestimenta das ideias, sem que estas em nada percam da sua clareza. A monotonia do estilo da *Gente da Rua* só é cortada pelos plebeismos mais chocantes e sem graça, mesmo fóra dos dizeres das bocas das suas figuras, em que seriam talvez naturais, mas dispensáveis. Contumazmente, persegue-o a intenção chocarreira, scéptica, caricatural, deformadora. A *maneira forte* sedu-lo. Pratica-a, piorando-a. E' sempre a tara do realismo extremista a arremessá-lo com volúpia para o revolver do grosseiro e do violento.

* * *

Em 1916, a par de *O livro das cortezãs*, trabalho modesto de compilação de escritos de outros autores sôbre o assunto que o título indica, feito de parçaria com o ilustre homem de teatro Bento Mântua, deitou o sr. Forjaz a lume o volume *Grilhetas.* Como quási todos os seus anteriores e posteriores trabalhos, não é inédita a sua matéria. Já as suas parcelas tinham sido publicadas em jornais.

Para mim, é o seu livro mais interessante, apezar da sua parte de depreciação de Silva Pinto, Bulhão Pato e Ramalho, que o tornam antipático em extremo, muito mais mesmo que as *Palavras Cínicas*, livro de estreia estrondosa por meio de *blague*.

Chamo-lhe, pois, interessante pelo que, em síntese, nos fornece da estrutura mental do seu autor, e dos seus dilectos processos de fazer escrita.

Pinceladas de vermelho cinismo, que é a tinta mais fiel da sua paleta, tem estas confissões na *Resposta a um inquérito*:

«Eu não nasci escritor. Nasci pobre. Devo declarar que não tive nunca bossa para menino prodígio.

«Nasci pobre e magro. Se me fiz escritor foi talvez por estas duas fatalidades do meu nascimento.»

«Nasci pobre como disse. Quando se nasce pobre tem a gente de cavar-se para comer. Precisa de vender-se sob qualquer pretêsto. Experimentei uma boa dúzia de profissões até que imaginei fazer-me literato.»

«Comecei por fazer versos. Não se venderam. Eram horríveis. Desisti de comprar o meu queijo com os meus lamentos poéticos. Lutara, sofrera e desesperava-me. Fartara-me de tudo e começava a fartar-me de mim. Fiz prosa. Vendeu-se e eu pude almoçar nesse dai

os miolos de alguns meses. Não desistindo de almoçar, continuei a fazer prosa. De então para cá, meu amigo, tomei um pavor à caneta e ao papel branco que só lhe pego quando necessito de almoçar novamente.

«Não sou artista, sou industrial. Fabrico períodos como um marceneiro cómodas ou um luveiro luvas. Procuro, estudando, torná-los mais perfeitos. Busco notas exactas e singulares para êles, é certo. Mas isso não é preocupação artística. Não é. São apenas melhoramentos que eu introduzo na minha indústria. Quero servir bem o meu freguês, que é o meu editor. Êste, por seu turno, tem interesse em servir bem o público. E' claro que, gostando da minha marca e exigindo-a ou gastando-a, o editor se dirige a minha casa a buscar os meus produtos. Tem como no bom comércio, o desconto para revender. O meu nome é a minha taboleta. Cumpre pois acreditar a taboleta.»

Esta rebuscada *nonchalance*, êste ar de motêjo persistente, a propósito de coisas e factos no geral tidos como elevados e obedecendo a fôrças esotéricas e fatalistas, formam um dos artifícios mais fecundos da sua prosa, no que diz respeito a angariar as graças do grosso público, grosso em numero e grosso de espírito, grosso público devorador das suas grossas edições.

Ha um fundo de verdade naquelas confis-

sões. Mas decerto acentuou, vincou, alastrou intencionalmente a nota, numa lisonja à sua clientela de baixo gôsto, a quem, numa errada catequese do sentido de democracia, ele e os seus próximos, têem procurado convencer de que a sociedade ideal é a sociedade rasa, sem cérebros criadores nem almas heróicas, e apontando à truculência do seu ódio os que transgridem essa uniformidade e elevam acima da planura humana uma insígnia de nobre e talentosa excepção.

Para mais pródigamente receber os afagos e os favores da turba, diz-se seu irmão gémeo, despe de todo o prestígio a sua pena, baixa o seu mistér das letras ao nível dos outros misteres, como a marcenaria, onde a máquina bruta e insensível já hoje substitúi, e com vantagem, o trabalho engenhoso do homem.

Esta transigência detractiva póde ser inteiramente sincera, como inculca? Não, é bem de ver. E' um chamariz, um visco para a simpatia das multidões, que só incensam os que as lisongeiam, os que, se maiores, se diminuem de estatura moral e mental, para lhes darem a ilusão duma irmandade completa.

Por isso nega a sua condição de artista: «Não sou artista. Sou industrial. Fabrico períodos. . Procuro, estudando, torná-los mais perfeitos... São apenas melhoramentos que eu introduzo na minha indústria. Quero servir bem o meu

freguês....» Mas como o freguês não é grandemente exigente, as melhorias, os progressos, são pequenos. Das *Palavras Cínicas* ao volume *Grilhetas* vão onze anos (1905-1916), e nas obras dêste lapso de tempo não se desenha a trajectória da sua carreira em curva ascensional, senão mui lenta, quási insensível. Ha mesmo declínios, retrocessos, desfalecimentos.

Interessantes, pois, e muito, sob o ponto de vista da psicologia do autor, estas confissões do *Grilhetas*, ainda com o desconto do excesso artificial que as sobrecarrega, e que não deixam de ser um tanto desastrosas para o sr. Forjaz, àlêm do dano que podem causar a todos que cultivam a alta profissão das letras. Ele próprio, decerto, bastas vezes se terá arrependido de levianamente as ter bolsado.

Ficaria êste volume *Grilhetas* como o seu melhor livro, se não fôsse a nota de atrevimento, demasiado forte, que pôs a vibrar nos seus capítulos *Máscaras—Silva Pinto* e *Na hora da morte* com os tres artigos *Silva Pinto*, *Bulhão Pato* e *Ramalho Ortigão*.

Como disse, feito o volume de escritos já anteriormente publicados na imprensa, como os outros, os artigos *Máscaras—Silva Pinto* e *Silva Pinto*, tinham vindo a lume, o primeiro pouco tempo antes da morte do vigoroso pan-

fletário dos *Combates e criticas*, e o segundo logo a seguir ao seu passamento, em 1911.

Essa atitude irreverente para com um homem que fôra um grande e honesto trabalhador das letras, suscitou logo frases de reprovação ardente. Em *A Capital* de 30 de Novembro dêsse ano de 1911, C. A., que julgo ser abreviatura do nome do ilustre jornalista sr. Carlos Amaro, diz assim na secção *Teatros*, em crítica a uma peça do *República*. «Alem disso, um critico agoniado que, ainda ha dias, escarrava sobre o cadaver de um escritor notavel sob a forma de injurias, o resto das lisonjas com que o sujou em vida, vem hoje com...» etc. Referia-se ao sr. Forjaz, que atacara a peça. Êste, sentido, vem ao mesmo jornal em 2 de Dezembro com uma carta, reptando C. A. a provar que dirigira lisonjas a Silva Pinto. Dois dias depois C. A. responde:

«Esqueceu-nos, hontem, de nos referir a uma carta aqui publicada a proposito da nossa crítica á comedia *O sr. Freitas*, em que se pediam provas de que o seu autor tinha lisongeado Silva Pinto em vida.

«O caso pouco interessa o publico e deixaríamos a carta sem resposta ante a massada de termos de percorrer a collecção d'um jornal á procura das referencias elogiosas que muita gente se lembra de ter lido se n'um livro do *agoniado crítico* a que nos referimos não en-

contrassemos o nome de Silva Pinto citado entre os nomes de Turguenef, Gorki, M. du Camp, d'Annunzio, Eugenio de Castro, Zola, Hartmann, Fialho, Camões, Schopenhauer, Antero, Michelet. Não ha lá mais nomes e o leitor concluirá das intenções do homem que entre os Grandes, citava a Silva Pinto em vida, e lhe vem agora cuspir injurias sobre o cadaver.

«As citações veem ao fundo de cada pagina, respeitosamente, n'uma atitude bem diversa d'aquella em que vimos o citador, de perna alçada, esguichando miserias sobre um caixão ainda mal fechado, onde dormia para sempre um rijo e desgraçado trabalhador.

«Nem mais palavra sobre este caso triste e esta rápida e ultima explicação só é dada pelo respeito devido ao jornal em que veio a carta e não ao escriba que a assina, ancioso por uma polémica que lhe servisse de réclame.

«Vá bater a outra porta... C. A.»

O sr. Forjaz respondeu a isto não sei que cínica e trivial asserção. E C. A., em 7 de Dezembro, a propósito duma festa que Afonso Gáio propunha se realisasse para despedida do grande actor Joaquim de Almeida, aplaudindo a ideia, volta, apezar da sua promessa, ao assunto:

«E além de tudo será ainda um nobre pretexto para tratar de nobres coisas de Arte, longe, bem longe dos paues onde os *Albinos* me-

dram, latejando como vermes na babugem das aguas lamacentas...

«Que de estranhas coisas acontecem á gente! Até agora nos aparece o *orphão Albino* que nós julgavamos perdido desde os tempos ominosos!. Bicho ominoso e deploravel!

«Este anthipatico desgraçado sob a acusação ultra-infamante de escarrar as miserias da propria alma sobre um morto illustre nem uma palavra gasta a defender-se, acceita tudo como bom e só se finge offendido por lhe dizerem que o tinha lisongeado em vida!

«Não é lisongear, diz, citar respeitosamente entre os Mestres o homem que depois de morto e enterrado só lhe merece vaias e referencias insultuosas.

«Triste mistura de faia e de gato pingado, o nosso misero orphão!...

«Mas ha peor agora, muito peor ainda. As creaturas que teem andado a açular Albino sem piedade alguma pela sua desgraça, deixam-n'o ir á degradação da carta ultima que nos faz faltar ao silencio promettido, pois como caso hospitalar o achamos digno de observação mais cuidadosa.

«Vem agora Albino evocar a amisade de Silva Pinto e ornamentar-se com os elogios que o notavel escriptor lhe fez em livros!... Só nos lembra d'um caso semelhante succedido

ha annos, n'um cemiterio de Lamego: Uns sinistros ratoneiros despiam, bátiam nos mortos e roubavam-lhes os anneis. Foram parar á Penitenciaria estes, emquanto orphão Albino por ahi ginga á solta e toma descaradamente o ar de quem faz perguntas.

«Quer saber Albino o que é preciso para conversar humanamente comnosco. Ser bacharel formado, ser administrador, ser pae da patria, ser grão-vizir, ser lord Byron, ter genio com grande G, ou ter como elle *uma obra extraordinaria, dez volumes de arte requintada e subtil?*

«Não, gelatinoso orphão, nada d'isso. Basta ser decente. E um insultador de cadaveres, especie repugnante de lombriga tumular, pode uma pessoa esmagal-o debaixo da bota, mas nunca com elle conversar humanamente.

«Não conversaremos.

«A orphão Albino, misero exilado da vergonha, só um direito talvez lhe assista: o direito de possuir orelhas.

«E d'ahi, talvez nem isso...»

E' difícil estigmatizar ombro de criminoso com ferrete mais profundo e infamante.

E, contudo... Contudo, tendo em 1911 recebido êste violento castigo, não se coibiu o sr. Forjaz de aproveitar os escritos que o tinham arrastado ao ferro do carrasco, para avolumar o livro *Grilhetas*, cinco anos volvidos. Ao con-

trário de mostras de arrependimento, perseverou no crime, gritou-o envaidecidamente. No *Este livro...*, duas páginas com que prefacia o tomo, volta a afirmar que não lisongeou Silva Pinto. Álêm do que C. A. em contradita garante e bem, encontra-se muitas vezes na sua obra, a mais de outras, como a páginas 164 do 1.º milhar da *Prosa Vil*, a frase do autor da *Philosophia de João Braz* sôbre Camilo: «*a formidavel corda das lagrimas; a formidavel corda do riso.* Diz tudo a frase de Silva Pinto. Formidavel, sim. Nunca adjectivo aplicado teve tanta precisão.» Não será isto mostrar incondicional concordância, pelo menos, com a opinião do forte panfletário? E depois, no artigo *Más caras*, entre anedoctas mal cabidas, define-o assim, aleivosamente: «Azêdo, azêdo e azêdo.» «Discrasia, verrina & má lingua.» E intriga:

«Querem saber como êle faz um livro? Principia por cortar dos jornais bocadinhos preciosos. Põe-lhe depois por baixo uma sentença ou um comentário tambêm precioso. Por exemplo:

«Chiça, chiça, chiça», ou então «ráio de vida esta», «porca de vida», etc. Feito isto, reune 4 histórias que lhe contaram (quási sempre quem aquilo lhe contou foi o Camilo) e põe por baixo: «Está certo! Está feito o livro. São 200 páginas: 180 dos jornais, 14 do que lhe contaram e dêle 3 páginas fora o ante-rosto e rosto. As-

sina e são quinhentos réis. Vende-se na Parceria Pereira.»

Usando do exagêro que o sr. Forjaz usou para com Silva Pinto, não haverá ensejo de aplicar igual e depreciativo juizo a respeito do seu próprio processo de fazer livros, onde, como notei, as citações e as reminiscências são numa abundância pasmosa? Irradiadas elas, quantas páginas legítimamente filhas do seu engenho, própriamente originais? Com argueiros dessa índole nos próprios olhos, não os viu senão nos dos outros...

Foi aquela opinião sôbre Silva Pinto ainda publicada em vida dêste escritor. Sim, em vida aparente. Por essa época já Silva Pinto estava à beira do túmulo, já era apenas uma sombra do que fôra, já o seu braço estava refece para brandir a clava temível da sua pena. Por isso, se Silva Pinto teve conhecimento da diatribe do sr. Forjaz, decerto a recebeu com a indignação recalcada dum doente que fôra poderoso, e a cuja cabeceira alguêm agora, vendo-o inofensivo pelo maniatamento da doença, se valesse disto para o insultar, dizendo-lhe o ódio que sempre calara, cobardemente. Talvez lhe tivesse ocorrido à mente, num sorriso scéptico de débil consôlo, a fábula do lião moribundo e do burro...

Mas tal diatribe ainda parece suave e moderada ao lado da que, logo que o cadáver do

panfletário desceu à terra, traçou e deu a público em *A Luta*, creio. Parece que o ódio ali enfreado, aqui perdeu o freio, ao saber decididamente, definitivamente, inerme e fria a mão que poderia castigar o seu atrevimento. Nada havia já a temer. Desrolhou o frasco do vitríolo. Derramou-o sôbre o papel. Foi o delírio da injúria. Catou-lhe os livros, em busca de defeitos. Coleccionou pícaras e sujas anedoctas. Disse tudo quanto uma alma cheia de fel póde dizer. «O habitante dessa carcaça que encerraram num caixão não passou de um azêdo, de um sinistro, de um aziumado.» «A sua obra foi a sua imagem. Pilhérias, comentários, farsolices, zarguncliadas, malícia, asperidão e sobretudo azedume, um azedume resmungadamente pessoal. ¿ Foi talvez invejoso êste pobre diabo? Tudo me leva a crer que sim. Mas que êle foi zanagamente cruel não resta duvida. Êle não deixou uma grande página, nem sequer uma página bela.» «Foi impenetrável de orgulho, e jamais sentiu de fóra para dentro, visto que nula era a sua receptividade. E não passava no seu horizonte homem que não fôsse latrinário, mulher que não trouxesse entre o corpete e o seio o livrete da polícia. Amargo e impiedoso, êsse velho terrível, de juba branca e larga fronte, que, quando descia à rua com a sua velha caneta ferrugenta, ainda abria clareiras de terror...»

Terrível velho com a sua caneta abrindo cla-

reiras de terror .. Sim: Por isso, quando ainda em pleno vigor, o sr. Forjaz o lambuzou de lisonja, só se atrevendo a beliscá-lo quando já a morte andava a rondar-lhe o leito. Depois, mal o viu hirto no caixão, é que surdiu a esbofetear-lhe as faces geladas, *valentemente*, num ímpeto de ódio, cujas determinantes não vejo, ou talvez mesmo apenas por malvadez instintiva, tarada.

Morto Bulhão Pato, o mimoso autor da *Paquita*, também o sr. Forjaz pouco melhor trato deu à sua memória do que déra à de Silva Pinto. Negou-lhe o talento: «.. como artista foi uma figura subalterna que só por suas cãs e alguns bambúrrios se achou guindado ao olimpo das letras.» «A sua prosa é de uma banalidade que transpõe quási o tapume da chateza.» «A *Paquita* já os senhores sabem o que é. Uma coisa mais intragável do que piorno.» E mais ou menos, todos os seus assertos são assim, irreverentes, chocarreiros, negativos. Está-lhe no feitio a maledicência.

Está-lhe no feitio, mas só a expressa às claras, alto e bom som, quando apanha os alvejados impotentes para lhe responder. Só assim. Porque, parece que com Bulhão Pato se deu o mesmo que com Silva Pinto, no que diz respeito ao acatamento que em vida lhe mostrou o sr. Forjaz, para na morte lhe gritar desaprêço,

e mais que desaprêço—rancor. Nuno de Bulhão Pato, sobrinho do Poeta, e meu amigo, e tambêm um temperamento poético de valor, que infelizmente a burocracia absorveu e encarcerou, afirmou-me que se lembrava de ter visto entre a correspondência de seu tio uma ou mais cartas do sr. Forjaz, em termos amistosos e encomiásticos, talvez quando lhe ofertou exemplares dos livros que publicava. Seriam mesmo para o caso muito curiosas de ver as dedicatórias dêstes. Decerto, não seriam, e assim aquela ou aquelas cartas, no mesmo estilo do artigo do livro *Grilhetas*... Mas, contra o meu gôsto em testemunhar, com documentos escritos pelo seu próprio punho, a hipocrisia do sr. Forjaz, lisongeando agora o que mais tarde ha-de atacar furiosamente, a correspondência e a livraria do Poeta Bulhão Pato, dispersas ambas pela família basta, não permitem já uma pesquiza nesse sentido. E' pena. Tenho, pois, de me contentar com o testemunho verbal de Nuno de Bulhão Pato, que, embora vago, não deixa de ser dalgum modo valioso.

Com a morte de Ramalho Ortigão estrondeou o mesmo desacato. Parece que o regosija ver rolarem por terra as árvores humanas mais altivas e de melhor seiva. Vendo em todos concorrentes, rivais, oficiais do mesmo ofício, desabafa quando os sabe a caminho do exílio eter-

no, deixando-lhe o campo da sua *indústria* mais livre e mais apto, assim, para expandir o seu negócio.

Ha quem se lembre de ter lido ha anos qualquer referência elogiosa do sr. Forjaz a Ramalho Ortigão, antes, muito antes da morte do ilustre autor da *Holanda*. Busquei-a, mas em vão. Era difícil encontrá-la, aliás, pois que não fôra arquivada em livro, mas sim aparecera apenas nas páginas efémeras dum jornal. Isto não importa. Já se viu que é possível, que é lógica, a existência dessas linhas, poucas ou muitas, aqui, àlêm, onde não sei. Possíveis e lógicas (na lógica especial do sr. Forjaz), pelo que sucedera com Silva Pinto e Bulhão Pato.

Duma citação sei eu. É na *Prosa Vil*. Não a acompanha, é certo, qualquer palavra de encómio. Mas demonstra ela, pelo menos, concordância.

Escusado é dizer que julgo inteiramente in justo o seu juizo sôbre a individualidade de Ramalho: «Quanto ao escritor, êle foi sempre um sorna de períodos geométricos, angulosos, prenhes de estatísticas fora do propósito e sem um vocabulário capaz de faiscar imagens rútilas e inesquecíveis.» Segue neste teor, amachadando valores, fazendo comparações desrazoáveis, em detrimento de Ramalho, com D'Amicis, Alfredo de Mesquita, Ricardo Jorge, a respeito da *Holanda* e das *Praias* e *Aguas*.

No *parti-pris* da oposição, cega-se, obstina-se em negar, em apoucar. Ramalho Ortigão, todos o sabem, se não foi um Cellini da prosa, nenhuma qualidade de escritor de pulso lhe faltou. A sua obra merece o nosso respeito e até a nossa gratidão. Em grande parte dela foi português, bem português. Saudável, saudávelmente a escreveu. Trouxe ensinamento para a nossa sociedade, induziu melhorias e reformas. Ninguêm tem o direito de sepultá-la a um canto, como falha, inútil, mumificada.

Fialho empregou muitas vezes o seu subido talento em hostilidades levianas e injustas. Um dia deu-lhe para classificar a doutrinação de Ramalho dêste modo: «biologices e sociologices da biblioteca de dois *sous*.» Foi talvez o que arrastou o sr. Forjaz a expedir os seus comentários de desaprêço pela obra de Ramalho Ortigão. No seu fanatismo pelo Mestre, fanatismo que, obedecendo à fatalidade de todos os sentimentos extremos, é incondicional e não distingue as altas qualidades dos pequenos defeitos que assistiam, umas e outros, no espírito superior e requintado do grande Artista da prosa portuguesa,—o sr. Forjaz, assimilando-lhe em blóco todas as sugestões, e talvez mais depressa as turbulentas e desequilibradas, e por isso inferiores, do que as outras, ampliou o dito que o Mestre num momento de mau humor atirara ao papel, glosando-o atra-

vez do seu temperamento sarcástico e sistemáticamente adverso.

Vindo ao encontro da indignação que adivinhava (ia a dizer — desejava, tendo em vista o seu ardente desejo de rèclamo...) irem levantar os tres artigos sôbre Silva Pinto, Bulhão Pato e Ramalho, como de costume, pediu muleta. «*Disse Voltaire que para com os vivos deve haver deferências, mas para com os mortos a nada mais estamos obrigados do que à verdade. D. Francisco Manuel de Mello diz*: Se os mortos vos não dão mêdo, tratai dêles. *Concordando com ambos, eu sinto que é quando uma creatura morre que o seu espólio se arrola emeirinha.*»

Deve-se só a verdade aos mortos, concordo. A avaliação do espólio só é feita após a morte de alguêm, é certo. Mas a verdade é o insulto, o extravasamento de bílis, o ataque feroz ao espírito dos mortos? Ha, por acaso, nesses tres artigos do sr. Forjaz sôbre as individualidades de tres notáveis escritores, o tom calmo duma crítica mensuradora de valores? De ponta a ponta, só os lambe uma chama voraz de negativismo. O vocabulário neles usado é acintoso, satírico, propositadamente escaldante. Nem a vida particular escapou à sua hostilidade. Verdade, não. A verdade em nada temperou aquelas páginas. Só a mentira, ao serviço, nem sei se dum despeito ou se da sua mania iconoclasta, impeliu a pena do sr. Forjaz ao traça-

-las. Depois, ante um féretro ninguêm é obrigado a descobrir-se, ao geito cristão, reverente para com o exílio duma alma, na sua viagem longa para o maior mistério. Mas o que não é permitido, o que representa desacato de demente, é atirar mancheias de lama sôbre um caixão ou retalhar-lhe à navalha o manto lentejoulado que a piedade dos outros pôs a cobrí-lo.

Sem esta nefanda parte, como disse, o livro *Grilhetas* ficaria talvez como a melhor e mais interessante obra do sr. Forjaz. Representa, em técnica de estilo, o acúmen do seu *processo*. O vocabulário ali é mais rico. Os artigos sôbre Eça e Camilo, sôbre Fialho e Latino Coelho e sôbre Júlio Dantas, Eduardo de Noronha, Shwalbach, Mântua, êstes bem atochados de elogios (pudéra! tratava com vivos! mas tenham SS. Ex.as a infelicidade de marchar adiante do sr. Forjaz, e ver-se hão novas mostras da sua especialidade necrológica...), e os inquéritos de jornais, são curiosos, entretêem, embora, por fragmentários, não sejam destinados a perdurar. Ha neles uma parte útil. A divulgação de factos e particularidades que, por dizerem respeito a figuras de destaque, mereciam sair da penumbra e do silêncio. Exigiram estudo, trabalho paciente. As notas bibliográficas, mesmo as dos tres incriminados artigos, são tambêm de louvar. O pior é o adubo dos comentários..

* * *

Em 1917, publica as *Vidas Sombrias*. Livro de crónicas, já editadas em jornais, tresmalhadamente, e agora acolhidas sob o alpendre dum título pretensiosamente romântico, explorando a nota melancólica, tem as qualidades, quer positivas, quer negativas, os altos e os baixos, em assuntos e estilo, da trilogia das *Crónicas imorais*, *Lisboa Trágica* e *Prosa Vil*. Sem grande vulto e sem novas características, dispensa especial anotação.

* * *

E' do geral conhecimento a maneira como Portugal foi levado a cooperar no grande conflito mundial, desencadeado em 1914. Quási extinto de todo o espírito guerreiro da raça, não foi sem relutância da grande massa do povo, é doloroso dizer-se, que se começou a organizar e efectivar o envio do nosso contingente de fôrças para os campos de batalha da Flandres. A uma política internacional de aberta simpatia pela causa dos Aliados iniciada pelos governos de então, opunha-se uma outra corrente de opinião, que, temerosa dos avultados encargo que sôbre o tesouro português impenderiam se tal intervenção se realizasse, preconizava antes uma política neutral, embora complacente para com a *Entente*, assim à maneira da que a nossa visinha Espanha

resolveu seguir, e donde, se não lhe veiu prestígio bem claro e épico, alcançou um largo e lisongeiro desenvolvimento do seu imperialismo, na fórma mais pacífica, mais moderna e mais isenta de perigos—a da melhoria da sua balança económica.

Esqueciam os dessa campanha defectista que a Espanha não estava, em relação aos Aliados, no mesmo ambiente histórico em que se encontrava o nosso país e que, portanto, a política escolhida por ela e que lhe levou caudais de oiro aos cofres da nação, ainda que, imposta ao nosso povo, viesse a dar os mesmos resultados económicos, o que é duvidoso, não só nos não era moralmente aplicável, como até a escolhermo-la, cairíamos no perigo de sermos dados por relapsos aos tratados com a Inglaterra.

Não é aqui o campo azado para ressurgir essa questão, juntando-lhe quaisquer comentários a favor dum critério ou doutro. O que importa ao meu escopo é perante o facto da nossa entrada na guerra com os Impérios Centrais, constatar que em certas camadas do público essa cooperação esteve bem longe de ser entusiástica.

Por isso, como sucedera já em todos os países arrastados ao conflito, criou o nosso govêrno um organismo oficial que tinha por missão fazer a propaganda intensa do nosso esfôrço bélico, não só dentro de Portugal, com o intúito

de levantar o espírito popular, incendiando-o de simpatia pela causa em que fôramos a participar, mas tambêm lá fóra, no estranjeiro, com um caracter mais genérico nessa propaganda, que sempre deveria ter existido e é de desejar que, bem orientada, se perpetue e se fixe, para atenuar a pasmosa ignorância em que a nossa nacionalidade se debate nos outros países, muitas vezes recebendo bastamente o oiro luso, mas confundindo-o com o da Espanha.

Criou-se, pois, uma repartição especial para esse fim. Mas, ao que parece, pelos depoïmentos de pêso que têem vindo a lume, a pecha de má administração que corrói toda a nossa engrenagem burocrática, logo invadiu o recem-nado organismo, depauperando-lhe os recursos, consumindo-lhe as verbas num abrir e fechar de olhos, quási, a bem dizer, sem nenhuma propaganda se ter feito. Quem devorou tanto dinheiro? Sabe-se lá bem!... Bem não se sabe, mas, contudo, um ou outro caso foi denunciado, como aquele que é agora ocasião de comentar: o do sr. Forjaz, o da côdea farta que nesse bodo foi dada a roer ao afortunado plumitivo.

Êste caso do negócio do sr. Forjaz com a tal repartição de propaganda foi deixado em herança, em Dezembro de 1917, à situação conhecida pelo *dezembrismo*. Nada melhor do que uma transcrição de certas passagens dos jornais a êsse respeito poderá instruir-nos. Em

A Luta de 21 de Janeiro de 1918 estampou o sr. Forjaz quási duas insolentes colunas de prosa, em trôco de várias alusões adversas que diversos orgãos da imprensa já haviam publicado dias antes. Ei-las :

CRÓNICA

Aspectos & Impressões

O ESCANDALO FORJAZ

Ora vamos a isto.

Havia no ministerio da Instrucção uma comissão cujo fim unico era a propaganda de Portugal intra e extra fronteiras, comissão de que faziam parte creaturas que muito considero e de quem me honro de ser amigo. Um belo dia propuz a compra de uma edição de artigos meus, cronicas que tinha publicado sobre a Alemanha. A comissão achou que seria melhor fazer eu um livro novo, de impressões directamente colhidas no *front*, livro curioso e vivido. Concordei e propuz-me fazêl-o. Receberia para isso 3:000 francos, foi o que pedi. Em troca daria artigos de propaganda nos jornaes onde costumo colaborar, publicaria um livro de 240 paginas, com um minimo de tiragem de 3:000 exemplares e daria á comissão, que é como quem diz ao governo, 200 exemplares. Tal o negocio. Foi o caso aprovado pela comissão e aprovado pelo conselho de ministros Afonso Costa. Estava a coisa neste pé, isto é, fechado o contracto entre o escritor Albino Forjaz de Sampaio e o governo portuguez, quando a revolução surge. Todos os negocios de publicidade foram novamente a conselho e o conselho aprovou novamente o que já aprovado estava. E' que o conselho reconheceu que o negocio nada tinha de imoral.

O governo dava-me 3:000 francos, 858$00 escudos ao cambio. Eu dava-lhe além da publicidade, da propaganda, do meu nome e do meu trabalho 200 exemplares, que a 60 centavos cada, valem 120 escudos. Dir-se-ha que os exemplares não são dinheiro? Pois são, porque o editor os paga ao deposito de papel, á tipografia e impressão, ao brochador e ao moço e eu lh'os pago a ele, porque o governo m'os pagou a mim.

Ouro é o que ouro vale ou *les affaires sontles affaires.* Ficou já a verba moralmente reduzida a setecentos e tal mil réis, um fortunão.

Ora, houve um jornal do Porto, o *Jornal de Noticias*, informado pela prenda do seu correspondente de Lisboa, que dizia que a «revolução veiu encontrar muita gente com o taçalho na bôca, sem lhe dar tempo de o engulir.» E dizia mais que, (era comigo), havia individuos contractados para ir ao *front*, recebendo *só para viagens*, 3:000 francos. O sublinhado é meu. Em primeiro logar, murche a orelha do cronista. Eu comi o taçalho. Em segundo logar os taes 3:000 francos foram *para tudo*, sem encargos de maior. Para eu pagar comboios, comedorias e fretes, para publicar um livro, para escrever artigos, para dar duzentos exemplares ao governo, para sofrer frio e neve, para dormir incomodamente, para poder lá ter ficado com uma bala na cabeça, porque, julgo que é uma coisa que na guerra possa acontecer sem parecer extraordinario a ninguem, nem mesmo a quem morre. Ora tudo isto por 846$00, para mim, que tenho uma casa com arte, uma livraria preciosa, comida regular e bôa cama, acho que não é de locupletar-se a gente. Grande negocio na verdade para quem fosse descobrir Paris, como aconteceu a alguns colegas parolosos.

Mas ainda ha mais. No dia 18 de Dezembro o sr. Forjaz de Sampaio comprou na casa Thos, Cook & Son um bilhete de ida e volta a Paris. Custou-lhe 109$640 réis. Ora já os malvados 700 escudos estão em 600 apenas. O

sr. Forjaz demorou-se na viagem 24 dias. Numa média de 50 francos por dia, pão negro e café sem assucar, o sr. Forjaz gastou mais 1.200 francos. Os javardos julgarão que eu tenho medo das suas jornalices ou das suas insinuações. Agora ponham cartas, guias e plantas, trabalhos publicados sobre a guerra e ha-os bem curiosos, bem interessantes, quer como tecnica, quer como arte, *Le Feu* e *L'Enfer*, de Barbusse, a *Ma Pièce*, de Paul Lintiér, *Los cuatro-ginetes del apocalipsis*, de Blasco Ibañes, *Les premièrs cent mille*, de Ian Hay. Tudo isto havia que se comprar. Resumo: os senhores sabem qnanto eu ganhei com o escandalo da minha ida ao *front*? Os senhores sabem com quanto eu regressei a Lisboa, com quanto num envelope eu dei entrada na estação do Rocio? Pois com uma nota de 100 francos que rebatida dois dias depois no Credit me deu 29$400 e duas moedas hespanholas de 10 centimos e 2 francezas de 5. Conservo-as para recordação.

Agora outra coisa. Eu fui como tenente. Parece extraordinario e todavia não houve coisa mais regular. Como quereriam os taes, os outros, os aqueles, que eu fosse? A' paizana. Ignora-se cá em Portugal que é defezo a paizanos o campo das operações. Para ir ao *front* vesti-me de tenente. E' uma coisa que sem favor a lei me concede. Já tinha vestido a casaca para ir a uma festa em casa do dr. Manuel de Arriaga; para ir numa das maquinas do rapido do Porto me vestira de ganga azul, e para fazer uma viagem na casa das maquinas do paquete *Porto* me vestira de fogueiro.

Tenho ainda um smoking, um frak e tudo isto comprado antes da famosa negociata dos tres mil francos, que um famoso sucio julgava serem tres contos de réis.

Embora a farda de tenente me ficasse a matar, despi-a em Bayonna. E' que eu tive sempre pouca querença para as fardas. E entre a de tenente que um decreto me emprestou e a da Academia que ganhei pelo meu trabalho, a da Academia é muito mais vistosa. Mete espadim, chapeu

armado e não é ainda acessivel aos *garujas* literarios que dão facadas nas gazetas.

Tem a minha ida uma outra parte, reservada até seu tempo. Essa porém não custou um real ao Estado. Parece que ficamos entendidos, hein?

Percorro as gazetas. A *Capital* perguntava *Tenente de que?* insinuando que este governo estava já a talhar fatias para os afilhados e que eu ia substituir o sr. Augusto Pina. Enganou-se a *Capital*. Não fui. O governo disse á *Capital* por que me tinha feito tenente. A *Capital* não disse nada aos seus leitores. Tambem é um processo jornalistico. Creaturas mal intencionadas vieram dizer-me que a noticia da *Capital* e o taçalho do *Jornal de Noticias* eram prosa do meu amigo Adelino Mendes. Não acreditei, claro. Adelino Mendes já esteve em França e sabe que tres mil francos mesmo fardados são nada, a não ser que a creatura vá, como *c'est la guerre*, dar tiros - passe o calão—de algumas centenas de francos aos compatriotas que tope. A *Opinião* fazia *O Caso Forjaz* como se fosse o caso Caillaux. As outras abundavam nas aguas do escandalo. Está pois a cousa explicada, se bem que eu poderia ter comido o taçalho como diz o outro e não vir agora aqui dizer que estou gratissimo a todos por tantas provas de amisade.

Pois é verdade! Valem um poema, os inventores do escandalo ..

Sinto nos bicos da pena as cocegas vocabulares do padre José Agostinho. Ficam de remissa, embora isso me dê uma pena que nem os senhores podem imaginar.

Albino Forjaz de Sampaio

Por mais fleugma que nos assista, não se podem ler sem revolta, sem indignação, estas palavras de filáucia e de descaramento, dando em

insignificante conta o emprêgo dos dinheiros públicos.

Áparte ainda o tom chalaceador e irritante dessa crónica, cumpre fixar-lhe certas afirmações com respeito à indole do negócio contractado, para a gente se certificar se foi ou não cumprido: «A comissão achou que seria melhor fazer eu um livro novo, de impressões directamente colhidas no *front*, livro curioso e vivido.» «Em troca daria artigos de propaganda nos jornaes onde costumo colaborar, publicaria um livro de 240 páginas, com um mínimo de tiragem...» etc. Ver-se ha que não.

Vários jornais lhe deram resposta enérgica. Como súmula dessa oposição, aqui está uma local de *A Capital* do dia seguinte:

O caso Forjaz de Sampaio

O sr. Albino Forjaz de Sampaio já regressou do *front* portuguez. E hontem, para elucidar o publico, publicou na *Lucta* um longo artigo, no qual explicava, como elle proprio diz, o *escandalo Forjaz*, pondo em pratos limpos tudo o que a esse mesmo escandalo diz respeito. Se não fôsse uma alusão directa á *Capital*, pouco nos interessaria o relatorio do sr. Albino Forjaz de Sampaio. Mas como o commissionado pelo governo portuguez para ir a França desempenhar uma mysteriosa e urgente commissão de serviço nos diz que não quizemos publicar a explicação que o governo para aqui enviara, somos forçados a pôr as coisas no pé que lhes pertence. Effectivamente, não publicámos a nota explicativa do governo. E sabe o sr.

Forjaz de Sampaio porquê? Porque não a entendemos. Succede-nos sempre isso quando vemos citados, em documentos officiaes ou officiosos, um rosario d'artigos de lei, que nem os proprios juizes da relação se atrevem, as mais das vezes, a decifrar.

E não nos arrependemos do que fizemos. O nosso instincto valeu-nos uma vez mais. E' que entre a nota elucidativa, recheiada de citações de artigos de decretos applicaveis ao escandalo Forjaz, e o que conta, no seu artigo da *Lucta*, o sr. Albino Forjaz de Sampaio, ha uma discordancia absoluta. O governo dizia que incumbiu aquelle escriptor de ir ao C. E. P. desempenhar uma commissão de sua confiança e declarava que opportunamente informaria o paiz. O sr. Albino Forjaz de Sampaio assevera que foi ao *front* portuguez para escrever um livro, do qual fornecerá ao Estado duzentos exemplares, tendo recebido para isso a bagatela de 3.000 francos, ou sejam, segundo as contas do interessado, 858$00 escudos. O estado realisava, portanto, um excellente negocio, comprando cada exemplar do livro que o sr. Albino Forjaz de Sampaio escreveria a 4.290 reis cada volume. São estas as objecções que temos por bem fazer á referencia que endereçou á *Capital* o auctor do artigo da *Lucta*. Não nos parece que não sejam claras e elucidativas...

Tambêm no *Jornal de Notícias* de 26 de Janeiro o ilustre jornalista Adelino Mendes saiu à estacada, respondendo com merecida violência à insinuação do sr. Forjaz duma pretendida má fé do correspondente daquela folha em Lisboa. Entre outras coisas, diz-lhe: «... o ar de mártir com que se reveste, querendo fazer-se passar por ter prestado um serviço, quando foi ele que recebeu dinheiro da Nação para servir os seus interesses»... «O sr. Albino For-

jaz não póde ofender ninguem, nem mesmo a memória de Fialho—que é a muleta literária que lhe tem servido para tudo—até para ser sócio da Academia.» Remata: «E não julgue o cínico das *Palavras Cínicas* que fico com cócegas nos bicos da pena, para desembestar em improperios contra quem, sem ter a coragem de se me dirigir cára a cára, pretendeu naifar-me pelas costas. Não. Fico com cócegas mas é na biqueira do sapato. E essas póde o cavalheiro estar certo de que, se fôr preciso, não as deixarei eternamente a roer, como comichão maldita, das que levam coiro e cabelo. Porque a respeito de resistencia moral e física o meu ilustre camarada Herculano Nunes que diga e testemunhe até onde ela vai, quando se trata de chegar a roupa ao pêlo ao sr. Forjaz de Sampaio.»

Tão escandaloso proteccionismo revelava o caso, proteccionismo que nunca o Estado bronco e avarento dispensara a nenhum artista da pena devéras necessitado dele e a ele tendo jus por subidos méritos,—que, mesmo sem se ver o livro, já os protestos se erguiam nesta grita reprovadora e bem legítima

Porque teria sido o sr. Forjaz o beneficiado, o único beneficiado, quando, se se compulsar a imprensa anterior mas dêsses mesmos anos de guerra, ver-se ha que muitos outros escritores desenvolveram uma vasta propaganda do nosso

esfôrço no conflito, sem que o Estado, num generoso gesto de Mecenas, os tivesse chamado a si, recompensando-os, dando-lhes chorudo dinheiro para uma viagem em terras de França? Porque? Porque só o sr. Forjaz teve o atrevimento de fazer a proposta da publicação do livro famigerado? Talvez só por isso. Mas o que ninguêm poderá aprovar é que tão levianamente essa proposta tivesse sido aceita, malbaratando dinheiros que tanto custam a pagar ao pobre contribuinte português. Quem quere regalos, paga-os, e não se deita a chuchar na exangue têta estadual.

Diversos jornais mantiveram à sua exclusiva custa correspondentes lá fóra, em França, no intento meritório de darem passo a passo ao público o relato dos feitos da nossa soldadesca. Por exemplo, *A Capital* dois enviados teve, nada menos: Adelino Mendes e Mário de Almeida, a quem se devem dois belos livros sôbre a guerra—*Cartas da guerra* e *O Clarão da Epopeia.* Como êstes, outros jornalistas e escritores por lá andaram e dos seus trabalhos ficou uma propaganda enorme e bem feita, que nem um ceitil custou aos cofres públicos.

Depois dêste estampido de ataques ao escândalo e da fumaceira que o rodeou por momentos, fez-se um silêncio longo. Rolaram os meses,—e o luso pagante à espera do decantado livro, que lhe custara a bagatela de 3:000 fran-

cos! Quási decerto se esquecera dele, tão habituado anda de ha longas eras a pagar tanta coisa inútil e, o que é mais, tanta coisa que não vê...

Rolaram os meses, rolaram, e, por fim, já quási à beira da assinatura do armistício, surge um livro do sr. Forjaz, de título estranjeirado *A Avalanche* que, por certas passagens, e mais ainda porque nenhum livro mais ele tenha publicado com temas sôbre o prélio, deixa a gente na presunção de ser êste o «livro novo, de impressões directamente colhidas no *front*, livro curioso e vivido», «um livro de 240 páginas».

Êste!...—pasmará o leitor, como eu pasmei, ao folheá-lo. Primeiramente, com uma publicação tão tardia, quási já fóra do tempo do conflito, o livro, por melhor que fôsse, resultaria inútil, tendo em vista o fim a que se propunha—manter acêso o interesse do povo português pela acção dos seus soldados, que valentemente se estavam batendo e morrendo, cobertos de glória, lá longe, na Flandres, honrando o sagrado nome da Pátria. Depois, o livro não só não é melhor do que os outros publicados sem subsídio oficial, como até é pior, como não é bom, como é inferior. «Livro novo, de impressões directamente colhidas no *front*». «Novo», é falso. Folheie-se uma colecção de *A Luta* e lá será encontrada a maior parte dos artigos que constituem esse capítulo do livro

Á margem da grande guerra, que se estende por cento e vinte páginas, isto é, mais de metade do volume, que, ao todo, tem 220 em vez das 240 páginas contractadas.

Duas transgressões, portanto, se apontam já ao contracto: a falta da qualidade de inédita de metade do livro e o seu menor número de páginas.

Para quem conheça um pouco a obra do sr. Forjaz, irreverente, sarcástica, indiferente ao sentimento de patriotismo, dá franca vontade de rir o estilo da dedicatória: «*A todos,* que ao frio, à neve, à chama rubra dos incêndios, ao troar do canhão, ao enervante crepitar da fuzilaria, na incerteza das águas do mar, na planície desolada da Flandres, na noite negra das trincheiras ou na noite vermelha dos hospitais, souberam lutar, combater, sofrer, morrer, honrar a Pátria — *Soldados de Portugal* — dedica o autor». Como sôa falso tudo isto! Como isto é postiço no temperamento do sr. Forjaz! Tanto, que as palavras lhe sairam sem alma, alinhadas ali a custo.

Em seguida, á láia de prefácio, sumaria os motivos do conflito grandioso, com estafados lugares comuns do jornalismo e sabença do Larousse. Com os mesmos elementos cozinhou as vinte crónicas da primeira parte do volume. E — caso célebre e risível! — em algumas delas de tal modo estira por páginas e

páginas o relato, túrgido de algarismos, do poderio multiforme dos alemães, que, apezar do fêcho das crónicas vaticinar a derrota dos Impérios Centrais, se chega a acreditar que aquilo tudo não é mais do que um dos muitos elementos de propaganda anti-aliada, isto é, pró--Germânia, pago generosamente com o pérfido e execrando oiro alemão, tal é a impressão de força e de superioridade da energia da Alemanha que esses assertos nos introduzem no espírito!... Leia-se: «A sua (da Alemanha) marinha é enorme, o seu exército não cessa de aumentar, as praças fortes da fronteira multiplicam-se e com elas a espantosa rêde de caminhos de ferro». «Passou a fronteira e na luta económica que caracteriza a vida moderna, a indústria e o comércio alemão dia a dia maiores e mais pujantes se fazem». «Foi isso o que tornou Hamburgo o terceiro pôrto do mundo e fêz de Bremen um grande império. Por Hamburgo tudo passava. Havia o navio carvoeiro, o de carnes congeladas, o que só levava frutas. O café do Brasil, a borracha e o cacau das nossas Áfricas, as rendas da Madeira, as louças do Japão, porcelanas, sêdas, livros, cantaria, papeis, de tudo Hamburgo era o grande mercado. Só a sua praça tinha 430 vapores montando 637:000 toneladas, com 16:000 tripulantes.» Não tem qualquer coisa de relatório dum consul alemão, encarecendo os méritos da sua

orgulhosa Pátria? «A sua marinha de guerra... a segunda marinha do mundo.. » «O exército, que nos Hohenzollerns é «uma tradição de família», é o primeiro do mundo, com os seus formidáveis 23 corpos». «O comércio e a indústria alemã são coisas espantosas de desenvolvimento.» Etc., etc. Que veemente panegírico, triunfal, apoteótico; para digno remate, só as notas clamorosas do *Deutschland uber alles!*...

A segunda parte do volume intitula-se *No coração da guerra* e tem como sub-título *Soldados de Portugal.* Começa a páginas 129. Em oito crónicas, que abrangem mais de quarenta páginas, diz-nos o que passou a sua importante pessoa «a caminho do front», bem minuciosamente, com horas de partida de combóios, o frio que fazia, a fome que sentiu a certa altura do trajecto, as olhadelas que deitou à paisagem, os episódios pícaros da viagem, o bom gôsto dum jantar em Valência, a delícia do vinho ingerido a regá-lo, a recordação duma zurrapa que lhe molhara as tripas treze anos antes, coisas estas e outras todas muito homéricas e dignas duma epopeia.

Tanc-tan,tanc-tan, o combóio silva, o combóio rola, o combóio desdobra por ali fóra o corpo serpenteante de aneis de aço. Bargas, Agonias, Cabañas, Madrid, por fim. Primeira *étape* do seu calvário. «Frio laminante, pneumónico». Pobre sr. Forjaz de Sampáio! En-

quanto lá longe, *cómodamente* instalados nos covis das trincheiras, os soldados bisonhos de Portugal se entregam à orgia da guerra, ele, em alto serviço da Pátria, em abnegado sacrifício pela grei, arrosta com aquela intempérie, com aquela algidez do ar, no deserto de Madrid, que lhe faz ter imensas saudades de Lisboa! O' Lísbia, ó Pátria, ó numes, como pagardes os favores do ínclito cidadão?!

Parte de novo. Segunda *étape*, terceira, quarta, muitas. San Sebastian, Bordeus, Paris. Vá de evocar o Paris doutros tempos, revolteante, boémio, colmeia de lindas fémeas. Mesmo assim mudado e despido dos atractivos de outróra, ainda se compraz em esboçar-lhe aspectos em duas ou tres crónicas. Revistas, mulheres de pernas ao léu, o sorriso pecador de Rose Amy e o bacante olhar da Gaby Deslys. O que o homem sofre atravez daquilo tudo, em que jàmais esqueceu a magestade da sua missão: «E, quando no fim subo a escada do hotel, pisando a passadeira com as minhas fortes botas impermeáveis, eu penso na loucura, no vortilhão, no sonho de luz e carne que passou ante os meus olhos e agora é sómente um sonho. Penso tambêm se voltarei a vê-lo, se não ficarei, pelo acaso de uma inevitável fatalidade, nesse *front* para onde a minha guia em inglês diz que eu devo partir amanhã, da *gare* do Norte às 9 horas.

«Sei lá! Sabemos nós por acaso alguma coisa!...»

Vale uma lágrima êste final!

Partiu, seguiu, viu campos desolados, aproximou-se da *no man's land*. Melancólicamente tocado do pavor da morte, confidencia: «No combóio scismo um pouco em mim. Cá vou. Para onde? Para o desconhecido. E' curioso isto, pois não é? E chega o combóio ao Aire. São 9 e meia de uma soturna manhã de neve».

Página 177. Entra na zona do *front*. Lamentos dum galucho, o encontro com um amigo velho, o regalo do almôço. Depois, a caminho da escola dos gazes, uma caminhada longa sôbre a neve e sob neve, que lhe arranca uns queixumes de poltrão «...por vergonha é que eu não confesso que sou um pobre farrapo de alma a quem a neve perturba e mata.» «Se eu caisse varado à beira daquela estrada de prata fosca que não acaba mais, só a neve me amortalharia e os corvos saberiam de mim, tal é a impressão de solidão que há agora na minha alma.» «*Eles* batem-se. E na minha mente imagino o inferno que deve ser por lá. Na escuridão da noite êles batem-se. Um *camion* passa. Tudo estremece. E eu, encolhido entre os lençóis, caio a pique no sono, primo-irmão da Morte, como lhe chamou o Eça de Queiroz».

Avança para a linha de batalha. Fala muito

de si. Descreve-se, relata-se com vagar e presunção. Julga-se o eixo do mundo. Mais anedocta, mais chalaça, mais invectiva contra o frio e a neve, e a respeito da soldadesca portuguesa, nada ainda, a valer. Só ela nos aparece a páginas 194, incarnada no galucho Joaquim. Homenagem ao heroismo luso, preito fervoroso às altas qualidades de bravura da nossa gente? Meia láuda, se tanto, para tal: meia dúzia de frases banais, sem entusiasmo, sem comoção, sem fôrça de sinceridade. A seguir, doze páginas com ditos da soldadesca, episódios grotescos dos intervalos das batalhas, calão das trincheiras, entre-tens singelos, e pouco mais.

Avista-se já o termo do volume. Mais o XIV capítulo com a descrição monótona do caminho para Bethune, dentro dum automóvel. Um avião *boche* em cima, pairando, moendo sons. Longe, o troar do canhão.

«A *trincha*», capítulo final, que dá? Impressão ligeira dum rápido contacto com a linha demarcadora da *Terra de ninguêm*. Desváira então. engrandece-se, glorifica-se, julga se integrado no pavoroso conflito, dando a vida em holocausto à Pátria, à Civilização, à Humanidade, como os outros seres humanos que ha longos dias, intérminos dias, ali se batem, denodadamente, almas fortes e viris compondo estrofes dum novo Lusíadas. Esquece-se de que foi ali apenas por passeio, com 3.000 francos na

algibeira, para escrever um livro sôbre o martírio dos outros. Supôi-se irmão de herois, compartilhando do mesmo alto e trágico destino: «pode-se com cuidado olhar a *Terra de ninguêm,* fazer mesmo gestos ao irmão *boche* que do outro lado morre como nós outros.» «E transida, bafejando as mãos, sem sono, a gente escuta os ecos e o nosso coração doente é como um velho relógio tonto oscilando entre a saudade dos que estão longe e a idea de morrer ali, armado e equipado, sonolento e triste, como um cão sem fôrças.»

As linhas de mais beleza que traz o livro são as poucas em que transmite a impressão dum oficial que escapou ao 9 de Abril, o nosso Alcácer-Kibir do século XX.

Ocamente, como na dedicatória farfalhuda, finda: «E o *boche* viu como se batem e morrem os portugueses, os soldados sofredores, heróicos, humildes dêste encantado e lindo Portugal. E eu recordo a nossa terra, os nossos soldados, e lembro comovidamente uma quadra que ao sabor popular um coração de português deu fórma:. .» etc.

Fazendo balanço ao livro. Não é ele em tudo inferior ao seu desígnio? Já fiz notar que, tendo o seu autor tomado o compromisso de fazê-lo novo, lhe meteu muito original já anteriormente publicado em jornais. Em seguida, bem exígua parte dele tem por assunto o tema

proposto—o duma impressão do esfôrço português na Grande Guerra. Por último, esta parte não só é pequena em quantidade: a sua qualidade é nua de interesse, fria de emoção, êrma de simpatia. Não ha ali uma nota rugente e alta de heroismo, de sublimidade, que repercuta na nossa alma, que nos incendeie de entusiasmo, que nos ponha o espírito em vibração. Nada, sob êste ponto de vista. Ora, não foi decerto para repetir o que já em todos os tons e em toda a imprensa mundial se dissera sôbre a Alemanha, nem para narrar com insulsa hipertrofia do *eu* a sua róta até o *front*, atravez de Portugal, Espanha e França, que o Estado com dinheiro de todos nós o subsidiou fartamente nessa viagem. E' esta circunstância que piora o livro, que lhe salienta a falta de valor. De resto, a crítica não teria diante dêle de tomar senão a atitude que lhe compete perante qualquer livro saido a público—aplaudindo ou negando apláusos. Aqui, e naquela circunstância, o caso é outro. O caracter de oficial que tem a obra exige, legitima maior severidade da crítica. Considera o sr. Forjaz uma ínfima bagatela a quantia de 3.000 francos que recebeu. Convêm-lhe assim, e o seu desejo teria sido receber muito mais. Mas os contribuintes do Estado é que não podem ter tão desenfastiada e pródiga concepção do valor da pecúnia nacional. E, então, nem ao menos teve um gesto,

uma palavra, um impulso de agradecimento: bem podia, se não fôsse duma ruim ingratidão, ali no pórtico do livro, em vez daquela farfalhuda dedicatória, de retórica vazia e álgida, exarar uma saudação a todos nós, a todos que, sem vontade embora, tivemos de custear-lhe o passeio pelo estranjeiro...

E com isto provou o Estado à sobreposse a sua falta de vocação para Mecenas: entre toda a bibliografia portuguesa do grande conflito mundial, é o livro que ele estipendiou o de menor valor e destinado a mais depressa esquecer!

E assim tambêm, melhor teria sido o sr. Forjaz não ter escrito aquele leviano e espalhafatoso artigo de *A Luta*, que atraz transcrevo na íntegra. Só foram eficazes em comprometerem-no aquelas palavras, em que a vaidade espinoteia à larga, alardeando um serviço à Nação, quando dela, por malas-artes e compadrios políticos e literários, recebeu não insignificante maquia. Quando não indigne, faz rir o que ele diz nesse teor: «...os taes 3.000 francos foram *para tudo*, sem encargos de maior. Para eu pagar comboios, comedorias e fretes, para publicar um livro, para escrever artigos, para dar duzentos exemplares ao governo, para sofrer frio e neve, para dormir incomodamente, para poder lá ter ficado com uma bala na cabeça, porque, julgo que é uma coisa que na guerra possa aconte-

cer sem parecer extraordinario a ninguem, nem mesmo a quem morre. Ora tudo isto por 846$00, para mim, que tenho uma casa com arte, uma livraria preciosa, comida regular e boa cama, acho que não é de locupletar-se a gente.»

Na verdade, pensando bem, tudo isto por 846$00, é um ovo por um rial. Bem teria andado o governo, contractando, a êste módico preço, preço para amigos, em vez de uma, meia dúzia de *Avalanches!* Um verdadeiro negócio da China para... o sr. Forjaz!... E praza a Deus que não acuda ao *sacrificado* escritor a ideia de, perante a enormidade da sua abnegação, nos pedir ainda um suplementesinho aos 3.000 francos, a título de indemnisação.

Depois do esbôço dum rol de despezas de transporte e comedorias, diz: «Agora ponham cartas, guias e plantas, trabalhos publicados sobre a guerra e ha-os bem curiosos, bem interessantes, quer como tecnica, quer como arte, *Le Feu* e *L'Enfer*, de Barbusse, a *Ma Pièce*, de Paul Lintiér, *Los cuatro ginetes del apocalipsis*, de Blasco Ibañes, *Les premièrs cent mille*, de Ian Hay. Tudo isto havia que se comprar.» Mas, para quê? Pois, para escrever aquelas mornas páginas de *A Avalanche* ainda foi preciso recorrer à leitura dêsses alheios livros sôbre a guerra? Que desastrada confissão: claudicante por natureza, o sr. Forjaz, pelo visto, não dá passo sem muleta!

Irritante, malcriado, insultuoso, cheio de basófia, infeliz sob todos os aspectos, aquele artigo, na verdade...

* * *

Na esteira de *A Avalanche*, e dentro do mesmo ano de 1918, saiu o volume *Tibério filósofo e moralista*. Taboleta longa e vistosa, que nada tem por detraz, a não ser um cerzido medíocremente habilidoso de palavras, com bernardices sem graça e sem uma ideia que se diga original e interessante. Parece escrito o volume com a tinta, mas aguada, muito aguada mesmo, com que o autor traçou as *Palavras Cínicas*. Filosofices baratas e que chispam de todo o cérebro, por mais rocaz e bruto, moralidades chatas e no género das que salpicam toda a sua anterior obra, com uma ironia forçada, sem scintilação ofuscante. Até a linguagem é menos impressiva do que em outros volumes do sr. Forjaz.

Livro mínimo, de crise, de depressão, portanto.

Ora, a propósito dêste trabalho, li eu ha tempos, não sei já quando nem firmado por quem, um artigo em que, perante a silografia contumaz do sr. Forjaz de Sampáio, se lhe estabelecia estreito parentesco com Léon Bloy, o grande panfletário, cuja morte, ocorrida no sufo-

cante e absortivo tempo de guerra, sofreu do mundo culto uma insultuosa apatia. Esmagada pelo horrível *cauchemar*, sôfrega de lhe registar todos os episódios, até a imprensa mais próxima, a francesa, mal reparou no passamento do temível fundibulário da pena. Desceu à terra envolto na mortalha do silêncio, de que em vida se dissera tão vitimado. Dir-se hia que até na morte o conseguiram diminuir os seus inimigos, furtando-lhe as orações de grande e pomposa retórica de que fôra sempre tão amante a sua alma de católico e de artista.

Sintoma do vício da desproporção que é tão vulgar entre nós em todas as coisas, esse artigo, que põi a par o sr. Forjaz e Léon Bloy revela, àlêm de miopia crítica acentuada no seu autor, um conhecimento incompleto, bem pior do que um completo desconhecimento, do talento dêsse tigre da literatura francesa, da sua *maneira* furibunda, convulsiva, olímpica, tantas vezes empregada em esfarrapar, entre as garras afiadas da sua portentosa ironia, as maiores reputações de tantos dos seus contemporâneos e confrades artistas, reduzindo-as a risíveis trapos, rojando-as pelo pó do desprêzo, mas tudo isto gritado a plena voz, em frente dos túmulos e em frente das casas dos vivos, com inquebrável coragem e suprema sinceridade, não poupando ninguêm, morasse em mísero albergue ou em altaneiro capitólio.

Dí-lo eloqùentemente assim: «J'ai vécu dans une extraordinaire solitude, peuplée des ressentiments et des désirs fauves que mon exécration des contemporains engendrait, vociférant ce qui me paraissait juste, fallut-il en crever.»

Tinha amargas queixas da vida e dos homens. «Ma vie est un pélerinage infernal, un prodige de douleurs; j'ai crevé de faim pour Jésus-Christ. Je suis abhorré, maudit, renié, conspué, inaperçu...»

Os seus quatro volumes, curiosíssimos, *Le Désespéré*, *Le Mendiant Ingrat*, *Mon Journal*, *L' Invendable*, narram, com uma estranha eloqùência, a sua vida acidentada e cheia de batalhas quotidianas, ferindo e sendo ferido, fazendo sangrar orgulhos e saindo delas com o seu orgulho enorme tambêm tauxiado de cicatrizes.

Ici on assassine les grands hommes é o sugestivo título de um dos seus livros. E vai dando as punhaladas. Brunetière para ele é «um um imponderável pedante gaguejando em calão» Paul Adam um «erotomaníaco», Flaubert um «vómito sôbre o século próximo», Anatole France um «retórico pusilânime», Bourget «um simples eunuco», os Goncourt «dois adelos unidos por uma membrana», Balzac «um olho imenso —nada mais que um olho», Ibsen «um gorila escrevendo a palavra *fatalidade*». Como estas definições, muitas outras, violentas, brutais,

candentes, mas vivas, originais e duma exótica e pujante beleza.

Claro é que esta fúria apocalítica, diabólica, histérica, só lhe grangeou uma atmosfera esbrazeada de ódios. Pois isso mesmo converteu ele no seu mais alto e nobre pergaminho, dizendo ser o maior sonho da sua vida «ser o escarrador das maldições do universo, andar vestido, como num manto luminoso, pelo desprêzo infinitamente agradável das pessoas honestas, receber apenas injúrias porcalhonas e desafios crapulosos, parecer, enfim, a mais baixa lama do capacho literário e atolar-se gloriosamente nas dejecções dos mais lodosos porcos do jornalismo...»

Paradoxal, suntuoso, hiperbólico, iracundo como um deus das velhas teogonias, da sua *Femme pauvre* disse Mæterlinck: «cet ouvrage est la seule des œuvres de ce jour où il y ait des marques évidentes de génie.»

Como, pois, aproximar o sr. Forjaz de Sampáio do grande panfletário, aparentando-os, descobrindo-lhes afinidades? Só porque a obra do sr. Forjaz tem uma tonalidade rubra de irreverência, de cinismo, de virulência, de brutalidade? Mas, àparte a diferença de grau dessas características num e noutro, diferença enorme, ha a considerar que o que em Léon Bloy é sincero, inato, orgânico, é no sr. Forjaz postiço, artifícial, méro *truc* de *mise-en-scène.*

* * *

Servem-me estas palavras, em que disse um pouco da minha entusiástica admiração perante o alto valor de Léon Bloy, alargando-me quiçá demais, para repudiar uma aproximação injusta,—servem-me elas à maravilha como ponte para, fechando êste longo capítulo, amassar numa visão de conjunto, rápida, as sínteses que atraz ficaram das parcelas da obra do sr. Forjaz publicada até hoje. Cumpre fazê-lo agora, visto ser o seu *António Nobre* a obra que se seguiu ao *Tibério filósofo e moralista* e querer eu fazer-lhe comentário em capítulo privativo, como fulcro dêste trabalho.

Profissional das letras, vivendo quási exclusivamente delas, mercando pão e agasalho com o produto dos seus livros, e para isto trabalhando muito e muito, deitando às vezes para o público mais de um livro por ano, - como sempre sucede, a qualidade na obra do sr. Forjaz é prejudicada grandemente pela quantidade. Não tem tempo de joeirar, seleccionar, eleger motivos de escrita. Tudo aproveita, a êsmo. Daí o caracter fragmentário da sua produção. Não tem espírito de seqùência, não possúi sentido unificador. Mas, mesmo fragmentários, poderiam os seus livros recomendar-se por um brilhante poder expressivo, por um cuidado lavor da fórma. Pois nem isso. A maio-

ria das suas páginas é fôsca, não scintila a jóia duma imagem, não espelha, não contêm uma irradiação de luz. Aqui, àlêm, raras como os oásis nos desertos, encontram-se umas ou outras paragens interessantes, mais sentidas, revelando um criador contacto com a vida. Mas, fugidias, estas notas, tão pequenas e escassas se enxergam, que só pacientemente, catando com vagar os seus milheiros de páginas, se conseguem encontrar. O estilo normal da sua obra é o vulgar, chão, plebeu. Com obras igualmente fragmentárias e dispersivas, apontam-se na literatura portuguesa muitos e muitos nomes, grandes, prestigiosos, dignos do nosso amor. Fialho, o criador de tantas páginas que são verdadeiras montras de joalharia, D. Maria Amália Vaz de Carvalho, com um longo principado de literatura, sem um momento de crepúsculo no seu fastígio, Júlio Dantas, Augusto de Castro, Carlos Malheiro Dias, na sua última fase de cronista, esquecido como anda do romance, e tantos, tantos outros, cujos nomes encheriam páginas. Por isto se vê que o sr. Forjaz no género de crónica, que mais cultiva, poderia bem, se melhores dotes lhe assistissem e mais atento labor pusesse no que faz, subir a um mais alto nível de valia. Não é o género que é inferior. Neste caso, quem o maneja é que não sabe aproveitar-lhe os recursos, até a sua maior latitude.

Como já apontei, um dos seus *trucs* favoritos é a concepção pessimista da existência humana. Teimou para ali um dia, no alvor da mocidade, embebeu-se de doutrinas que, como outras, fulgiram um instante no ceu da filosofia para logo desaparecerem, e desde então, fossilizando a passageira moda, atravez do prisma dessa concepção pessimista tem-se mantido obstinadamente a julgar os episódios da vida, os sentimentos, os homens, as coisas.

E' árida, por isso, a sua obra. Não tem florescências de ternura, silvas de piedade, prados idílicos e pastoris. Tem antros, mansardas, recantos sombrios da cidade, interiores de hospital e de morgue. A dor, mais a dor, só a dor. Mas é mais o vocábulo doloroso do que própriamente a sensação dolorosa. Não tem garra emotiva. Deixa o ledor de espírito frio. Perde láudas a descrever aspectos trágicos e, ao fim, quem o lê nada de tragédia sentiu, e teve sempre bem presente que tudo aquilo é apenas literatura, que está a ler um livro, que não ha o perigo de a tragédia descrita o contagiar. Não empolga, não hipnotiza, não *possúi*. As suas descrições amarguradas estão para a vida realmente trágica na mesma relação em que um *gato-pingado* está, num entêrro duma criancinha, para com a mãi desta, que se convulsiona e se arrepela, bramindo o seu desespêro, enquanto aquele, já insensível a tais espectá-

culos, forçosos de assistir no seu mister, se mantêm fleugmático e como estranho. Pois, salvo seja, o sr. Forjaz, com as suas doloras, tem um ar de *cangalheiro*...

Algumas das suas paginas fazem supor que o sr. Forjaz é um desgraçado, um mísero, roído de necessidades, estalando nervos na luta pela vida, e que daí lhe advêm a sua amargura, o seu desespêro, o seu sombrio e revolucionário lance de olhos sôbre as coisas do mundo. Pois, confirmando a debilidade de convicção que os seus assertos apresentam, no citado artigo de *A Luta* bem claramente ele desmente a suposição romântica e piedosamente simpática existente nalguns dos seus leitores mais ingénuos, que o tomam a sério: «para mim, que tenho uma casa com arte, uma livraria preciosa, comida regular e bôa cama...» Um perfeito burguês, cómodamente instalado na vida, é, pois, o autor de mil apóstrofes violentas contra a agrura da existência, o que decreta a inanidade do esfôrço, a falência da felicidade. Que tal? Oh! eu gostava bem de que lêsse estas linhas um pobre-diabo que ha tempos, ali no Rocio, quando duma gréve dos eléctricos, vociferava contra a traição dos *amarelos,* dos que se tinham apresentado ao serviço, e exclamava para uma companha descalça e vociferante como ele: «Quem diz bem é o Forjaz de Sampáio... Aquele, sim, é que diz o que a vida vale... Ele

é que é bem um irmão do povo, explorado pela burguesia... Leiam as *Palavras Cínicas...»* Que redondíssima cara de asno o homem apresentaria se soubesse ter o sr. Forjaz boa casa, boa mesa e boa cama!...

Por esta fisionomia lamurienta, tão do agrado do baixo público, aliada ao outro pertinaz recurso da irreverência, da mordacidade, da chalaça forte, tem conseguido o sr. Forjaz uma grande notoriedade. Tem uma clientela vasta e fiel, recrutada entre a gente mais inculta. Vende bem os livros, e é esse o seu mal, sob o ponto de vista moral, tão antagónico por vezes ao material. Para servir quem lhe paga, não pode melhorar os seus processos, ascender a uma atmosfera mais límpida de arte. Industrial das letras, como confessou nos *Grilhetas*, bem se importa ele com a crítica, se tem sempre uma rumorejante freguesia acogulada diante do seu mostruário!

A fauna mal esboçada da sua obra é toda intencionalmente composta de exemplares tarados, monstruosos, escravos de maus instintos. Corpos, animalidade, carne apenas. Espíritos— nenhuns. Paisagem, também nela se não encontra. Vive longe da Natureza. Circunscreveu a sua observação aos acidentes da *urbs* incaracterística e tumultuária. Para o sr. Forjaz não ha leiras fecundas, não ha almas boas e iriadas de honestidade. E' um catalogador de museu pa-

tológico. Neste tom, a sua obra não desperta simpatia, não ergue o espírito, não suscita melhoria de caracter, não torna coesa e amorosa a multidão. E' um exegeta do egoismo, na sua fórma mais brutal.

E sentido rácico, sentido lusitano? Nenhum, é triste constatá-lo. Se os seus vocábulos pertencem à língua portuguesa, os assuntos nada têem que os mostrem enraìzados no espírito da grei. Só flagelando, queimando, motejando, dizendo mal, tem tomado a nossa gente e as nossas coisas para temas da sua fáina escritural. Virtudes, nunca lhas encontrou, nunca uma coisa nossa o entusiasmou, nunca teve uma palavra de carinho para qualquer aspecto da vida colectiva de Portugal.

E' muito *novo*, muito original nas imagens da sua escrita,—clamam os seus devotos. Um, certo dia, por paradígma, apontou-me esta de *A Avalanche*: «Porque o sono em caminho de ferro é como o cão do ferreiro. O viajante dorme emquanto o combóio marcha; o cão acorda quando o martelo pára.» Era flagrante de verdade e nunca expresso tal pensamento, garantia o leitor assíduo do sr. Forjaz. Pois a pag. 20 de *Les Opinions et les Croyances*, de Le Bon, datado de 1913, lê-se: «La discontinuité du plaisir et de la douleur représente la conséquence de cette loi physiologique que le changement est la condition de la sensation. Nous ne

percevons pas des états continus, mais des différences entre des états simultanés ou successifs. Le tic tac de la plus bruyante horloge finit à la longue par ne plus être entendu et le meunier ne sera pas réveillé par le bruit des roues de son moulin, mais par leur arrêt.»

Não se julgue que insinuo um plagiato cometido pelo sr. Forjaz sôbre a passagem de Le Bon, anterior à dele, pois é de 1913, com esta comparação dos dois trechos, cujo sentido é extremamente próximo. Creio pouco em plagiatos, pelo que ainda não ha muitos meses, quando iniciei êste trabalho, repeli indignadamente a colaboração que alguêm me ofereceu, e que teria a fórma de uma longa relação dos plagiatos de que, no entender dêsse alguêm, a obra do sr. Forjaz está inçada. Repeli essa colaboração, porque a julguei antipática e falsa, visto que a obra do sr. Sampáio, não sendo de um cunho superior, é, contudo, bem digna da média capacidade escritural que reconheço existir naquele autor. Se para fazer o que ele tem feito fôsse preciso recorrer a fonte estranha, teríamos de concluir ser o sr. Forjaz uma completa negação literária. E disse o defendo eu, sinceramente.

O que eu lhe nego é o direito à notoriedade, com aura de consagração, de que disfruta, pois não tem bagagem para isso. Conquistou-a por leviano bafo da sorte cega e por demasia-

da transigência do público ledor. *Sabe viver*, eis tudo. E com esta habilidade, tem suprido a falta dum grande espírito e duma imaginação fecunda, dum espírito e duma imaginação,—sensíveis, de largo surto e de estrutura delicada.

E, se hoje, ao publicar os seus volumes, se enfeita com o título «da Academia das Sciências de Lisboa», pelo que filàuciosamente escreveu «E entre a *(a farda)* de tenente que um decreto me emprestou e a da Academia que ganhei pelo meu trabalho, a da Academia é muito mais vistosa. Mete espadim, chapeu armado e não é ainda acessivel aos *garujas* literarios que dão facadas nas gazetas», se poude ter êste desabafo vaidoso e insolente, deve-o, mais do que *ao seu trabalho*, que não tem categoria para tão elevada distinção, a uma soma de circunstâncias casualmente felizes para ele, e que, vàdiamente, não surgiram a apadrinhar grandes nomes da nossa literatura, como Gomes Lial e mais, que morrerão sem terem tomado assento no seio da douta instituìção, enquanto num seu *fauteuil* o sr. Forjaz se amesenda, apezar de na *Prosa Vil* lhe ter dado esta bicada, a propósito da questão ortográfica: «Cumpre ao instituto de surdos-mudos que dá pelo nome de Academia Rial das Sciências resolvel-a». Instituto de surdos-mudos... e de cegos, principalmente, — pelo menos, quando abriu as portas para o ingresso do sr. Forjaz...

Afortunado e habilidoso — são, em resumo e olhando em globo o seu passado, os mais justos qualificativos que cabem ao sr. Forjaz.

Longe ainda do têrmo da vida, não tendo ainda mesmo dobrado o promontório dos quarenta anos, poderá ser que àmanhan, em plena maturidade do seu temperamento, nos dê uma obra mais vultosa e mais bela, mais construtiva e mais simpática.

Oxalá assim seja, para que eu possa então dar largas à faculdade mais querida do meu espírito: a admiração.

Mas nisso não deposito grandes esperanças — santo Deus!...

III-O seu "António Nobre", obra irreverente e mercantil.

Foi para dar uma ideia, quanto possível justa, da envergadura intelectual do sr. Forjaz, encarada sob o especial ponto de vista da sua autoridade para emitir um juizo condenatório sôbre a figura poética de António Nobre, expresso no seu mais recente livro ha meses aparecido, que vim no capítulo antecedente em excursão pela sua obra, não pequena em volume, de estação em estação, observando, comentando, discutindo.

Chego, pois, agora ao fim desta viagem: ao seu ponto capital.

António Nobre inculca-se o primeiro volume de uma série subordinada ao título *Os Bárbaros*. Dí-lo o autor na meia dúzia de li-

nhas do introito, chamando ao trabalho «escôrço de estudo sem pretensões.» Diz mais. «São páginas de análise, em que se procura, não exaltar ou deprimir mas, serenamente, buscar a verdade.» «Estas páginas não representam um estudo. Falta-lhes muito para isso e a crítica moderna tem exigências não compadecidas do nosso tempo e competência. São apenas notas » No início da obra pede bordão a Théognis de Mégara e com ele invoca ardentemente a verdade, «a mais justa de todas as coisas.»

Vamos a ver como a pulcra divindade invocada o tutelou.

Antes de mais nada, vou a uma colecção de *A Luta* e do seu número de 10 de Março de 1915, transcrevo as passagens mais importantes de um artigo ali publicado pelo sr. Forjaz, de comentário oposicionista à fórma como a academia de Coimbra fizera dias antes a comemoração do aniversário da morte do Poeta do *Só* num número especial de *A Galera*, revista publicada naquela cidade. Citando trechos do original da publicação comemorativa, e bordando sôbre eles um nem sempre feliz humorismo, tem aliás nesse artigo notas sensatas e justas, principalmente quando verbera a pobreza da homenagem, não proporcional aos méritos do homenageado.

«Não. O que havia a fazer seria uma série de artigos na fórma do de Ferreira Lima, cada um

tratando o poeta sob a sua feição. Um, estudando a sua biografia: Outro o mal de viver dos seus versos: Outros a influência das viagens no seu temperamento. Um com gana medicatriz estudaria Antonio Nobre nosograficamente. Outro veria Antonio Nobre sob ponto de vista amoroso.

«Um terceiro investigaria da saudade na sua obra. Inéditos do poeta ou poesias pouco conhecidas seriam publicadas. A sua biografia seria estudada. Os seus intimos diriam da sua intimidade. E no fim de tudo isto *A Galera* daria materia para um estudo definitivo sobre o poeta.

«Não o fez. Porque? Primeiro por madracice, cousa nata do portuguez. Depois por incompetencia, cousa que este número prova á sociedade. Que os moços da *Galera* são decerto bons rapazes e não se lembraram do poeta senão para se fazerem lembrados,» etc.

E finda assim, devéras indignado:

«Ha uma cousa que no meio de tudo isto eu não compreendo. Que demonio veio o pobre Antonio Nobre ali fazer. Pois nem a escuridão da campa dará o socego, Senhor Deus dos literatos amargurados? Que é preciso ser-se infeliz para inda depois de morto ter ás canelas uma récua de líteras assim tão petulantes como idiotas...»

Qual o tom destas linhas? De desaprêço por

Nobre? Evidentemente que não. Bem pelo contrário. Ataca sem parcimónia os promotores duma homenagem ao Poeta, que não se distinguiu senão por um ar pelintra e mesquinho. Lamenta António Nobre, a vítima dessa rapaziada leviana, e indica com vagar o largo programa do estudo complexo que sôbre a individualidade do Poeta poderia e deveria ter sido feito.

Cumpre, pois, fixar esta observação: que em 1915, se o sr. Albino Forjaz de Sampáio não se declarava incondicional *sósista*, pelo menos, e numa ocasião que às largas lhe dava ensejo para isso, não fez a menor profissão de fé anti-*sósista.*

E cumpre, não menos, registar esta citação da *Prosa Vil*: «Dizia Antonio Nobre ao falar das inegualaveis paizagens de Portugal, das suas árvores, dos seus regatos, dos seus poentes,

> Que é dos pintores do meu paiz extranho,
> Onde estão elles, que não vêm pintar

«Como valia a pena ter o seu talento para fazer a elegia da mocidade saudosa, da mocidade gloriosa que passou, que desterraram, que morreu...»

Pois quem, numa parte e noutra, assim falava, é precisamente quem hoje, quatro anos volvidos apenas, surge com um livro sôbre o Poeta do *Só*, cuja seiva é inquinada do veneno da an-

tipatia, cujo escopo é reduzir, senão anular, o intenso culto que Nobre disfruta num largo público, isto apezar da promessa de «não exalçar ou deprimir mas, serenamente, buscar a verdade» e da sua oração ardente a esta deusa.

Começa a catilinária: «António Nobre é dos poetas mais queridos do público *snob* que lê poetas para apenas lhes citar o nome em monossílabos de admirativo êxtase. E emquanto Guilherme de Azevedo, Cesário Verde, José Duro e outros são impiedosamente esquecidos, António Nobre é moda, as suas edições esgotam-se e o poeta tem, ainda hoje, quem lhe pretenda continuar a obra, restaurando o *sósismo* como se êle não fôsse coisa que com o seu autor nasceu, morreu e com êle foi definitivamente enterrada.»

O qualificativo de *moda* dado à admiração pelo Poeta é faccioso e erróneo. A moda é por natureza efémera e inconstante. As suas inclinações duram, quando muito, meses, e nunca espaços de tempo tão longos como o dos quási trinta anos que são passados sôbre o aparecimento da 1.ª edição do *Só*. Veja-se o número de estéticas novas e de vultos oficiantes de novos crédos literários que têem sulcado êste largo período e averigúe-se se alguma e algum deixaram após si uma tão clara e florida esteira como o *Só* e o Poeta, seu autor. Nenhuma estética e nenhum vulto, é forçoso dizer-se.

Não vejo também que responsabilidade terá António Nobre na afervorada estima que o público lhe devota, ao passo que deita ao ostracismo outros poetas de valor, como Duro, Verde e Guilherme de Azevedo. Não é a glória saboroso piteu de acanhado tamanho, que seja preciso aquinhoar em taçalhos iguais, para que todos fiquem contemplados. Tem valor José Duro? E' livro de superior emoção o *Fel?* Cesário Verde foi um poeta de talento, digno de menção? Guilherme de Azevedo deixou uma obra reveladora dum temperamento artista de escol? Quem o nega? Mas para reconhecer isso é preciso ir apear António Nobre do erguido altar em que o instinto sagrador do povo o colocou, amachucar-lhe a auréola que lhe circunda a fronte, roubar-lhe as mãos-cheias de rosas que atapetam a sua pedra de ara?

Não é baixar os que mais altos estão ao nível dos que jazem baixo demais que remedeia a injustiça das desproporções que porventura existam, julgo eu. Estabelecer nível, sim, entre o que possa ser nivelado, claro está, mas de maneira contrária à preconizada pelo sr. Forjaz—elevando, descobrindo méritos ocultos, construindo novos altares ao lado dos velhos, porque o entusiasmo admirativo não tem limites na sua capacidade e o templo da Arte roça a abóbada da sua nave pelas arcarias do céu.

Para amar mais e melhor José Duro ou Ce-

sário Verde não é necessário amar menos nem pior António Nobre. Perante o facto de haver nomes e obras esquecidos, soterrados, fóra da zona luminosa da notoriedade a que têem direito, o que ha a fazer é chamar a atenção do grande público, pelo livro, pelo jornal, pela conferência, por todos os meios, enfim, ao alcance dos familiares da literatura, para esses olvidados autores e para os seus trabalhos, reeditando estes, quando exgotadas as suas edições, e aditando prefácios de estudo e de justo encómio a essas novas tiragens.

Ha esquecidos em todas as literaturas. Toda a gente de medianas curiosidades literárias conhece o caso do poeta e romancista irlandês Maturin (1782-1825), que Balzac enfileirava entre «les plus grands génies de l'Europe», no que foi acompanhado por Vitor Hugo e Charles Nodier, e que, afinal, a posteridade deixou sepultado no mais escuro desaprêço. E' um exemplo.

Pois com o simpático desígnio de erguer e impôr ao nosso amor alguns dos nossos *esquecidos*, subordinada a êste mesmo título, o ilustre jornalista e poeta, sr. Mayer Garção, trouxe a lume em *A Capital* de 1914, pelos meses de Abril e Maio, uma série de artigos de recordação de vultos, uns já mortos, outros ainda vivos, que na política, no jornalismo, na arte, na poesia, na prosa de livro, em resumo, em qual-

quer manifestação duma actividade notável, por um momento passaram em plena luz, para logo, ou ceifados pela morte, ou tragados por exigências da vida material, mergulharem na massa anónima e rasa. Lima Bastos, o imaginoso e potente romancista; Costa Alegre, o negro, o «doce poeta do amor,» de quem outro poeta, Paulino de Oliveira, escreveu:

> Sabei, ó brancos de alma hedionda e preta,
> Que ha pretos de alma niveamente clara!

Heliodoro Salgado, o apaixonado republicano; Beldemónio (Eduardo de Barros Lobo), o fino e poético prosador da *Musa Loira*, não obstante o seu humorismo picante, mordaz; Fernando Lial, o boémio cantor dos *Relâmpagos;* José Duro, o desgraçado poeta do *Fel*; José Climaco, outro suave poeta, que nem um livro deixou; José Newton e Alfredo Serrano, o dos modestos *Versos* e o da maviosa *Manhã doirada;* Moniz Barreto, a estranha organização de crítico, tão cedo arrastado para o turbilhão do Nada; Eduardo Perez, o contista do *Casal do Caruncho;* Nunes Claro, ainda felizmente vivo, belíssimo e claro estro, como o seu apelido, que ainda hoje, mas só de longe em longe, nos delicia com os cantos da sua musa; Manuel Cardia, o malogrado jornalista; e mais alguns, cujos nomes não tenho presentes.

Em ressurreições similhantes se têem empre-

gado muitas vezes outras penas não menos ilustres. Quantas crónicas interessantíssimas e piedosas se encontram, biografando artistas e intelectuais e políticos, nos volumes *Cérebros e Corações, Ao correr do tempo, Alguns homens do meu tempo, Figuras de hoje e de hontem,* de D. Maria Amália Vaz de Carvalho, nas *Figuras Literárias,* do Dr. Cândido de Figueiredo, nas *Figuras Humanas,* de Alberto Pimentel, nas *Individualidades,* de Henrique das Neves, e em mais da numerosa coorte dos que escrevem ?

Ha ainda esquecidos que nem uma linha sequer lograram dos seus pósteros? Acredito. Lembro-me de um: Eduardo Coimbra, companheiro de António Nobre, e que ha pouco ainda um grande poeta, que só por sua demasiada modéstia não traz todos os dias o seu glorioso nome na boca de todos nós, João Saraiva, o encantador vate das *Líricas e Sátiras,* me evocou em palavras de impressionante saudade.

Alvaro Carvalhal, outro delicado e infeliz poeta, tambêm só teve a lembrar-se dele o espírito fino de Augusto de Castro, numa crónica dos *Fantoches e Manequins.*

Por isso, e apezar dêstes casos, não se póde dizer qne sejam muito carinhosos uns para os outros os nossos literatos e demais notáveis. E, claro está, que o público menos o é ainda. Ha um lamentável e acentuado divórcio entre o povo e os artistas, parece-me bem que por cul-

pa dêstes, que, alardeando suas intestinas lutas, se desprestigiam mais e mais aos olhos daquele, quando deviam ser os primeiros a dar um alto exemplo de coesão e harmonia, condições estas imprescindíveis ao bom viver das colectividades, quer profissionais, quer nacionais.

Já uma vez o sr. Forjaz mereceu bem-hajas sob tal ponto de vista, quando prefaciou a 2.ª edição do *Fel* de José Duro.

No que os não merece é no trabalho que estou agora comentando e em que lançou estas palavras:

«É que António Nobre exerceu e exerce uma acção deletéria, dissolvente e a essa acção necessário é contrapor livros sadios, poetas encorajantes, porque a vida e a literatura são a acção, a luta e nunca o desejo mórbido de morrer ou a confissão deprimente, o exibitivo ostentoso de misérias orgânicas e tristezas lamechas.»

Que assim fôsse, onde sobeja autoridade ao sr. Forjaz para falar em acções deletérias e dissolventes produzidas por um livro, quando ele é o autor das *Palavras Cínicas*, obra voluptuosamente tecida de torpezas e grossarias, incitamentos ao abandono dos bons princípios e ao amor pela vida?! Todo e qualquer poderia exarar aquele juizo sôbre a natureza do *Só*, menos o sr. Forjaz. Depois, àlêm do poema de Nobre ser prenhe de emoção, de intensa emoção, como já afirmei no primeiro capítulo dêste trabalho,

e não do relato de «misérias orgânicas e tristezas lamechas», a sua influência sôbre a turba, sôbre o que própriamente êste termo indica, seria nula, visto que o culto de António Nobre onde mais reside não é aí, mas sim numa camada de gente de mais bem ordenada cultura, que não cede, por isso mesmo, com facilidade a desorientadoras sugestões, e antes lhes neutraliza a virulência.

O *Só* tem milhares de exemplares vendidos e é sôfregamente procurado. Mas não anda positivamente entre as mãos do baixo povo, e mesmo os milhares das suas edições, se bem que alguns, não atingem o número dos milhares de tiragem das *Palavras Cínicas*, que vão em perto de vinte, se não é artificial a indicação das tiragens neles estampada. E a este volume,—enfeite-se o sr. Forjaz com essa glória, se a acha envaidecedora,—tenho eu visto gente de todo o estofo, ainda o mais semi-analfabeto, procurar e ler ávidamente, decorando passagens, servindo-se delas para desculpar uma acção menos meritória, usando-o como um cánon, como um Alcorão das suas almas incertas, que a triste e falsa beleza dum intento ruim seduz e estonteia. Não invento, não calunío. Constato apenas. Nos meus tempos de liceu, muitas vezes escutei dos rapazes meus condiscípulos referências ultrajantes para as próprias mãis, moldadas, como confessavam, pelas

de uma das catorze cartas das *Palavras Cínicas*. Imagine-se por que catecismos recebiam aqueles espíritos desabrochantes as iniciais lições de moral, que os deviam alumiar pela vida fóra!..

As afirmações valem conforme quem as faz, conforme o coturno moral de quem as emite.

Por isso, pasma de ver a inconsciência do sr. Forjaz ao exigir «livros sadios, poetas encorajantes», quando escreveu os livros menos sadios e menos encorajantes que conta a nossa literatura de hoje e talvez de todo o tempo, afóra, é evidente, essas miunças livrescas, anónimas e soezes, de venda clandestina, que a polícia persegue nos quiosques de má morte.

«António Nobre foi um moço rico, inteligente e é um poeta excelente se o considerarmos como um caso isolado, único, original, por isso mesmo não destituido de interêsse. Outra é a nossa opinião se o analisarmos, o compararmos, o considerarmos como um poeta que influi na turba e pesa nefastamente na multidão. Como poeta para ler sem mais cuidado está bem. Como poeta para ter altar, embora lateral, no culto literário, achamos mau. E achamos mau porque êle foi um *snob*, não teve sinceridade, e a sua obra escalpelizada mostra apenas que fáceis são de contentar os seus fiéis», diz o sr. Forjaz.

«Foi um moço rico». Não foi rico afirmam

os seus íntimos. Mas não foi também um pobretão, um miserável vate de trapeira, com muito sonho de banquetes pantagruélicos no sentido e no estômago... apenas hipóteses de jantar. Não foi rico, mas possuiu os cómodos d'uma situação de abastada mediania. Ora é esta circunstância que parece açular, alucinar a sanha crítica do sr. Forjaz. Não perdôa a quem, por bom olhado da fortuna, não ande respigando em despejos de repastos de outrem a côdea dura que rilhe para calar a fome e deixar o estro salmear um pouco.

Lembrando talvez os seus dias maus, antes de ser burguês, antes de conquistar a boa cama, a boa casa e a boa mesa, de que se ufana hoje, não perdôa que António Nobre, sem nunca ter passado necessidades materiais, saiba falar no «mal de viver». Só concebe a tortura quando gritada, uivada por um ventre esfomeado: «Fôsse ele um homem que tivesse dia a dia de cavar o seu passadío», diz adiante. O seu critério materialista não lhe permite lobrigar àlêm do corpo, não o deixa trespassar o carnal envólucro e assistir às grandes tragédias interiores, aos pavorosos conflitos espirituais, aos dramas ingentes que escolhem para tablado uma alma de excepção. Com o registo frio e míope dos esgares, dos gestos, das convulsões e dos momos externos adquire o bastante alimento para a sua curiosidade fastienta e jul-

ga ter apercebido o mundo em globo, integralmente.

Snob o Poeta, *snob* o público seu devoto, — acusa. Mas *snob* porque? Nas multidões o *snobismo* não tem um pendor certo e persistente. Se não fôsse bem íntima a sua admiração pelo Poeta, já a multidão que lhe reza o nome teria tido de sobra tempo para mostrar o seu enfado e polarizar o seu afecto em individualidade mais recente, com mais seduções de novidade, porquanto o *snobismo* vive destas contínuas e rápidas transferências de objectivo. E' o reconhecimento duma grande parte de beleza fixa e compreensível em todo o tempo e por toda a gente existente no *Só* que não deixa o estranho livro cair no esquecimento.

Também é leviana, senão conscientemente forçada, a acusação de ter sido um *snob*, um falho de sinceridade, António Nobre. Com o espírito faccioso que o impele por todas as páginas dêsse seu trabalho, e castrado de intuìção psicológica, como logo no início da sua carreira literária se evidenciou, o sr. Forjaz teima em não ver, ou não póde ver de facto, a constituìção íntima do Poeta, os especiais componentes da sua alma de artista. Concebido um molde anímico, o seu talvez apenas, obstina-se em deitar-lhe dentro todos os espíritos com que depara, e sempre que algum extravasa, excede as medidas do recipiente, se confessa ina-

daptável à estreiteza daquela bitola,—logo audaciosamente decreta e grita que o temperamento esquivo à acomodação forçada peca por artificialismo, pretende grangear reparo do público pela sua saliência, infringe as regras sadias da sinceridade. Com isto, demonstra à sobreposse a carência de dotes críticos, que implicam nos seus detentores um completo abandono de ideias preconcebidas e a abstracção da própria personalidade.

António Nobre foi, pois, sincero perante si mesmo, perante a singular estrutura do seu temperamento. O sr. Forjaz, mesmo, contradizendo-se, o reconhece. «Se detidamente analisarmos o que é o *Só*, veremos que o *Só* é êle apenas... E' um livro pessoal, uma autobiografia, um desabafo em verso, como essência a sua tristeza...»

«Não é pois um livro que emprimaveresca as almas. Não as tonifica, não as eleva, não as consola. Não estimula, acelera, revigora. Muito ao contrário deprime, esgota, maleficia. Melancolia pegadiça, doloras ternas, ritmo mole e dulçoroso, êle não é mais que a boceta onde o poeta em vida depositou a sua dor com a unção com que os antigos gregos depositavam as cinzas dos antepassados a quem muito amaram. A sua dor, cultivada, narcizada, contada pelos dedos em todos os ritmos, dia a dia aumentada a juros compostos.

«Sofrer em António Nobre é um ofício. Êle é um profissional da Dor e a sua lamúria é a lamúria de um mendigo de estrada, »

«Fora de si não ha dor que o impressione. Fora de si o sofrimento é mínimo, não existe. Fora de si o sofrimento plebeíza-se.»

«E' que o *desejo* de morrer no poeta do *Só*, seria um presságio, seria uma *fumisterie*, mas não era um desejo. Era apenas um processo literário!...»

A todos que tenham lido o *Só* acudirá instintivamente uma fácil e enérgica refutação a estes conceitos detractivos, que resumem o intento do livro e, com mais palavra, menos palavra, enchem as páginas que nele são originais e que bem reduzidas são em número, na verdade: nas 108 que enformam o volume apenas 30 e tantas contêem matéria da lavra do autor. O resto tem trabalho, sim, mas sem nenhum interesse e nenhuma utilidade, afinal.

A dor é o maior motivo de todas as literaturas. Já ha tres mil anos o era: talvez daquí a tres mil anos o seja ainda. Poder-se hão contar as obras que ao seu empolgante influxo se tenham conseguido mostrar estranhas e impermeáveis. Em contraste, a bibliografia que a historia, que lhe narra as variantes, que lhe monografa as nuanças, tantas quantos os temperamentos humanos, que faz a crónica viva e palpitante do reinado tumultuário e trágico mas belo e

magestoso dessa suprema e tirânica Imperatriz, velha como o mundo e que jàmais com o correr dos séculos envelhecerá, — é caudalosa, incatalogável, impossível de abrigar na mais vasta das bibliotecas.

O riso, a alegria, a visão descuidada e optimista da existência, nunca inspiraram grandemente os homens. Só quando inflados os seus pulmões por um sôpro trágico, alteiam as suas means estaturas, partem, em rasgos de heroismo, ao encontro de terríveis enigmas, invadem a moradia dos deuses, irmanando-se com eles. Quantas vezes mesmo o riso não é índice do que vulgarmente se tem por a alegria, mas sim um enviado da dor, sua antagonista?! Que é o riso, expresso na ironia, na caricatura, na sátira? Que é o sarcasmo senão uma extravagante máscara do mais dolorido chôro?

A dor tem Dante, tem Shakespeare, tem Byron, tem os maiores génios no número dos seus apaixonados amantes. Escravizaram-se-lhe e, a dizerem alto a deliciosa pungência dessa escravidão, cheios de febre mística, convulsos, histéricos, tornaram-se sobre-humanos, atingiram o sublime.

E nem por isso a narração dêsses oaristos sombrios enfraqueceu a energia dos homens. Bem pelo contrário. A carne, quando numa temperatura cálida e doce, tende ao repouso estagnante vizinho da morte, adormece, perde

o ardor que é condição imanente da existência, o *élan vital* de Bergson. E' preciso que a alma a fustigue, a acorde, a incite, a encaminhe para a acção. E nada melhor e mais eficaz para esse *desideratum* do que o violento chicoteio da dor, o espectáculo de injustiças a reparar, a imposição de dificiências a prover.

Demais o sabe o sr. Forjaz. E sabendo-o, apezar de apontar em Nobre a recorrência ao motivo da dor como um defeito, o sr. Forjaz tambêm insistentemente recorreu a ele na sua obra, desde os títulos aos conteudos, como já comentei atraz.

Mas como uma diferença, em desabono do autor das *Palavras Cínicas*: a sua dor, a dor de que fala a cada passo, a dor de que aduba centenas de páginas, não se mostra com aquele *não sei quê* vivido e real, aquele poder transmissor de emoção que dimana duma adequada disposição de palavras; vêem para ali os vocábulos como despojados da sua alma piedosa e sentida, como para uma parada espectaculosa e frívola, vocábulos tornados inertes, ressequidos, cadáveres já, porque os não sabe vivificar, pôr em estreito contacto com a vida, introduzir-lhes o sôro puro da dolorosidade, o autor das páginas em que ficam encerrados, como em tâboas de caixotaria funerária.

E em António Nobre, diga-o e torne-o a dizer o sr. Forjaz, mas em vão decerto para os

que leram e *souberam ler* o *Só*, a influência emotiva é flagrante, intensa, forte: arrasta, prende, faz confranger, géra simpatia.

Não é apenas uma dor do Poeta, restrita ao seu caso de doença, ignorando as torturas da demais humanidade. Leia-se *A Vida:*

Mas dize, meu amor! ó Dona de olhos taes!
De que te serve ter um astros sem eguaes?
Olha em redor, poiza os teus olhos! O que vês?
O mar a uivar! A espuma verde das marés!
Escarros! A traição, o odio, a agonia, a inveja!
Toda uma cathedral de lutas, uma igreja
A arder entre clarões de coleras! O orgulho
Insupportavel tal o meu, e o sol de Julho!
Jesus! Jesus! Quantos doentinhos sem botica!
Quantos lares sem lume e quanta gente rica!
Quantos reis em palacio e quanta alma sem ferias!
Quantas torturas! Quantas Londres de mizerias!
Quanta injustiça, quanta dor! quantas desgraças!
Quantos suores sem proveito! quantas taças
A transbordar veneno em espumantes boccas!
Quantos martyrios, ai! quantas cabeças loucas,
N'este macomio do Planeta! E as orfandades!
E os vapores no mar, doidos, ás tempestades!
E os defuntos, meu Deus! que o vento traz á praia!
E aquella que não sae por ter uzada a saia!
E os que sossobram entre a vaidade e o dever!
E os que têm, amanhã, uma lettra a vencer!
Olha essa procissão que passa: um torturado
De Infinito! Um rapaz que ama sem ser amado,
E para ser feliz fez todos os esforços...
Olha as insomnias d'uma noite de remorsos,
Como dez annos de prizão maior-cellular!
Olha esse tysico a tossir, á beira-mar...

Olha o bébé que teve Torre de coral
De lindas illuzões, mas que uma aguia, afinal,
Devorou, pois, ao vel-a ao longe, avermelhada,
Cuidou, ingenua! que era carne ensanguentada!
Quantos são, hoje? Horror! A lembrança das datas...
Olha essas rugas que têm certos diplomatas!
Olha esse olhar que têm os homens da politica!
Olha um artista a ler, soluçando, uma critica.
Olha esse que não tem talento e o julga ter
E aquelle outro que o tem... mas não sabe escrever!
Olha, acolá, a Estupidez! Olha a Vaidade!
Olha os Afflitos! A Mentira na Verdade!
Olha um filho a espancar o pae que tem cem annos!
Olha um moço a chorar seus crueis desenganos!
Olha o nome de Deus, cuspido n'um jornal!
Olha aquelle que habita uma Torre de sal,
Muros e andaimes feitos, não de ondas coalhadas,
Mas de outras que chorou, de lagrymas salgadas!
Olha um velhinho a carregar com a farinha
E o filho no arraial, jogando a vermelhinha!
Olha a saír a barra a galera *Gentil*
E a Anna a chorar p'lo João que parte p'ro Brazil!
Olha, acolá, no caes uma outra como chora:
É o marido, um ladrão que vae «p'la barra fóra!»
Olha esta noiva amortalhada, n'um caixão.
Jesus! Jesus! Jesus! o que hi vae de afflicção!

Como se vê, ha aqui bastas referências, rápidas, dadas em formosas sínteses, mas impressivas, dos vários aspectos da dor universal. E não só nesta poesia, mas em mais do volume, pelo que só de má fé se póde afirmar ter vivido o Poeta apenas confinado nas tristes e estrangulantes quatro paredes da sua dor, sem uma fresta para a paisagem anímica dos ou-

tros, como se vivesse num planeta êrmo de mais seres viventes.

E ainda quando narrava o seu sofrer, o desfibrar da própria alma, nessa narração surgia como um símbolo da atmosfera mental e sentimental da época — nevrozada, devorada de fomes espirituais, que uma religião já em decadência e uma sciência ainda mal vingada não conseguiam mitigar. Era, pois, o reflexo, a cristalização do dorido pensamento errante e da sentimentalidade doentia que não sabia tambêm onde encontrar albergue. E nisto, nisto só, nesta conformação espiritual, existente entre o Poeta e as gentes, é que se firmou o gôsto destas por a obra daquele: viam-se espelhadas nele, procuravam-no, aplaudiam-no, amavam-no. Não foi, pois, um impulso do *snobismo* a determinante dêsse acôrdo, dêsse apláuso, dêsse amor.

«E assistimos a um caso de injustiça das multidões. Êle é grande. Cesário e José Duro são esquecidos. Todavia a sua musa não é nem a musa serena, olímpica de Cesário Verde, nem a sua Dor é o trágico vortilhão de José Duro», volta o sr. Forjaz, sempre esquecido de que não é lícito estabelecer comparações entre esses tres tão diferentes temperamentos de Duro, Nobre e Cesário, para mais ainda sujeitos a ambientes diversos. José Duro é grande no *Fel*, sim. Mas tambêm é muito pessoal, muito

egotista na dor, quando a toma para tema dos seus versos. Cesário Verde deixou matéria para um livro, livro que piedosamente Silva Pinto deu a lume, que vale sobretudo como documentação da fase realista na poesia. O âmbito da sua visão foi acanhado, não passou os muros da cidade, e no seu fetichismo do objecto, esqueceu-se em demasiado do elemento humano, visto integralmente, alma e corpo. A não evolucionar, e muito, nas suas ideias poéticas, pouco mais daria do que o livro, aliás valoroso, que deixou.

Como o sr. Forjaz apresenta êste caso, coloca António Nobre em inferior plano, em relação a Duro e Cesário, quando nessa hierarquização de valores não ha réstia sequer de justiça. E repito: torne-se José Duro amado pelas multidões, imponha-se ao espírito destas o nome de Cesário Verde, como dum poeta digno de estima, mas deixe-se António Nobre onde está, amado e lido como merece.

Negar é fácil, a maledicência não carece de engenho para brotar em torrentes. E como o sr. Forjaz se impôs essa fáina de diminuir o renome consagrado de Nobre, esquece-se por completo de que prometeu «não exalçar ou deprimir mas, serenamente, buscar a verdade.» E disto esquecido, perdido o freio, delira, escabuja, torce a lógica, atira às cegas tagantadas à memória do Poeta.

Depois de lhe chamar *snob*, de lhe negar sinceridade, de o acusar do uso da dor como dum processo literário, de ser apenas na exteriorização dessa dor um lamuriento, de cultivá-la como uma planta de estufa, de ser um madraço e um vadio, e dessa falta de ocupação lhe advir o *spleen* e o tédio, e isto em frases cheias de atrevimento e de irreverência chocarreira, que nunca um espírito de crítico póde arquitectar, como estas: «Doente rico por todo o mundo vadiou a sua carcaça, a sua doença é em parte filha da madracice.», «Tem a mania das grandezas dando-se ares de príncipe exilado... e escreve com letra grande, como os matoides de Lombroso, palavras de significação corrente e vulgar», — depois de tudo isto, sem o menor senso equilibrado dum crítico, entra na parte mais avultada da sua obra, que consiste em pôr em confronto as duas edições do *Só*, a 1.ª e a 2.ª, vagarosamente, aborrecidamente, inútilmente, apontando onde a 2.ª edição alterou o texto da 1.ª, numa palavra ou num verso inteiro, numa estrofe ou num poemeto completo, só para concluir levianamente: «Assim todos os que confiarem crédulamente em que o poeta era uma espécie de ser vindo de Deus, para em versos candentes, límpidos, serenos, cantar a sua dor, assistem agora ao açacalar dessas tristezas, não espontâneas mas paciente, torturante, fatigantemente poli-

das e trabalhadas. A espontaneidade é pois uma coisa larga e severamente premeditada.»

Pois mais de 40 páginas emprega nesta fáina do confronto das duas edições, tão minucioso, que roça pela infantilidade ou dá a entender que, tendo em vista publicar um livro com uma centena de páginas, pelo menos, não sabe o que lhe ha de meter dentro e resolve, num achado, atirar-se àquele trabalho de cópia de passagens várias do *Só*, que, por mutiladas, truncadas, mal deixam adivinhar a beleza do poema, o que não é pequeno delito.

Infantil tarefa, sim, só para encher papel, decerto. Senão, vejam-se algumas transcrições confrontadas ali: Uma:

«O verso
«O que isto para mim seria, Amigo, quando,
«foi emendado para
«O que isto para mim seria, Manuel, quando»

Outra, não menos supérflua, e por isso típica:

«No verso
«Por esses lindos, deliciozos arredores,
«o *lindos* foi substituído por *doces*.»

Outra ainda:

«N'*O Somno de João* as alterações são mini-
«mas e constam apenas do verso
«O João dorme... Innocente!

«para

«O João dorme, o Innocente!»

Como se observa, apenas uma variante na pontuação não deixou de ser indicada, e assim, a par, também regista esta:

«Na 1.ª é

«Ó Carlota! ó Carlota!

«Na 2.ª

«A Carlota! A Carlota!

Decididamente, e perante tais exemplos, só se póde interpretar o trabalho do sr. Forjaz como eu interpretei: a necessidade de enegrecer papel com palavras, fôssem quais fôssem. Porque, é de notar que mesmo assim, isto revela trabalho, trabalho paciente e demorado. O que é é um trabalho inútil e sem mérito nenhum de originalidade.

Achou o contrário o sr. Forjaz, como diz: «O leitor vai ver por que transformações passou o *Só*. Tem tanto maior utilidade êste trabalho quanto é certo que o *Só* da 1.ª edição se acha literalmente esgotado...» Mas, para que precisa o leitor vulgar, o que procura na obra a sensação, a fôrça emocional, e apenas isto, saber que uma dada passagem da 2.ª edição do poema não existiu primitivamente, na 1,ª ou que teve fórma diferente? Para o leitor especial, que é o estudioso, o que lê com intenção critica, o

que vai em busca do *processo* de elaboração, para esse não basta o cotejo fragmentário que o sr. Forjaz pôs a engordar o seu franzino opúsculo.

Se Nobre emendou muito os seus versos, foi porque o anseio pela perfeição torturava o seu espírito. Este anseio é mesmo condição orgânica nos artistas. Eça foi um torturado da fórma, Fialho não o foi menos, Flaubert foi-o tanto que consumiu com a factura da *Madame Bovary* catorze anos e ainda, depois de vê-la lançada a público, procurou sustar-lhe a venda. E não foram grandes, grandes entre os máximos, Eça, Fialho e Flaubert?

Não ha obras de jacto. Os repentistas são raros, e só produzem coisas mínimas e pálidas. Entre a concepção e a realização vai um labor intenso e longo. E por mais treino, por mais engenho, que residam numa actividade artística, raríssimas vezes a primitiva modalidade duma ideia traz já o cunho definitivo. Porque recusar, pois, a António Nobre o direito de emendar, a seu bel-prazer, os versos que escreveu, mudando-lhes trechos, acrescentando, cortando, pontuando diferentemente? A pôr neste facto um sinal de inferioridade, quantas obras, tidas como obras-primas, em todas as literaturas, terão de sofrer igual ataque e ser apeadas do pedestal em que se erguem perante nós?! Quantas?!

Afirma o sr. Forjaz que em muitas dessas alterações deu-se um pioramento. E' um critério, é uma opinião sua. Com ela não concordo, e comigo estará muito leitor que se dê ao esfôrço de ler atentamente essas variantes, uma a uma. Em quási todas, o pensamento vincou-se, o rítmo cadenciou-se melhor, o vocabulário enriqueceu-se.

Portanto... Portanto, o sr. Forjaz *querendo* ver defeitos, só defeitos *vê*...

* * *

A páginas 78 escreve o sr. Forjaz: «Para se ver como a forma espontanea, sentida e simples prevalece sôbre a forma complicada e para se ver como o natural excede o artificioso damos a seguir dois sonetos. O primeiro, de António Nobre, tem a data de 1885 e o que reproduzimos é, exacto, o que saíu na segunda edição do *Só*. O outro é o conhecido soneto de Raimundo Correia e tem tambêm a data de 1885. Não se julgue que os pomos em confronto para se dizer que António Nobre plagiou Raimundo Correia visto o soneto dêste ter primeiramente visto a luz da publicidade. Não. Isso nada nos interessa, pois nos diz ali um amigo, escritor ilustre, que os dois plagiaram a poesia *Les Colombes* de Teófile *(sic)* Gauthier. O que nos apraz é constatar a vitória da forma simples em

que a intensidade é dada pelo talento, sôbre a fórma *original*, complicada, rebuscada, em que a intensidade é dada pelo vocábulo, ou por artifícios de técnica.»

Releve-se-me o tamanho da transcrição. Assim era preciso, porque êste ponto do livro encerra uma das notas mais antipáticas ali enfeixadas. Nega o intento de induzir um plagiato de Nobre sôbre o soneto de Raimundo Correia. Ha negativas que valem por afirmações: esta é uma delas. Se assim não fôsse, não teria o sr. Forjaz escolhido para o cotejo que faz a segunda versão do soneto de Nobre, diferente da da 1.ª edição, que tem *águias* em vez de *pombas*. O termo *pombas* convinha-lhe mais para o seu escuro propósito, pois, à primeira vista, e embora no resto não houvesse grande aproximação, esse termo, comum a ambos os sonetos, seria notado.

Vou, pois, transcrever eu da 1.ª edição do *Só* o difamado soneto:

Menino e moço

Tombou da haste a flor da minha infancia alada,
Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim:
Voou aos altos céus St.ª Aguia, linda fada,
Que d'antes estendia as azas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz d'essa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa vizão de luar que vivia encantada
N'um castello de prata embutido a marfim!

Mas, hoje, as aguias de oiro, aguias da minha infancia,
Que me enchiam de lua o coração, outrora,
Partiram e no ceu evolam-se, a distancia!

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais:
Voltam na aza do vento os ais que a alma chora,
Ellas, porém, Senhor, ellas não voltam mais .

Leça, 1885.

E recordar devo tambêm, assim, o soneto de Raimundo Correia:

As pombas...

Vae-se a primeira pomba despertada .
Vae-se outra... mais outra . emfim dezenas
De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia, sanguinea e fresca, a madrugada...

E á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Ruflando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Tambem dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, celeres voam,
Como voam as pombas dos pombaes;

No azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem... mas aos pombaes as pombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais...

Apenas no fêcho, nas palavras terminais do verso último, êste belo soneto coincide com o soneto de Nobre. E isto é pouco, muito pouco, mesmo nada, melhor direi, para poder concluir um plagiato, como, parecendo negar, espertamente afirma o sr. Forjaz. No resto, nos senti-

dos que enseivam as duas produções, não ha pontos de contacto. E, como quere o detractor do Poeta do *Só*, o soneto dêste é inferior na maneira de transmitir a sua ideia, ao de Raimundo Correia? Não vejo em quê. E também não vejo que o de Nobre seja carregado de artifício, rebuscado na fórma, gongórico de expressões. E' belo no seu género, como é belo noutro, o do poeta brasileiro, em resumo.

Mas o sr. Forjaz, com o impulso da má vontade que o guia atravez do seu opúsculo em questão, apraz-se muito em confundir, complicar, pôr em dúvida, despertar desconfianças fazer confrontos entre coisas que nenhum confronto podem ter.

Já fizera assim atraz, comparando, não sei para quê, estes versos de Nobre, parece que para superiorizar o engenho de Cesário:

> Os mestres ainda são os mesmos d'antes:
> Lá vae o Bernardo da Silva do Mar,
> A mail-os quatro filhinhos,
> Vascos da Gama, que andam a ensaiar .

com a quadra de Cesário Verde:

> Vêm sacudindo as ancas opulentas!
> Seus troncos varonis recordam-me pilastras;
> E algumas, á cabeça, embalam nas canastras
> Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Mas voltemos ao plagiato insinuado. Acobertando-se com a opinião dum ilustre escritor, naturalmente tão ilustre como anónimo, pois

que lhe esconde a graça, o que faz supor seja ele próprio, pega na acusação que esboçara a respeito de Nobre e desdobra-a, de modo a cobrir com o seu nojento pano os dois poetas, Nobre e Correia: aponta-os como plagiários ambos nos sonetos discutidos da poesia *Les Colombes* de Théophile Gautier.

Esperava eu, nesta altura, ver estampada a poesia que sofreu o roubo denunciado. Seria êste o processo honesto e representaria, para mais, a confirmação, a documentação irrefutável da sentença que condena os dois poetas. Pois não. Sciente de que a torpe calúnia sempre deixa vestígios, e conhecendo talvez a vacùidade da afirmação que fazia, deu a alfinetada, instilou a gota da triaga e passou adiante, sem mais explicações, porque tinha a consciência de que claudicaria se as tentasse dar.

Mas eu, por acaso, conheço a poesia de Gautier referida. Conheço-a e até entre os meus papeis velhos encontro uma sua tradução, datada de 1914, que, para instrução dos menos familiarizados com o idioma francês, me permito copiar.

No original, a poesia de Gautier é assim:

Les colombes

Sur le coteau, là-bas où sont les tombes,
Un beau palmier, comme un panache vert,
Dresse sa tête, où le soir les colombes
Viennent nicher et se mettre à couvert.

Mais le matin elles quittent les branches;
Comme un collier qui s'égrène, on les voit
S'éparpiller dans l'air bleu, toutes blanches,
Et se poser plus loin sur quelque toit.

Mon âme est l'arbre où, tous les soirs, comme elles,
De blancs essaims, de douces visions,
Tombent des cieux, en palpitant des ailes,
Pour s'envoler dès les premiers rayons.

Eis a poesia pretensa vítima da depredação dupla. Que se vê? Que, se entre os dois sonetos não ha similhanças que autorizem nem muito nem pouco a presunção aleivosamente aventada pelo sr. Forjaz, menos existe aqui seja o que fôr que se possa apontar como fonte de inspiração de um ou outro dos poetas incriminados.

As pombas

Álêm, sôbre a colina, em cujas lombas
Os mortos cavam sua cidadela,
Aninha à tarde multidões de pombas
Uma verde palmeira, altiva e bela.

Mas, mal ascende o sol, a caravana,
Como um colar que desbagôa as pérolas,
Desfaz as brancas tendas, sóbe e plana,
Sulcando o largo mar das ondas cérulas.

Tambêm, pelo crepúsculo, minha alma,
Como essas frondes, se engrinalda de asas,
Mas, colmeia de sonhos, áurea e calma,
Em breve a aurora a cresta em suas brazas.

Tradução de

César de Frias.

Demais o sabia o acusador, pelo que não apresentou a prova, limitando-se a bolsar a insinuação gratúita e nua.

Raimundo Correia tão honesto foi em denunciar as sugestões recebidas doutrem, que na 2.ª edição correcta e aumentada das *Poesias*, de 1906, com prefácio de D. João da Câmara, confessa numa nota colocada no seu termo «a influência dos poetas extrangeiros então mais em voga alli *(S. Paulo)*, de V. Hugo, de Th. Gautier.» E cita com precisão as poesias que sofreram essa influência, como o soneto *Vinho de Hebe*, de uma ideia haurida nas *Premières Poésies* de Madame de Ackermann. A não ser, pois, inteiramente original no seu soneto *As pombas*, porque não o confessaria também?

Mas, nada mais é preciso: a transcrição dos versos de Gautier, permitindo o cotêjo imediato com os sonetos de Nobre e do poeta das *Sinfonias*, dispensa outra argumentação: fornece a mais poderosa, a mais convincente.

E, agora, salvas da mesma assentada, as reputações dos dois excelentes artistas do verso, pergunto eu se não é merecedora de severa crítica a leviandade com que se arremessa uma acusação tão grave, como é a do plagiato, sôbre o renome jubilado de dois insignes poetas, só com o propósito de denegrí-los, de sujar--lhes a pureza, servindo um ponto de vista artificialmente condenatório e negativista?

E se eu usasse de igual processo na apreciação da obra de quem em tão pouco aprêço tem a honestidade literária dos outros? Poderia bem fazê-lo, quando encontrei aquela sua plaqueta *Violáceas*, cujos versos tanto se aproximam, pela fórma e pelo sentido, de uma poesia da sua vítima de hoje: António Nobre. Chamei-lhe apenas ali uma sugestão, quando a critiquei. Pois bem intensa e flagrante se mostra essa sugestão, onde até nem falta a escrita «com letra grande, como os matoides de Lombroso» de «palavras de significação corrente e vulgar». Já vejo que se o sr. Forjaz estivesse na minha situação não hesitaria em tais casos e, fugindo a meias medidas, classificaria o facto de plagiato escrito e escarrado, com todas as letras, sem apêlo nem agravo. E, quando me ofereceram a colaboração de que falo atraz, duma lista de plagiatos do sr. Forjaz, te-la hia aceitado, contente em extremo por poder confundí-lo, chamando-lhe ladrão literário, em vez de repelir, como repeli, com nôjo, essa contribuìção de escândalo para o presente trabalho. Tambêm, a ser leviano e mal intencionado como o sr. Forjaz, poderia lembrar que o *Fel* de José Duro, de quem se armou agora gritante advogado, anuncia na 1.ª edição, no verso da capa, a obra «'AN'ATKH» poema, e que *O Sol do Jordão* do sr. Forjaz, editado quatro anos depois, tambêm declara em preparação uma obra

com igual título. Poderia ainda apontar o quási paralelismo dalguns títulos das suas obras com os de obras de Fialho, o Mestre, um dos poucos mortos que o sr. Forjaz, talvez por superstição e por saber que tudo literáriamente lhe deve, não foi ainda maltratar na campa: *Lisboa Galante*, de Fialho, 1903—*Lisboa Trágica*, do sr. Forjaz, 1910; *Vida Irónica*, daquele, 1914—*Vidas Sombrias*, dêste, 1917; *Jornal dum Vagabundo*, sub-título em Fialho de quatro livros, *Pasquinadas* (1904), a citada *Vida Irónica, Á Esquina* (1915) e *Barbear, Pentear* (1916) —*Jornal dum Rebelde*, livro que o sr. Forjaz promete em *A Avalanche*.

Mas não. Não o fiz. E com essa abstenção só me encho de orgulho. Não procuro cimentar gloríolas faceis com *trucs* escuros e caluniadores, e para as festejar fazer uso de estrondosas bombas de clorato de potassa, azumbando escandalosamente os ouvidos da gentana.

* * *

Reconhece o sr. Forjaz que António Nobre teve encomiásticos julgamentos dos seus contemporâneos, e não só dêstes como de eminentes espíritos da geração posterior. Cita neste teor palavras de Alberto de Oliveira, Antero de Figueiredo e Júlio Dantas, comentando-as num tom de mofa e concluindo que elas não valem como críticas mas como panegíricos.

Foi, pois, com gáudio qne deu com o artigo de Moniz Barreto na *Revista de Portugal* de 1892, artigo que, na verdade, tem mais tonalidade crítica do que os outros, porque, indiscutívelmente, Moniz Barreto, por desfortuna das nossas letras, tão cedo ceifado pela morte, em qualquer hospital de Paris, a braços com a miséria, foi uma autêntica e forte compleição literária destinada a erguer à merecida altura um género que entre nós é tão precário—o da ponderada análise de valores mentais. Pelo menos, em independência de juizos, cultura, disciplina intelectual e intuìção emotiva, documentadas no seu artigo de perfeita sintese *A litteratura portugueza contemporanea* que veiu a lume na *Revista* de Eça, jàmais foi excedido por qualquer outra actividade escritural que tenha tentado o género na nossa grei literária.

Encontrou o sr. Forjaz o artigo de Moniz Barreto e vendo nele umas ou outras passagens que poderiam servir a sua campanha contra o Poeta do *Só*, foi-se a elas e copiou-as, isolando-as do resto do texto, alterando-lhes assim o sentido, como é manifesto.

Se Moniz Barreto escreveu «*Só* é uma collecção de versos, entremeados de prosas, impressas como versos», que o sr. Forjaz transcreve, acrescentou «e ao longo da qual desabafa e se manifesta a alma d'um verdadeiro

poeta». Diz que «Alma doente, o sr. António Nobre soube extrahir da sua doença effeitos de Arte singulares e ás vezes intensos.» Mais: «Em primeiro logar devo declarar uma coisa que nunca é indifferente a um escriptor, mesmo pessimista e possuido da nostalgia do nada. O livro do sr. António Nobre é uma consideravel manifestação de talento e um dos mais notaveis que se tem publicado ultimamente. O seu auctor tem lembranças de grande poeta. Algumas das peças que o constituem, como a *Vida*, *Os Cavalleiros*, são joias lyricas.»

E se comenta «A variedade dos themas explorados não é grande. Uma certa pobreza d'invenção se fará sentir depressa. N'este livro de versos que não tem as dimensões do *Mahabharata* esse efeito é visivel. As repetições não escasseiam,» logo ele próprio desculpa «e seria injusto lançal-as á conta do poeta. E' que a expressão do desespero é de sua natureza monotona, e o cadaver é susceptivel de poucas attitudes.»

Chama, na verdade, «deprimentes» àquelas impressões e sentimentos que António Nobre utilizou para tecer os versos do *Só*. E eis aqui descoberta a razão por que o sr. Forjaz, contra o seu costume, não foi muito longo nas transcrições do artigo de Moniz Barreto nem lhe apontou as partes mais salientemente oposicionistas à estética de Nobre. Bebeu-lhe sim as

ideias, e, mais adiante, mais atraz, vestiu-as com palavras suas, para convencer de que o seu juizo sôbre a essência do *Só* é legítimo filho do seu critério, é por inteiro original. Não é, conclúí-se agora ao ver o artigo de Moniz Barreto, que não copio integralmente, por escassez de espaço neste volume, que já vai longo. Moniz Barreto estivera já em atitude condenatória para com o *Só*, mas com a diferença que, como crítico verdadeiro que foi, guardou a precisa serenidade nos assertos que expediu, ao passo que o sr. Forjaz, apezar da sua promessa de ser sereno, logo às primeiras palavras se destrambelhou, e, vindo por aí fóra numa sarabanda epiléptica, não reproduziu apenas as opiniões críticas daquele, mas traduziu-as antes para linguagem baixa de insulto e de desordem. E' a diferença, e não pequena.

Mas, perguntar-me hão agora: se reconheço em Moniz Barreto uma superior capacidade de crítico e se ele se pronunciou, em parte, bem desfavorávelmente a respeito do *Só*, não se abala, em consequência, a minha admiração por António Nobre? Não. E não, porque o artigo de Moniz Barreto foi escrito numas condições de tempo muito diferentes das que vigoram hoje, e que permitem ver a personalidade do Poeta por outra prisma, que já obriga a certas correcções naqueles juizos. Moniz Barreto escreveu logo após a saida do *Só*, com o seu autor vivo

e não mostrando em nada conhecer-lhe a psicologia. Quem escreva hoje sôbre António Nobre está perante um fenómeno literário completo e consumado, obra e autor como objectos da crítica, àlèm de que, já fóra do ambiente que circundou o Poeta, mais nítido e desapaixonado lance de olhos póde ter tambêm para o estudo do estadio mental e artístico de que ele fez parte. E isto não é de somenos importância. Moniz Barreto tinha perante si apenas a obra. Hoje, o crítico tem como termos da sua equação, àlêm da obra, a biografia do autor e a perspectiva da época.

E, sobretudo, Moniz Barreto podia afoitamente verberar a recorrência a «impressões e sentimentos que a Psychologia moderna classifica de deprimentes, e que Espinoza condemnava na sua *Ethica* como destruidoras da energia e da integridade da alma», porque não tinha na sua bagagem literária umas *Palavras Cínicas*, umas *Vidas Sombrias* ou um *Tibério filosofo e moralista*, como o sr. Forjaz, e que desautorizam por completo êste sr. quando se ponha a exigir «livros sadios, poetas encorajantes», «livros que tragam e não livros que esgotem.»

* * *

Vá de escrever as últimas páginas dêste trabalho.

Vá de tirar as conclusões que ressaltam do que atraz ficou.

Censurava em 1915 o sr. Forjaz os moços de *A Galera*, pela falta de brilho e de beleza de que se ressentiu a sua homenagem então prestada a António Nobre. Tinha o sr. Forjaz bastante razão nessas censuras. Tinha-a nesse tempo.

Hoje, perdeu-a por completo, e colocou-se na situação de poderem os homenageadores de 1915 vir bater-lhe à porta, devolvendo-lhe os termos acres que então sôbre eles ousou expedir: «récua de líteras assim tão petulantes como idiotas.»

Porque o livro *António Nobre* é bem mais pobre do que o número especial daquela revista coimbran, dedicado ao Poeta do *Só*. Ali, ainda ha, ao lado das titubeantes primícias dos organizadores da homenagem, um belo artigo inédito do Mestre-Prosador Antero de Figueiredo e um outro de Alves dos Santos, bem interessante, àlêm do de Ferreira Lima, que o sr. Forjaz elogiou.

Mas os moços de *A Galera* tinham em seu abono, atenuando-lhes a falta, a sua idade juvenil e inexperiente, a sua bem recente familiaridade com as coisas literárias.

Nenhum, como o sr. Forjaz, tinha quási um decénio de literatura no pêlo e dez celebrados volumes sôbre o lombo.

Eles nada fizeram de grande. Pois o sr. For-

jaz nada de grande fazendo tambêm, quando deitou mãos ao mesmo cometimento, fez mau, fez ruim, fez especulação grosseira, errou intencionalmente, para armar a um determinado efeito.

Senão, folheie-se o livro do sr. Forjaz e procure-se lá o que ele exigia houvesse no citado número de *A Galera*: «O que havia a fazer seria uma série de artigos na fórma do de Ferreira Lima, cada um tratando o poeta sob a sua feição. Um, estudando a sua biografia: Outro o mal de viver dos seus versos: Outros a influência das viagens no seu temperamento. Um com gana medicatriz estudaria António Nobre sob ponto de vista amoroso.—Um terceiro investigaria da saudade na sua obra. Inéditos do poeta ou poesias pouco conhecidas seriam publicadas. A sua biografia seria estudada. Os seus intimos diriam da sua intimidade.»

Exigia tudo isto, e veja-se agora o que fez. Colocou-se em frente do Poeta e crivou-o de invectivas, ácidas em extremo. Substituiu aquele programa por um plano de ataque intensivo e sem quartel. Negou, negou, negou. Concedeu, como por favor, que Nobre tivesse tido talento. De resto, nada: nem sinceridade, nem emoção, nem receptividade artística. E chega aos epítetos de «cabotino» e «criatura inferior»...

Pois, onde está ali o estudo atento da biografia do Poeta? Onde uma interpretação in-

teligente do mal de viver dos versos do *Só?* Onde a demonstração de que o nomadismo de Nobre lhe deu feição especial ao temperamento? Análise medicatriz, existe ali alguma? Dos casos amorosos dele diz-nos o quê? O elemento da saudade na obra de Anto foi posto em destaque? Traz à luz inéditos ou poesias esquecidas? Entrevistou os íntimos do Poeta, para alguma coisa nos contar da sua intimidade?

Nada. Nada. Perante estas exigências feitas aos outros, faliu, faliu miserávelmente. Com esse escopo, nada nos deu de novo.

De novo, só o seu ponto de vista adverso ao Poeta, aluindo-lhe o crédito, pretendendo arrefecer-lhe em róda a temperatura de simpatia.

Novo, é como quem diz. Novo com pano velho: ressuscitando e vertendo para dialecto de insultos um juizo crítico de Moniz Barreto, como já provei.

E entreteve-se então com bugigangarias, como a do minucioso cotêjo das duas edições do *Só,* registando em mais de metade do volume as menores variantes, letra a mais, vírgula a menos, dando-se nisto uns ares de quem presta estimável serviço!

Para satisfazer ao estudo da influência das viagens de Nobre no seu temperamento, que faz? Vai ao *Só,* às *Despedidas* e a *A Águia,* que publicou muitos inéditos do Poeta, e tres-

lada as datas e as designações das localidades onde as poesias foram escritas, copia trechos destas, referentes a esta ou àquela terra, e nada mais. Onde está a influência das viagens no temperamento?

E, sempre obediente ao seu desígnio detractor, diz:

« ..não sentia decididamente amor pela França, nem mesmo por êsse Paris.

> Paris de Baudelaire!
> ....
> Paris de Verlaine e poetas sonhadores!
> Mais de mendigos ricos, de fidalgos salteadores;

(Despedidas, pag. 82)

«Ele mesmo o confessa nos seguintes dois versos:

> Paris que me acolheste n'agreste mocidade,
> Eu não te amo não, mas dou-te uma saudade.

(Despedidas, pag. 82)

«Não. Ele não amava êsse Paris que não reparou nêle.»

Soberba e imperiosa conclusão: Nobre não amava o grande e babilónico Paris, por despeito, por não sentir que esse Paris se interessasse por ele! E' espantosa a audácia da malévola conclusão! O arreigado e profundo nacionalismo de Nobre, tão avonde documentado nos seus versos, sempre luarizados de saudades do torrão na-

tal, não lembrou ao sr. Forjaz para explicar aquele desamor por Paris!... O despeito, sim, o amor-próprio ferido, a vaidade insatisfeita .. Como se o Poeta pudesse megalomânicamente sonhar com dominar em Paris, o grande almofariz de potentados, reis, príncipes, rajás, génios, sábios!...

Já é facciosismo...

Na biografia do Poeta que traz no fêcho do volume dá-nos alguma novidade? Nenhuma. Similhante, mais completa mesmo, publicou-a o ilustre escritor sr. Visconde de Vila-Moura no seu livro sôbre António Nobre.

Ha no trabalho do sr. Forjaz uma parcela de louvar. A bibliografia,—se bem que na parte que aponta e cataloga os escritos sôbre o Poeta seja ainda, e muito, deficiente. Ha muitos mais trabalhos ali não citados, focando aspectos da vida de Nobre e da sua obra.

Iconográficamente, tambêm o opúsculo é pobríssimo. Das 10 gravuras que estampa só o desenho de Roque Gameiro e o autógrafo constituem novidade. Todas as outras são os retratos mais divulgados de Nobre, ainda bem recentemente aparecidos no livro do Visconde de Vila-Moura, em *A Águia* e nas edições do *Só* e das *Despedidas*, n'*A Galera*, etc.

Mesmo: êste mínimo coeficiente de estudo útil, que veiu ali fazer, num livro que tem por fulcro demonstrar que António Nobre vive de-

masiado no culto das multidões, usurpando um lugar que de direito pertence a outros poetas maiores, como Cesário, Duro e Guilherme de Azevedo? Pois se injustamente o nome do Poeta do *Só* e a sua obra não cessam de inebriar, e nefastamente, no entender do sr. Forjaz, o cérebro do grosso público, para que apresentar ali a reprodução dos retratos, elaborar quadros comparativos e táboas cronológicas, em cuidados que melhor ficavam, e só aí, num trabalho de homenagem ao Poeta, e não num de oposição, como é o opúsculo em debate? Verbera que uma fogueira se mantenha viva e de tão altas chamas que dê ares de fogo sagrado, e, contudo, vai lançando também uma acha na fogueira! . .

Grande contradição esta, que, aliás, não é virginal no volume do autor da *Prosa Vil!* Muitas mais apresenta, como, por exemplo, quando afirma num ponto que o *sósismo* «com o seu autor nasceu, morreu e com êle foi definitivamente enterrado», para afirmar logo nas duas linhas seguintes a vitalidade dêsse *sósismo:* «E' que António Nobre exerceu e exerce uma acção deletéria, dissolvente . .» E' como o conto infantil do *Era, não era, andava na serra*. . .

Por isto e pelo teor das duas transcrições que puz no inicio deste capítulo, duns parágrafos do artigo do sr. Forjaz n'*A Luta* e da *Prosa Vil*, descobre-se bem nítidamente como

é forçado e da última hora êste critério adverso ao grande renome literário do Poeta do *Só*.

E' um *truc*, um postiço, uma máscara, afivelada por um momento ao rosto, para provocar, pela excentricidade, a atenção do público seu predilecto, a quem ele habituou o paladar ao gôsto de iguarias fortes e picantes.

Decerto viu que resultaria côxa, por falha de sinceridade, a diatribe que engendrava contra Nobre. Decerto viu como era ridículo e indiciava inconsciência o apodo de dissolvente e deletéria lançado sôbre a obra do Poeta, sendo ele, o sr. Forjaz, o desbragado produtor dum rol de livros, donde escorrem teorias venenosas e donde, por uma sistemática exegese do egoismo mais truculento e sórdido, tem emanado não pequena parcela da efervescência mórbida que pulveriza a nossa sociedade hodierna e ameaça levá-la ao maior cataclismo social: *commis-voyageur* da corrupção e do delírio, esquecia a fazenda antiga dos seus mostruários, que lhe tem enchido de lucros as algibeiras, e desatava agora num berreiro a reclamar mercadoria de alto valor ético e saudável!. .

Decerto o sr. Forjaz viu tudo isto: decerto, porque é inteligente. Mas, acima da sua inteligência pôs sua esperteza de industrial de períodos, como se intitula, e, ante a necessidade para o seu negócio de fazer mais um livro, ocorrendo-lhe a ideia de escrevê-lo tendo por te-

ma António Nobre, filosofou assim: se o escrevesse homenageando o Poeta, desde que no seu temperamento não existe forte intuìção psicológica, nada sôbre ele poderia dizer de novo, tanto mais que o assunto, depois de tantos trabalhos sôbre ele publicados, estava por assim dizer exáusto; restava o recurso, inédito, fecundo, detonante, de, embora torcendo-se, negando-se no que anteriormente escrevera, operar um movimento de reacção contra o culto acendrado pelo Poeta. Encontraria nisto resistência? Melhor. O embate da sua arremetida nessa muralha de almas defensoras de Nobre produziria estrondo, — e feito assim, pelo escândalo, pela irritação despertada, o rèclamo do livro, estava, implícitamente, decretado o seu bom êxito de venda. O encontro do artigo de Moniz Barreto, dando-lhe bordão, servi-lhe hia magníficamente, para dar à empreza uns vizos de seriedade.

Com tão sorridentes planos, pôs mãos à tarefa. Fez em sarrafos o bordão por fortuna achado, falquejou-lhe a seu bel-prazer os conceitos, pincelou-os à doida, a esmo, com a rubicunda tinta do insulto, e, como aparafuzados uns aos outros, davam pequeno volume, para atingir a costumada centena de páginas, meteu-lhe os chumaços de algodão que já indiquei.

E assim, de túnica vermelha como todos os seus livros, féro, gritante, demoníaco, o livro

aí corre no mercado, sem atestar que no seu autor vibre o desejo de progredir e de fazer melhor e mais belo hoje do que ôntem. Bem pelo contrário. Pois, em meu juizo, o seu *António Nobre* ficará na sua bagagem como a obra mais ilógica, antipática, desinteressante, inútil, exibitiva e irreverente à sobreposse.

E, se a série prometida *Os Bárbaros*, que êste volume iniciou, fôr toda assim, — pobre Fialho, pobre Camilo, pobre Eça! pobres todos os outros! O bárbaro de *Os Bárbaros* é muito capaz de pegar-lhes nos venerandos ossos, embrulhá-los nas capas encarnadas dos seus livros e cometer a barbaridade de ir vendê-los a uma refinação de açúcar!...

E se dos moços de *A Galera* disse o sr. Forjaz serem eles bons rapazes e não se terem lembrado do poeta senão para se fazerem lembrados, — eu, com franqueza, e como, graças ao Pai do céu!, não o conheço de perto, não direi que o cínico autor é bom rapaz, mas o que não hesito em dizer é que ele não se lembrou do Poeta senão para, mercantil e substanciosamente, ganhar mais uns cobres...

Finis: Laus vitæ

INDICE